



César Barreto Lima  
Saulo Barreto Lima

# O PRÍNCIPE DO NORTE

*A Lenda Chagas Barreto Lima*

RDS  
EDITORA

César Barreto Lima  
Saulo Barreto Lima

# O Príncipe do Norte

---

A Lenda Chagas Barreto Lima



Fortaleza – Ceará  
2018

Copyright © 2018  
César Barreto Lima / Saulo Barreto Lima

**CAPA**  
José Dorian Sampaio

**FOTO DA CAPA**  
Patriarca Chagas Barreto Lima aos 38 anos (Sobral, 1925)

**FOTOS**  
Arquivos do autor

**REVISÃO**  
Do autor

**IMPRESSÃO**  
RDS Gráfica e Editora Ltda.  
Rua Carlos Câmara, 1048 – Fone: 3046.1048  
rds1048@gmail.com

Catálogo na fonte  
Maria Zuila de Lima, CRB/3 – 405

---

Lima, César Barreto

O príncipe do norte: a lenda Chagas Barreto Lima / César Barreto  
Lima e Saulo Barreto Lima. \_Fortaleza: RDS, 2018.  
208p. il.:

ISBN: 978-85-7997-178-5

1. Lima, Chagas Barreto, Biografia.  
I. Lima, Saulo Barreto. II. Título

CDD: 922

---

## Dedicatória

*In memoriam* à Porcina Barreto, Maria Alice Barreto, Socorro Barreto, Margarida Barreto, José Maximino Barreto, Cesário Barreto, Luciano Thebano, Flamarion Barreto, Joaquim Barreto Lima, Maximino Barreto Lima.

# Depoimento

## O Chagas Barreto Que Conheci

Eu, José Ribamar Ponte, mais uma vez, lembrado pelo engenheiro, poeta, filho de coração, César Barreto, tenho a honra e a responsabilidade de relatar, uma, dentre muitas ações humanitárias, do patriarca dos Barretos, hoje o PRÍNCIPE DO NORTE, senhor Chagas Barreto.

Eu, , mais uma vez, lembrado pelo engenheiro, poeta, filho de coração, César Barreto, tenho a honra e a responsabilidade de relatar, uma, dentre muitas ações humanitárias, do patriarca dos Barretos, hoje o PRÍNCIPE DO NORTE, senhor Chagas Barreto.

A história a seguir, foi contada por Sitônia e Maria de Lourdes Lins Torres, que conviveram durante mais de meio século, com os personagens envolvidos.

O que de coração se faz, por todas as pessoas é lembrado.

Sia Rufina era viúva, nascida e residente em Santa Quitéria - CE trabalhava como doméstica na residência do padre. Padre Eurico Magalhães, Vigário da cidade, na época.

Padre Eurico foi transferido para cidade de Sobral - CE, para ser vigário da Matriz, onde passou muitos anos, trazendo consigo a sua funcionária de confiança. Sia Rufina tinha duas filhas, Sitônia e Ana.

Ao chegar à cidade, Sia Rufina, alugou uma casa junto ao Sr. Chagas. De início, o aluguel era pago com certa facilidade, assim, a mudança havia sido benéfica, estava tudo certo. Contudo, após a transferência do Padre Eurico para a paróquia do Rio Grande, a sua funcionária perdeu o emprego.

A atividade da senhora ficou reduzida a serviços esporádicos de lavagens de roupas, que, de porta em porta, oferecia.

Tudo foi se tornando mais difícil para a atividade de uma funcionária doméstica, com hábitos cartesianos. Assim, Sia Rufina, iniciou busca por uma nova colocação, por um novo emprego, inclusive, buscando outra casa para fixar sua residência, pois na casa que vivia, não conseguia cumprir seu compromisso, pois o que ganhava, não satisfazia suas obrigações essenciais mínimas.

Foi quando levaram o assunto ao conhecimento do Sr. Chagas, esse ouviu pacientemente e, informou que, a casa que outrora era alugada, agora pertencia à senhora Rufina e suas filhas.

Assim, o Príncipe do Norte, realizou uma silenciosa ação humanitária.

Em seguida, Eu, Ribamar Ponte, no ano de 1955, quando regressava de Santana do Livramento – RS, onde residia e trabalhava, por navio, conhecido como ITAIMBÉ, ao atracar no Porto do Rio Grande, fui lembrado pela minha saudosa esposa, Maria do Socorro, que o ex vigário de Sobral, morava ali e que, como católica fervorosa, gostaria de visitar. Fomos, então visitar o Pe. Eurico Magalhães, que, além de amigo da família, era compadre de José Gaudim Lins, meu sogro. O vigário, de forma saudosa, contou esse acontecido, com as lágrimas nos olhos de agradecimento ao Sr. Chagas Barreto.

Hoje, após mais de 90 anos, lá ainda vivem pessoas criadas pelos mecenas, sem serem molestados por ninguém.

Palavras de homem que o tempo só consolida.

**José Ribamar Ponte**

*Advogado, bancário aposentado do Banco do Brasil, sobralense do Salgado dos Machados e amigo leal da família Barreto Lima*

# Agradecimentos

Sempre, primeiramente, ao SENHOR JESUS CRISTO. O Rei dos reis, Senhor dos senhores, Mestres dos mestres, Sábio dos sábios, dono de todo o entendimento.

Ao Excelentíssimo Presidente da Câmara de Vereadores de Fortaleza Salmito Filho, ao Presidente da Assembleia Legislativa do Ceará José Albuquerque e ao empresário iguatuense e amante das letras Antônio Luís.

Aos senhores José Sabóia e Ernesto Deoclesiano, (ambos *in memoriam*), por terem acolhido o menino Chagas, dando-lhe importantes lições morais, cívicas e éticas, substratos necessários para formação de qualquer homem de *caráter* em sociedade.

Aos nossos pais Charles Arnaud Pires Fernandes, Maria Cesarina Barreto Lima Fernandes, Cesário Barreto Lima e Maria Tamar Pierre Barreto pelo divino dom da vida.

Aos meus adorados Júlio César Freire Barreto Lima, Marina Freire Barreto Lima, Ana Cláudia Freire Barreto Lima e Maria Ângela Freire Barreto Lima.

Aos Escritores e amigos ex-Governadores Lúcio Alcântara e Gonzaga Mota.

Aos memorialistas Arnaud de Holanda Cavalcante, Assis Arruda, escritor João Teófilo Pierre, Dimas Macedo, Carlos Aguiar, Mauro Benevides e poeta Juarez Leitão.

Aos preciosos amigos: José Ribamar Ponte Filho, José Artur Pinheiro, Aloísio Cruz e Marcondes Herbster Ferraz, Francisco Quirino Rodrigues Ponte e Dr. Francisco Quintino Vieira Neto. Aos amigos que são verdadeiros exemplos de cidadania, Senhor Raimundo Cidrão, Dona Alda Pinheiro e Antônio Félix Ibiapina. Aos irmãos José Dorian e Dorian Filho da Editora RDS.

Aos fiéis colaboradores José Maria das Chagas, Wallucia Sales, Paulo César (Xerife), Osci Pinheiro, Bá e Sônia Ávila, Walter Santana, ao ex-governador Cid Ferreira Gomes e aos amigos Moisés Cisne e Eduardo Cidrão, Sérgio Azevedo e Dona Rita Maia.

Agradecer a valorosa Imprensa do nosso Ceará: aos jornalistas Tom Barros, Paulo Oliveira, Antônio Viana, Wolker Gomes, Pedro Gomes de Matos, Sônia Pinheiro, Pedro Sampaio, Edival Filho, Magela Galvão, Artênio Mesquita Tidi, Expedito Vasconcelos, Ivan Frota, Betto Guerra, Antônio Viana, Marques Araújo, Macário Batista, Carlinhos Eloy, Rodrigo Maia, Sérgio Pinheiro, Carolino Soares, Viana Farias, Rui Silva.

*In memoriam* ao escritor Lustosa da Costa, “familiar de alma”, incansável em divulgar a história e a literatura sobralense planeta afora. Imortal, autor de quase 30 obras, dentre elas *Clero, Nobreza e povo de Sobral, Sobral cidade de cenas fortes, Sobral do meu tempo* e o romance, *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares*. Todas de alto valor literário, recebendo prêmios e sendo aclamado pelos mais renomados intelectuais do Brasil e do mundo.

Ao primo Gilton Barreto, pesquisador incansável historiador de sua terra e de sua gente, especialista na história de Viçosa do Ceará, sua cenográfica cidade.

Ao primo, o Senhor Procurador Martonio Mont’ Alverne Barreto Lima Ph.D., Ex-prefeito interino da capital Fortaleza, professor, jurista, autor de diversas obras jurídicas e assim como eu bisneto do biografado

E aos imortais (*in memoriam*) “escribas” da família:

Ao Poeta Maior: José Coriolano de Souza Lima, (29 de outubro de 1829 - 24 de agosto de 1869), também chamado “J. Coriolano”, e que do qual tenho a honra de *pertencer* à mesma e frondosa Árvore Genealógica.

Ao Jornalista Mártir Deolindo Barreto Lima, fundador do Jornal *A LUCTA*, barbaramente assassinado em sessão da Câmara Municipal de Sobral, à mando das oligarquias locais, autor também do suposto livro *Vida Alheia* e ao seu filho, o escritor socialista, aviador da FAB, Jocelyn Brasil, autor de vários livros, sobretudo, sobre política e futebol.

Ao professor, historiador e general Luis Flamarion Barreto Lima, autor de diversos livros sobre história militar.

Ao Padre Correia Lima, autor de *Vendo a vida passar*.

Ao professor, político e escritor Raimundo Raul Correia Lima. Autor de *Conhecimentos Gerais: História e Curiosidades*; *Minha História: Trabalho, Recordações e Pecados*; *Recordações / Recordar é Viver: Histórias que Revoltam, Gemem, Riem e Choram*; *Uma Excursão Curiosa, Vida e Morte do Ser Humano: A Vida é Sofrer*, *Crateús: dos índios Caratiús ao homem civilizado* e *Meus Avós: As Origens da Família Correia Lima* e outras.

# Prefácio

Incumbiram-me César Barreto (meu primo-irmão) e Saulo, filho de minha prima Cesarina (Sinhazinha da tia Margarida) da árdua, porém, gratificante tarefa de apresentar, prefaciado, mais um livro de autoria dessa dupla dinâmica, intitulado **O PRÍNCIPE DO NORTE**.

Outrora, havia eu já prefaciado o livro de César, um dos *best sellers* da rica produção literária de César, *Histórias e Estórias de Sobral*.

Se a primeira incumbência pesou em meus ombros, agora, a responsabilidade e dificuldade aumentou.

É que o novo livro fala, nada mais, nada menos, da biografia do grande timoneiro FRANCISCO DAS CHAGAS BARRETO LIMA.

De fato, sinto, como neto do biografado, um sentimento misto de satisfação e de grande responsabilidade ao aceitar o convite.

Herdei o nome do velho timoneiro, homenagem que meus pais fizeram a meu avô materno, tal como ocorreu em relação a outro descendente seu, o neto Chagas, mais velho que eu (já falecido), filho de minha tia, a doce Margarida e ainda um sobrinho-neto, filho de Santana, sua sobrinha filha.

Pois bem.

Como apresentador dessa nova criação literária, embora cômico da responsabilidade desta incumbência, a segurança de bem exercer o mister a mim dado vem do fato de eu ter convivido bastante tempo com meu avô Chagas Barreto, especialmente na última década de sua existência. Eramos, de fato, muito ligados e por isso, era também o neto que ele escolhia para acompanhá-lo

nos veraneios que costumava fazer em sua casa no Sítio Santa Úrsula, na aprazível e fresca Serra da Meruoca.

Agraciado também fui, enquanto apresentador da obra literária, porque pude sorver, em primeira mão, os escritos, ainda no prelo, da biografia de meu queridíssimo avô, timoneiro da família, o inesquecível FRANCISCO DAS CHAGAS BARRETO LIMA, o Sr. Chagas Barreto, Coronel e/ou Major Chagas Barreto, como mais precisamente ficou conhecido na heráldica cidade de Sobral, especialmente em sua ancianidade.

Como é cediço, no início da República Brasileira, nascida à revelia da vontade do povo e mais por força de uma quartelada que desejava até então depor o Primeiro-ministro do Império, que acabou, via de consequência, destronando o próprio Imperador, o grande estadista Dom Pedro II, era comum a outorga e distribuição de títulos de coronéis a capitães da Guarda Nacional.

Tratava-se, na verdade, de uma substituição aos títulos de condes, viscondes, barões e etc, comuns no período imperial.

Era uma maneira de o novo regime conquistar a simpatia de grandes fazendeiros e homens ricos, em troca do apoio à república implantado no Brasil a ferro e a fogo.

Até o temível cangueireiro Virgulino Lampião recebeu o pomposo título de capitão da Guarda Nacional, na cidade de Juazeiro do Norte (a Meca do Nordeste), que lhe foi outorgado pela República, a pretexto de combater a Coluna Prestes.

Já o biografado Francisco das Chagas Barreto Lima, embora contemporâneo desta época, pois nascido ainda no Governo Imperial de Sua Majestade, o Imperador Dom Pedro II e atingido a sua maioridade no decorrer da Velha República, nunca fora agraciado com tal título honorífico republicano. Malgrado não tê-lo recebido pelas vias oficiais, recebera ele do Povo de Sobral a simpática alcunha, de coronel e outras vezes de

major. Aliás, major Chagas era como se referia a ele o sobrinho filho Maximino Barreto Lima, que ao aconselhar aos parentes e amigos a seguir o exemplo do velho timoneiro, sempre se expressava: *estude pela cartilha do major*.

O povo é sábio ao dar títulos a quem os merece e assim bem o fizeram quando santificaram **Antonio Conselheiro**, o “**Padim Padi Ciço**” de Juazeiro do Norte e nossa **Santa Romana**, da Serra da Meruoca, verdadeiros santos milagrosos aos olhos do catolicismo popular, em que pese a repulsa da Sé Romana.

De fato, a alcunha lhe caía bem, pois sonhava ele, desde tenra idade, de servir e fazer carreira no glorioso Exército Brasileiro.

Talvez isso explique porque ele foi um grande conhecedor das conquistas militares de Napoleão Bonaparte e da própria história do nosso Exército, quando em beligerância na Guerra do Paraguai, na segunda Guerra Mundial e outras campanhas.

Empolgado fico, ao falar em Chagas Barreto. Por isso, corro o risco, como sem pretender faço agora, de adentrar em sua biografia, afastando-me de meu mister de tão somente apresentar a seus leitores este brilhante digesto literário. Porém peço vênia aos biógrafos para dar conhecimento aos leitores que Chagas Barreto Lima não foi estudar na Escola Militar na Cidade do Rio de Janeiro, por mero capricho do acaso.

Explico.

Meu saudoso avô me confidenciou, nos incontáveis momentos em que passávamos juntos conversando na calçada de sua casa, à boquinha da noite, logo depois da chegada do vento Aracati trazendo umidade e alívio ao seco e cálido sertão, que um tio seu, irmão de sua mãe Porcina Augusta e, conseqüentemente, meu tio-bisavô, que chegara a patente de general, o Gen. Epaminondas, de passagem por Sobral para visitar seus familiares, a caminho dos Estados do Norte a serviço

do exército, tomando conhecimento de que o jovem sobrinho Chagas desejava seguir a carreira militar, comprometeu-se em encaminhá-lo na tão brilhante carreira ardentemente desejada.

Ocorre que ao chegar no Amazonas, tal como ocorreu com Euclides da Cunha, soube o general Epaminondas que sua esposa o havia traído na Cidade do Rio de Janeiro e o jovem Chagas, que nada tinha a haver com os deslises de sua tia afim, acabou por “pagar o pato”, pois o tio Epaminondas caiu em irremediável depressão e esqueceu o compromisso assumido com o dileto sobrinho.

Entretanto, não seguiu a carreira militar, mas foi soldado a vida inteira e dos bons, em nível de Caxias, Rondon e Castelo Branco.

Passemos, então, a que me proponho, a apresentação do livro, O Príncipe do Norte.

Ao ler, pois, O PRÍNCIPE DO NORTE, ainda no prelo, percebi, de logo, que essa obra literária não cai no vazio comum de outras enfadonhas biografias, que somente se preocupam em apresentar dados do biografado, sem se importar em situá-lo no tempo e no espaço.

Aqui, pelo contrário, o mundo do biografado, quer ainda em sua primeira infância, na Cidade Príncipe Imperial, hoje Crateús, à época pertencente ao Piauí, quer em Sobral, a cidade que o adotou como filho, na juventude e na fase adulta, como comerciante, proprietário da Sapataria Ideal, da firma F. Chagas Barreto e Cia e depois da Casa Chagas Barreto, é apresentado com esteio em rigorosos dados históricos, políticos, sociológicos e econômicos de cada época, de modo que o leitor se transporta e vive cada tempo vivido pelo Príncipe do Norte.

De outra sorte, tal como ficou distribuído em seus capítulos, os autores não se preocuparam tão somente em nos apresentar o Sr. Chagas Barreto, um homem sábio, probo, empreendedor, de

hábitos modestos, poupador de suas economias, e ainda assim, possuidor de gestos filantrópicos, e altruísticos, mas também procuraram mostrar a benfazeja influência de seu exemplo de vida para seus filhos, sobrinhos e netos.

Dai o brilhante desdobramento em capítulos, de uma biografia sintética de quem por ele foi educado: de CESÁRIO, o sucessor natural; de seu sobrinho QUINCA: o oceano de bondade, de FLAMARION, um nome para a galeria do glorioso Exército Brasileiro, de LUCIANO THEBANO e o caso do naufrágio do navio Baependi; de José MAXIMINO, “*The teacher*” e das filhas, Margarida, Porcina, Maria Alice e Maria do Socorro.

*É como se quizessem comprovar os biógrafos o famoso adágio popular:*

***“quem saía os seus não se degenera”.***

*Bem-vindos, pois, a mais um belíssimo digesto literário de Cesar Barreto, desta feita, não mais elaborado **monocraticamente** (perdoe-me o termo judicialesco), mas agora a quatro mãos, já que o livro tem como co-autor o Jovem e brilhante escritor Saulo Barreto, bisneto do biografado.*

*Boa leitura.*

**Francisco Chagas Barreto Alves**  
*Juiz de Direito*  
*Neto materno do Príncipe do Norte*

# Sumário

## PARTE I LIGEIOS ASPECTOS BIOGRÁFICOS

1. CRATEÚS: Berço de Vultos.....	21
2. ASCENDENTES, IRMÃOS E INFÂNCIA .....	34
3. SOBRAL: O Arvorecer de uma Saga.....	49
3.1 SAPATARIA IDEAL: Nasce um sonho .....	60
4. CASA CHAGAS BARRETO: Ascensão de um império ...	72
4.1 CERVEJARIA BRAHMA .....	85
4.2 MOINHO DA LUZ .....	87
5. IRMÃOS BARRETO .....	93
5.1 MAXIMINO: O Braço direito .....	93
5.2 DEOLINDO: Um Mártir da Imprensa Brasileira .....	97
6. DEUS: Único temor .....	112
7. FILANTROPIA: Coração nobre, alma de pobre.....	120
8. MATRIMÔNIO: Maria Cesarina Lopes Barreto (Sinhá)..	131
9. A MORTE DE UM LÍDER.....	143

PARTE II  
BARRETADAS – (CAUSOS DO VARÃO)

1. Coração de Criança .....	151
2. O Delegado Substituto .....	153
3. Um Mágico Sapateiro .....	158
4. O Pagador de Promessa .....	162
5. A Bondade de Chagas Barreto.....	166
6. Lei das Sociedade Anônimas .....	170
7. A Buzina .....	173
8. O Noivado de Damião .....	176
9. A Filosofia do Seu Gil .....	180
10. Golpe de Mestre.....	183

PARTE III  
ICONOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA

Iconografia .....	189
Bibliografia.....	207

# PARTE I

---

## LIGEIROS ASPECTOS BIOGRÁFICOS

# CAPÍTULO 1

---

## CRATEÚS: Berço de Vultos

*“Nascer pequeno e morrer grande,  
é chegar a ser homem.”*

Padre Antônio Vieira

Nosso *biografado*, Francisco das Chagas Barreto Lima, veio à luz – como já dissemos - na cidade hoje, com o nome oficial de Crateús (antiga Vila Príncipe Imperial), pertencente ao estado do Ceará, *situado* na Região Leste do Nordeste, configurando como uma das 5 macro regiões que compõe a República Federativa do Brasil.

Por aquelas terras, seu nome ainda é muito pouco versado, pois aos 7 (sete) anos, teve de ser levado pelas mãos de sua avó Mariana Augusta Barreto - juntamente com grande parte da família –, para a cidade de Sobral.

Esta, também, localizada no Estado do Ceará, distante 169,88 km, em linha reta, da onde nascera. Assim como muitas outras famílias retirantes, partiram *corajosamente* em busca de melhores condições e oportunidade de vida.

Não há registros e/ou informações de que o Sr. Chagas Barreto, depois de ter partido, tenha retornado à sua cidade natal. No dia 14 de novembro de 1977, em discurso na excelsa Câmara Federal dos Deputados em Brasília, o Excelentíssimo Sr. Deputado Marcelo Linhares nos ventila a seguinte informação:

Para Sobral veio aos 7 anos de idade, em companhia de sua avó, Mariana, matriculando-se numa escola pública de primeiras letras, em prédio localizado à Rua Senador Paula, hoje denominada Av. Dom José.<sup>2</sup>

Insta ressaltar, que o final do século XIX, reservou ao nordeste dois duros golpes, especialmente em plano político-social e climático. Segundo o historiador e membro da ABL (Academia Brasileira de Letras<sup>3</sup>) Evaldo Cabral de Melo, após o ano de 1850, com a proibição a escravidão, parte dessa mão de obra alforriada e “ociosa” migra da região nordestina para prestar serviços nas recém-instaladas lavouras de Café do sudeste. Esse fator, somatizado a forte vinda do contingente europeu ao sul do país, acabou fazendo com que o Nordeste perdesse o domínio geopolítico do país, tornando-se, desse modo, uma região “subalterna” perante ao novo poder central constituído.

Fora esse quesito, é bom que se diga que dos anos de 1877 (ano de nascimento do biografado) a 1879, a região nordestina, de modo geral, enfrentaria a pior seca dos últimos 100 (cem) anos. Essa mazela da natureza resultou num forte êxodo e na hecatombe de mais de 500 (quinhentos) mil sertanejos nordestinos mortos, pelas consequências diretas e indiretas da bárbara e atroz estiagem.

Dentre os municípios que mais foram assolados por conta desse “genocídio natural”, temos aqueles que compreendiam as sub-regiões do Sertão Central, do Sertão dos Inhamuns e do Sertão de Crateús. Por conta dessa tragédia, o *poder central* desenvolveu em 1945, um órgão específico para combater o drama da seca, o Dnocs (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas).

As condições gerais e as circunstâncias vividas que ora se apresentavam, incutiam na *psique* da família do recém-nascido Chagas, um forte instinto por sobrevivência e de transformação de vida. A conjuntura apresentada obrigou a esfervilhação de novos pensamentos na família, com intuito de preservar e garantir um futuro digno àqueles rebentos noveis recém-egressos na dura *jornada* que é a vida.

Mesmo em Crateús, já se ouvia rumores de que o “progresso” havia chegado a Sobral e de que lá, a cidade despontava como um polo promissor com boas oportunidades de trabalho; com

instituições de educação e saúde bem aparelhadas e consolidadas, além de indústrias instaladas e um forte comércio *baseado* na compra e venda de derivados do gado e em especiarias diversas (grãos, tecidos e bebidas), com forte valor econômico agregado.

Ao que se pressupunha, a atroz estiagem não havia abalado tanto a vida econômica da bela e moderna cidade de Sobral, que sempre contou com os auxílios providenciais do aguerrido Rio Acaraú e o ímpeto *resiliente* de seu povo.

A bem da verdade, é que Sobral se destacava sim como a “capital” geopolítica da Região Norte cearense e como entreposto, onde se importava, escoava e exportava a boa parte da produção agropecuária cearense pelo Porto de Camocim. Além disso, a Princesa do Norte figurava como rota de passagem de viajantes e cargas (por via férrea ou rodoviária) advindas da capital Fortaleza para os estados do Piauí, Maranhão, Pará e vice-versa.

Falando um pouco mais da cidade de Crateús, citemos que ela, geograficamente, encontra-se situada nas intermediações do “pé” da Serra da Ibiapaba<sup>4</sup> (ou Serra Grande) e do Rio Poti, na compreendida como microrregião do Sertão<sup>4</sup> de Crateús, que do qual, abrange também, parte do Estado do Piauí. Quanto ao seu posicionamento global, Crateús possui como coordenada geográfica as seguintes medições: Latitude (S) - 5° 10' 42» e Longitude (WGr) - 40° 40' 39” e localização Oeste no mapa cearense.

Vejamos um trecho da descrição “poética-geográfica” de Crateús pelas palavras do escritor Pe. Geraldinho Oliveira:

Delimitados a oeste pelas silhuetas azuis da cordilheira do Ibiapaba, e ao sul, com as escarpas reluzentes e palpantes dos contrafortes da serra da Joanelha, esparramam-se e se alargam os amplos e vastos sertões de Crateús, no formato de um grande e imenso anfiteatro florístico e numa abrangência física e megaestática que lhes imprime beleza e peculiaridade próprias. São os sertões de Crateús. O Vale do Poti abrange e cobre uma extrema área de 180 km de extensão por 120

de largura. Assim plasmados, no feitio de um grande prato geográfico, avançam, estendem-se e debruçam-se os sertões do Crateús, de sudeste a oeste do Ceará, seguindo o declínio das águas do Poti, enjaulados, porém, pelos paredões mimosos das serras Joaninha e Ibiapaba.

Quanto da importância do Rio Poti, o mesmo autor assevera:

O Rio Poti é a coluna vertebral dos sertões de Crateús. O pequeno Nilo deste imenso vale do noroeste do Ceará. O manancial que congrega populações e os rebanhos deste mesmo sertão. Sem ele, sequer existiria a cidade de Crateús. (...) Tem como vertentes primárias os riachos Correntes, Jucá, Santa Luzia, Barreiros e uma centena de grotas, grotinhas e grotões. (...) antes de chegar a cidade de Crateús, oficialmente é cognominado Alto do Potim ou Itaim-açu (...) Numa palavra, do acasalamento potâmico do Rio Meio com o Itaim nascera o atual Poti e desta amálgama aquosa, emergira o pequeno Nilo dos sertões de Crateús. (...) Agora suserano de uma pletora de exuberante massa líquida, o Poti inclina-se em definitivo, rumo a cidade de Crateús. (...) três fatores muito próprio do Poti: 1. Alta velocidade do deflúvio por conta do declínio do leito; 2. Um leito pedregoso de pedras quinadas; 3. Tendência das margens à erodibilidade.<sup>7</sup>

A cidade possui como Municípios Limítrofes ao Norte (Tamboril e Iraporanga), ao Sul (Novo Oriente e Independência), ao Leste (Independência e Tamboril) e ao Oeste (Poranga e o Estado do Piauí). Conta com uma Área Absoluta de 2.988,41 km<sup>2</sup> e densidade demográfica 24,37 hab/Km<sup>2</sup> (dados de 2011). Em toda sua extensão, o município de Crateús (sede), é subdividido em 13 (treze) distritos, a saber: Assis, Curral Velho, Ibiapaba, Irapuá, Lagoa das Pedras, Montenebo, Oiticica, Realejo, Santana, Poti, Santo Antônio e Tucuns. Seu aspecto climático é, predominantemente, tropical e marcado pela oscilação de climas como o Quente Semiárido Brando com o Tropical Quente Semiárido. Seu relevo é marcado fortemente pela influência

do Planalto da Ibiapaba, Depressões Sertanejas e dos Maciços Residuais. Vegetação diversificada impressiona e marca o visitante por conta de uma região marcada pela ocorrência de Caatinga Arbórea e Arbustiva Aberta, pela Vegetação de Carrasco, pela Floresta Caducifólia Espinhosa, Mata Seca (Floresta Subcaducifólia Tropical Pluvial) e xerófita arbustiva densa de caules finos.

Na caatinga crateuense é possível encontrar mais de 320 espécies de plantas, dentre elas uma das mais expressivas são as gameleiras, aroeiras, catingueiras, angicos, mofunbos, paus-d'arcos, etc. No campo zoológico, há estimativas de que existam mais de 55 dentre répteis e anfíbios e aproximadamente 170 espécies de aves, das quais se *destacam* o pica-pau-anão e 36 de mamíferos, nos quais dois felinos já estão catalogados como ameaçados de extinção: o gato-do-mato e a onça-parda.

Apesar das perdas de parte da fauna e da flora pelos constantes desmatamentos, ainda assim partes desse patrimônio ainda são protegidas por conta da instalação da Reserva Natural Serra das Almas, reconhecida como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) pelo IBAMA.

Adentrando, agora, nos primórdios históricos da cidade de Crateús e bom que se ressalte, que talvez, essa urbe tenha sido uma das cidades brasileiras que mais sofreu reveses (variações toponímicas) quanto da sua denominação (vide nota 1 do Capítulo 1). No princípio, nas terras conhecida hoje como Crateús, viviam índios da etnia *Karetiús* ou *Karatis*. No Século XVII, começaram a invadir essas terras, diversos “colonizadores” dentre eles portugueses, bandeirante e sesmeiros.

Um desses invasores mais proeminentes, foi sem dúvidas Domingos Jorge Velho. Este, ficou incumbido – por meio de um “sertanismo de contrato” – de dizimar centenas de índios da região compreendida pela região banhada pelo Rio São Francisco. Domingos, com o demérito de ter *manchado* suas mãos com sangue indígena, teve uma participação crucial na formação histórica e social do Estado do Piauí.

Vejamos as considerações da pedagoga Cheyla Mota:

(...) os percussores dessas terras foram os índios da tribo Karetiús ou Karatis que aqui viviam de modo primitivo: caçando, pescando e plantando. A rotina do povo indígena sofrera mudanças, quando aqui chegaram novas pessoas com quem a tribo Karetiús passou a dividir suas terras. Esse novo povo chamado “colonizador” eram portugueses, bandeirantes e sesmeiros do século XVII. Imaginamos que alguns desses colonizadores eram apenas espíritos aventureiros, outros indivíduos com objetivo impulsionado pelo desejo de conquistar territórios alheios, ainda que vestidos por um tipo de sentimento ‘pátrio’, e com isso resolver o heroísmo dos primeiros homens bravos que pisaram o solo brasileiro. Quando aqui chegaram, bandeirantes e sesmeiros como Domingos Afonso Sertão (Mafrense), Bernardo Pereira Gago, Julião Afonso Serra, Francisco Dias de Ávila, Leonor Pereira Marinho, Vital Maciel Parente e Luiza Passos, trouxeram consigo a força física e o pensamento trabalhado para dominar, não só essas terras, mas o nordeste.

Crateús tem como um de seus mais importantes divisores historiográficos, o fato que se deu quando uma baiana chamada Luiza Coelho da Rocha Passos - que era descendente de membros da Casa da Torre - resolveu criar a Fazenda Piranhas à margem esquerda do Rio Poti. Logo após, para receber uma imagem sacra, determinou a ereção de uma capela *em homenagem* ao Senhor do Bonfim.

Com a capela, casas foram construídas em seu entorno, favorecendo também, a consolidação do comércio já em desenvolvimento. Assim, o pequeno aglomerado vai se tornando um povoado. Por força do Decreto nº 6 de 6 de julho de 1832 foi emancipada e criada, então, a Vila Príncipe Imperial. Sua instalação ocorreu no dia 11 de novembro de 1833, *inclusive* contando com a primeira sessão da Câmara dos Vereadores.

O escritor Flávio Machado e Silva diz:

Dona Jerônima Jardim Fróes era viúva do bandeirante Domingos Jorge Velho, fazendeira em Piancó (PB). Por ocasião da morte de seu marido em 1703, requereu estas terras ao Rei de Portugal, alegando que seu esposo muito lutara para expulsar os indígenas de lá. Tendo o rei atendido ao seu pedido, esta senhora faleceu pouco tempo depois, sem deixar herdeiros. As terras retornaram ao domínio real, que as colocou em hasta pública e em 24 de outubro de 1721, Dom Garcia de Ávila Pereira, da Casa da Torre, as arrematou pelo valor equivalente a 4.000 Cruzados. Depois, Dom Ávila vendeu parte das terras à dona Luiza Coelho da Rocha Passos uma baiana descendente da Casa da Torre, e esta doou meia légua de terra de um lado e outro do rio, somando uma légua, para formar o patrimônio do Bom Jesus do Bonfim, tendo, Dona Luiza, constituindo o senhor João Ribeiro Lima como seu procurador para a realização dos negócios. Em 1792, sob o comando do procurador João Ribeiro Lima, surgiu a fazenda Piranhas à margem esquerda do Poti, onde fora, antes construída uma capelinha a mando de dona Luiza, e depois, a referida senhora doou também uma imagem do senhor do Bonfim que veio de Salvador – BA para cá conduzidas em braços dos escravos.<sup>9</sup>

Ainda nessa linha, Silva acrescenta:

Algumas casas foram, pouco a pouco, sendo construídas nas proximidades do rio e da capela, e no segundo quartel do século XIX, em 06 de julho de 1832, o pequeno povoado foi elevado à categoria de vila, com o nome de VILA PRÍNCIPE IMPERIAL, passando na mesma data, a ser sede da freguesia do Bom Jesus do Bonfim, obedecendo ao bispado do Maranhão. Tempos depois, o nome da freguesia mudou para Senhor do Bonfim. Em 1888, o Papa Leão XIII desmembrou a Freguesia do Senhor do Bonfim do Bispado do Maranhão, integrando-o com a de Santana de Independência na Comunidade Católica do Ceará. Em 18 de janeiro de 1889 foi integrado ao bispado de Fortaleza, e em 1915, à diocese de Sobral.<sup>10</sup>

Em 22 de outubro de 1880, outro momento crucial na formação da cidade. É baixado o Decreto Imperial de N° 3012

que trocava os municípios Príncipe Imperial e Independência pelo território chamado de Amarração (que hoje compreende as cidades do litoral piauiense Luís Correia e Parnaíba). Nove anos depois, consoante o Decreto nº 1 de 2 de dezembro de 1989, a vila passa se chamar CRATHEÚS com “h”. Em 14 de agosto de 1911, Cratheús é elevada à categoria de cidade pela lei 1046 sendo *instalada* em 15 de novembro do mesmo ano.

Vejamos as contribuições de Silva (2011) quanto da permuta de terras entre Piauí e Ceará:

A Lei Geral Nº 3.012 de 22.10.1880 fez uma permuta dessas terras, que pertenciam ao Piauí, por uma faixa de terra denominada Vila de Amarração, que pertencia ao Ceará. Assim as terras de Vila Príncipe Imperial e Pelo Sinal (Independência), atuais cidades de Crateús, Independência, Novo Oriente e Quiterianópolis, que pertenciam ao território piauiense, a partir daquela data ficaram pertencendo ao Ceará, e Vila de Amarração atual Luís Correia, que pertencia ao Ceará, passou a pertencer ao Piauí. Há historiadores que afirmam ter o Piauí se interessado por esta permuta, pois com ela o Piauí teve acesso ao mar. Apesar do interesse maior do Piauí, nesta troca conclui-se que o Ceará teve vantagem...<sup>11</sup>

O pesquisador e sacerdote Geraldinho Oliveira *também* compactua com a mesma tese de Silva, senão vejamos:

O chamado Porto de Amarração, hoje Luís Correia, não tem nenhum alinhamento reto e transparente, porém uma inflexão oblíqua e disfarçadamente, lampejos de história mal contada... A explicação oficial serviu de ‘Chapa Fria’ para ocultar, a nosso ver, interesses de ordem política, econômica e, quem sabe, compadrios, entre ambas as partes, ao Estado no caso Piauí e Ceará. O povo, de dois territórios permutados fora massa de manobra... A propósito, não houve plebiscito, ou qualquer consulta plebiscitária, para sondar e depois legalizar a troca do Porto de Amarração por Crateús e Independência. Evidentemente, e todo mundo sabe, o Ceará levou vantagem sobre tal

permuta. (...) a cera de carnaúba do Piauí era exportada via Fortaleza, saindo como produto cearense e não piauiense. Desse modo quem ganhava o imposto era o Ceará e não o Piauí.<sup>12</sup>

Depois desse panorâmico apanhado historiográfico - parafraseando nosso grande líder literário Lustosa da Costa quando se referia a sua Sobral como a “*cidade de cenas fortes*” - agora reivindico com a devida vênia, de fazer minha, as suas palavras, pois Crateús, não deixa de ser também na minha humilde ótica, “*uma cidade de cenas fortes*”. Tão forte, mas tão forte que sua historiografia encobre fortes ligações até com os cosmos, com as oscilações instáveis extraplanetárias e astronômicas, há anos luz de distância dos *olhos* humanos.

Digo isso, porque foi lá onde foi achado o primeiro e pequeno meteorito crateuense que sem tem notícia na cidade. Isso nos idos do ano de 1909. Este, tinha como Grupo Estrutural Opl, Grupo Químico IIC e pesava 0,35 kg. Posteriormente, comprovando que diferentemente do raio, um meteorito pode cair duas vezes no mesmo lugar, em 1914 foi achado mais outro. Já esse, era do tipo Siderito, de Grupo Estrutural Of, Grupo Químico IVA, tendo como massa 27,50 Kg.

Recentemente os crateuenses, puderam vislumbrar um outro magnífico espetáculo cósmico. Na cidade, ficou visível um fenômeno conhecido como “Tempestade de Meteoros” Orionídeos, que decorrem da constelação de Órion (ou Três Marias). Isso se dá principalmente por conta da pressão que o vento solar exerce sobre o cometa Halley<sup>13</sup> aquecendo suas rochas que se desprendem, *ocasionando* numa nuvem de detritos que despencam na atmosfera. Essas quedas deixam rastros de luzes no céu, tendo seu ponto de partida o interior da constelação de Órion, ponto do qual os detritos são irradiados.

E os casos pitorescos que tiveram a cidade como cenário não param por aí. Registremos por alto, agora, um “causo” de repercussão internacional que quase se transformou numa

“guerra santa”, foi ele o episódio da “Prisão da Santa”. Em 1953, passava pela cidade, em peregrinação, a sagrada imagem da Nossa Senhora de Fátima.

Uma multidão de católicos se reuniu para adorar a imagem, inclusive realizando uma grande romaria. O ponto de partida era na Catedral do Senhor do Bonfim, de onde saíam, o corpo sacerdotal e os fiéis, até o aeroporto com vistas a receber a imagem peregrina. Assim que a Santa apareceu os devotos partiram para querer tocá-la e venerá-la. Esse episódio envolveu um outro grande crateuense, o polêmico Pe. José Palhano de Sabóia. Foi ele o responsável pelo chavão “*Crateús, a terra que prendeu a Santa!*”

O itinerário previsto dava conta de que a imagem permaneceria somente 1h no local, pois teria de seguir em direção a Tauá. Vendo que a imagem não permaneceria mais ali, os devotos e demais autoridades presentes exigiram para que o lapso fosse estendido. Não deu outra, em meio ao *imbróglio* o tempo ia passando o dia foi caindo e logo escureceu. Assim sendo, o piloto teve de declarar que não seria possível mais viajar naquele dia, pois a pista de pouso de Tauá não tinha iluminação adequada.

E assim, a Santa teve de pernoitar em Crateús, para alegria dos católicos. A notícia de que a Santa tinha sido presa em Crateús correu o Brasil e o mundo deixando o Vaticano muito consternado. Como represália a igreja foi fechada, sendo vinculada a Diocese de Sobral. E assim Crateús ficou *conhecida* mundialmente, como a “terra que prendeu a Santa”, sendo o nobre título veiculado para todo o mundo através das transmissões radiofônicas da britânica BBC.

Ainda em sede da historiografia vaticanista, é bom que se ressalte a figura incontestada de Dom Antônio Fragoso, o primeiro bispo de Crateús. A Diocese de Crateús ficou conhecida, em todo o Brasil, devido à inclinação progressista que tomou durante o episcopado por entre as décadas de 1960 e 1990, inúmeras

experiências de evangelização popular tiveram lugar na Diocese, com destaque para a atuação das Comunidades Eclesiais de Base CEBs, as pastorais sociais e os sindicatos rurais (Thomé, 1994 e Montenegro, 2004). Durante os anos de chumbo, a orientação progressista da igreja nesta região foi alvo de *perseguição* constante das forças da repressão.

Foi lá também, onde o Cavaleiro da Esperança, Luís Carlos Prestes (1898 - 1990), incursionou com sua coluna rumo às cidades sertanejas na sua famosa Coluna Prestes. O historiador Pe. Geraldinho Oliveira Lima, se debruçou na confecção de uma aprofundada e proeminente obra – que adquiri na Academia de Letras de Crateús – que versa com muita *robustez* a passagem da coluna sobre o Ceará, de título *Marcha da Coluna Miguel Costa – Prestes Através do Ceará* (2012).

Carlos Prestes foi o fundador, líder e “comandante” do movimento de cunho revolucionário-político conhecido como a Coluna Miguel Costa-Prestes (comumente citada nos livros de história como Coluna Prestes). Conseguiu ao longo de sua jornada arregimentar mais de 1.500 guerrilheiros percorrendo, com auxílios de cavalos, cerca de 25.000 km em 13 estados brasileiros por *aproximadamente* dois anos e cinco meses.

Contudo, a marcha em si, era liderada por Miguel Costa. De formação militar formou-se, em 1909, em Engenharia na Escola Militar do Realengo (RJ).

No estado do Rio Grande do Sul, lidera ativamente como uma de suas primeiras e mais importantes intervenções políticas, a Revolta Tenentista em 1924. Em sua grande maioria composta por jovens oficiais do Exército, os “tenentes” almejavam conclamar a população para se voltar contra o poder oligárquico, por meio de uma revolução, *exigindo* além das reformas políticas e sociais urgentes, a deposição do Governo de Artur Bernardes (1922 – 1926).

Em dado momento de sua militância política, Prestes conhece Astrogildo Pereira, um dos fundadores do Partido

Comunista do Brasil (PCB), legenda pela qual se tornou senador em 1945. Antes, porém, em 1931, viaja para Moscou (ex-URSS) convertendo-se à ideologia marxista-leninista.

Em 1935, regressa clandestinamente ao Brasil com sua esposa, a comunista judia Olga Benário. Logo após fracassar na derrubada de Getúlio Vargas, com a “Intentona Comunista” ou “Golpe de 1935”, Prestes é preso, sendo que Olga, mesmo gestante, fora deportada e entregue à polícia política da Alemanha (a Gestapo), sendo assassinada, tempos depois, num campo de concentração nazista.

Apesar de não ter alcançado seu êxito maior, a marcha nunca foi abatida por forças legalista governamentais, extinguindo-se em 1927, quando os guerrilheiros partiram Bolívia a fim de se exilar.

Bom, isso tudo podem até soar como de informações desnecessárias mas que de alguma forma merecem ser ressaltadas pois uma história nunca estar radicalmente desconexa a outra. O que somo e o que vivemos tem ligação direta com as ocorrências do passado. Poderia eu falar *agora* até da visita do Rei do Baião Luiz Gonzaga. Mas por motivos de economia textual, não o farei.

Em janeiro de 2014, tive a enorme satisfação de desembarcar pela primeira vez, na aprazível cidade de Crateús. Fui no intuito maior para resgatar a certidão de nascimento do nosso biografado para ocasião da feitura do livro *Um Verão de Plutarco: A Saga de Chagas Barreto Lima* de autoria dos escritores e descendentes César Barreto Lima e Marcelo Barreto Alves. Fui muito bem recebido pelo vice prefeito da cidade e pelo então presidente da Academia de Letras de Crateús na ocasião da *comemoração* de aniversário da passagem da Coluna Prestes por aquele local.

Como sou calouro nessa empreitada de “pesquisador” metime a deslocar até lá nem seque sabendo se havia registros lá ou não. Percebi que Chagas Barreto é como qualquer outro um filho ilustre desconhecido. As pessoas pouco sabem ou nada sabem a seu respeito. Entretanto, do pouco tempo que passei consegui

achar na biblioteca algumas obras que faziam breves referências a ele.

Seu Chagas viveu numa cidade de cenas fortes, conjuntura de fazer inveja a qualquer metrópole que outrora vivia monopolizando o centro das atenções. Viu a seca, as enchentes, o eclipse solar, ascensão e queda de coronéis, o assassinato do irmão. Fica fácil então perceber porque Crateús é um berço de vultos.

Bem, esse é o breve histórico da cidade e contexto históricos de onde e da época que nasceu o mito Chagas Barreto. Cidade incubadora e exportadora de inúmeros grandes vultos, dentre os quais cito: o próprio biografado, seu irmão, o Jornalista Mártir Deolindo Barreto fundador do Jornal *A Lucta*, o fazendeiro, poeta e idealizador do Museu Histórico de Crateús José Amâncio Correia Lima, a primeira professora Amália.

E mais: o escritor e pesquisador Raimundo Raul Correia Lima, o escritor Noberto Ferreira Filho, o cordelista e violeiro Lucas Evangelista, o poeta e presidente da Academia de Letras de Crateús Raimundo Cândido Teixeira Filho, o Mestre e escultor Joviniano Alves Feitosa, a educadora Rosa Ferreira de Moraes, e talvez o ilustre e mais querido, José Coriolano de Souza Lima, considerado fundador-patrono da literatura piauiense e “Príncipe dos Poetas”, dentre *muitos* outros e outras.

O nascimento do Piauí por sua territorialização ter sido de criações de gado e não marítima não tinha saída para o mar para um possível escoamento de produção. De quebra, ainda ganhou o paraíso ecológico do Delta do Parnaíba.

## CAPÍTULO 2

---

# ASCENDENTES, IRMÃOS E INFÂNCIA

*“Uma família não é um grupo de parentes; é mais do que a afinidade do sangue, deve ser também uma afinidade de temperamento. Um homem de gênio muitas vezes não tem família. Têm parentes.”*

Fernando Pessoa

Infelizmente, pouco se sabe sobre os precedentes da árvore genealógica do Sr. Chagas Barreto. Porém, podemos afirmar com máxima convicção, que uma de suas avós se chamava Mariana Augusta Barreto, pelo lado *materno*.

E ela não encontra-se citada nesse introito à toa, pois a mesma está configurada cabalmente como uma das peças-chave na vida do nosso biografado. Veremos no decorrer da obra o porquê dessa afirmação.

Entretanto, antes queria ressaltar que essa displicência – a de não ter a sua memória preservada – pode ser creditada a todos nós, seus descendentes, por notadamente não termos tido a sensibilidade em ter resgatado, estando ele ainda em vida; as suas recordações orais, suas histórias, de como era o seu contexto familiar, enfim até para que o mesmo se sentisse valorizado por tudo que havia *feito* pela sua descendência até então.

Por outro lado até dever ter tido, dentre alguns dos seus filhos, alguém que guardasse na memória, algumas dessas informações; porém, não se levantou ninguém que pudesse reduzi-las a termo e muito ficou *ao léu*.

Muita sabedoria e ensinamentos de vida se foram com ele o que definitivamente podemos classificar como um prejuízo moral sem precedentes, principalmente para aqueles que têm sede de histórias assim para se inspirar na vida. Nem sequer restou o seu arquivo pessoal (documentos, fotos, comendas, etc.), o que pra mim soa como o *maior* dos “crimes.”

Por esse e outros motivos, as informações sobre o seu contexto familiar, da sua infância com os irmãos e sobre os seus pais, também, são demasiadamente parcas. Contudo, é sabido que os nomes de seus genitores eram Joaquim de Souza Lima e Porcina Augusta Barreto.

O Sr. Joaquim era natural de Crateús, descendente dos “Correia Lima”, família de grande prestígio, tradicional e letrada; conhecida por gerar filhos *ilustres* nas mais diversas áreas profissionais como escritores, militares, magistrados, médicos; enfim por ser um clã que gozava de um certo posicionamento social e por serem considerados “doutores”, por assim dizer.

Descende, pois, da família Correia Lima até hoje muito estimada pela cidade, *principalmente* pelo legado cultural que o clã deixou. Desse modo, faz parte da mesma frondosa árvore genealógica do intelectual José Coriolano de Sousa Lima. Ele foi nada mais nada menos que o fundador da literatura do seu radiante estado do Piauí. É fundador-patrono da literatura piauiense e considerado o “Príncipe dos Poetas” naquela federação.

Estima-se que ele tenha confeccionado em torno de 250 poemas. Formado em Direito foi colega do “poeta dos escravos” e abolicionista Castro Alves, inclusive *influenciando* o poeta baiano em alguns versos seus. Apesar da sua vultuosidade de sua obra teve poucas edições publicadas.

Salmodiou em seus versos a natureza, Deus, sua amada e outros temas. Muitos pesquisadores e descendentes estão resgatando, aos poucos, sua vida e obra; tentando reivindicar assim seu devido reconhecimento. Foi ainda juiz no Maranhão e escreveu o poemeto em vários atos, o *Touro fusco*.

Já quanto da esposa de Joaquim e mãe do biografado, a bem quista senhora Porcina, sabe-se que ela era de Icó também no Ceará. Essa cidade é conhecida por ter sido a terceira vila instalada no Ceará e por ostentar um fascinante sítio arquitetônico construído no século XVIII. De igual forma, pouco que se sabe a respeito da senhora Porcina.

O que se sabe, era de que ela era muito recatada, dedicada e vivia a cuidar dos afazeres domésticos e da vida da extensa prole. Dizem, também, que ela era muito dada a leitura; lia e escrevia muito. Foi, provavelmente, quem despertou e incutiu nos filhos o valor da educação, da leitura e da escrita. Não há notícias exatas de como contraíram casamento e de como foram as suas vidas de casados.

Desse consórcio, pois, surgiram os filhos: Deolindo Barreto Lima, Francisco das Chagas Barreto Lima, Joaquim Barreto Lima, Maximino Barreto, Joana Barreto Lima, Mariana Barreto Lima, Leonor Barreto Lima e Manoela Barreto Lima e Júlio Barreto.

Quanto aos irmãos e irmãs, de forma geral, infelizmente temos poucas informações biográficas, com exceção de dois: Maximino e Deolindo, do qual trataremos deles *posteriormente*, reservamos subcapítulos específicos, em momento oportuno, sobretudo, deste último, uma personalidade muita polêmica.

Embora descendentes de famílias tradicionais, não eram abastados, economicamente falando. Tinham o básico e viviam com muitas dificuldades. A história é cíclica, e dependendo da conjuntura e do contexto social, política e social vigente na época isso acabava impondo a muitas famílias certas instabilidades financeiras.

Desse modo, por conta das reiteradas omissões retro mencionadas, não se têm maiores informações, também, quanto das suas vidas, de seus dados básicos como profissão, infância, alguma peculiaridade relevante, etc.

Falando agora da sua frondosa árvore genealógica, do pouco que restou, podemos render graças aos incansáveis

trabalhos genealógicos despendidos pelo escritor Raimundo Raul e depois por Alexandre Sauly Mourão e seu filho Ivens Mourão, que trataram de dar continuidade aos estudos daquele primeiro. Raimundo Raul Correia Lima, meu tio-avô, era irmão de meu avô materno Antônio Amâncio. Graças a eles podemos extrair, pois, que Chagas Barreto também é descendente do “primeiro Mourão cearense”, o senhor Alexandre da Silva Mourão.

Desse modo, todos nós somos descendentes igualmente desse *ponta de geração* chamado Alexandre. Faz parte dessa sua grande descendência também o poeta e deputado provincial José Coriolano<sup>1</sup> e o mais recentemente nascido e *também* poeta Gerardo de Melo Mourão<sup>2</sup>, além de muitos outros que atuaram em diversos outros segmentos sociais de relevância.

E também é justamente por conta dessa pesquisa que podemos afirmar que eram pais de Joaquim, portanto avós paternos de Chagas Barreto, o senhor Cleodato de Sousa Lima e Manuela de Sousa Lima. Cleodato, por seu turno tinha como pais, sendo pois, bisavós paternos de Chagas Barreto, o senhor Joaquim de Sousa Lima (II) e a senhora Ana Rosa Bezerra (filha de Romana). Eram pais desse Joaquim (II), sendo portanto, trisavós paternos de Chagas Barreto, o senhor Isidório de Sousa Lima e Catarina de Sousa Lima.

Daí, Chagas Barreto, tem como próximos ascendentes, seus tataravós creio eu, e aqui não se sabe se paterno ou materno, o senhor João Ribeiro de Melo e Maria Coelho França; e com esses dois, por seu turno, chegamos *finalmente* ao Alexandre da Silva Mourão (I) e a sua 1<sup>a</sup> esposa, a senhora Cosma Maria Franco da Silva.

Realmente estudar genealogia é uma coisa deveras intrincada. Então, todas as informações que pudermos compulsar e resgatar do seu passado será de grande valia e jamais incorrerá em demasia.

Quanto, pois, sobre dados sobre este primeiro “cabeça de geração”, o senhor Alexandre da Silva Mourão as informações

também são bastante escassas. Sabe-se somente que ele em 1742, ficou viúvo da primeira esposa Cosma Maria, com quem tivera uma filha Maria Coelho França, nascida em 1742 e que, por sua vez, tivera 8 filhos. Contudo, há uma polêmica com relação a origem de seu pai, que poderia ser pernambucano ou português. Conjectura-se, igualmente, que Alexandre tenha falecido em 1772.

As maiores incidências de descendentes seus se concentram ao lado ocidente do Ceará, onde predominam cidades como Ipuéiras, Nova Russas, Crateús, etc. Mas se vê também *descendência* sua espalhada pelos estados do Piauí e Maranhão, além do Amazonas e Minas Gerais.

Presume-se pois que seu pai (e aqui não disponho do suposto nome) tenha vindo para o Ceará no século XVIII, que foi quando começou a distribuição de terras (sesmarias) para ocupação daquela região. Teria ele, portanto, firmado morada na chamada “Serra dos Cocos”, se tornando abastado proprietário de vários bens. Se estudar algo recente já é bastante difícil *imagine* naquele século. O fato é que Chagas Barreto descende de vários ramos familiares inseridos na mesma grande árvore, assim como eu, um de seus descendentes.

Pois bem, submerso nesse contexto familiar e nessa paisagem e clima e contexto histórico econômico, político e social (ilustradas no Cap. 2) de uma Crateús ainda em crescimento e estigmatizada por ser uma terra, por vezes, marcada pela seca, foram esses os fatores que mais influenciaram nos primeiros anos de vida daquele tenro garoto.

Seu filho Luis Flamarion, autor de vários livros sobre história militar, na ocasião de Bodas de Ouro Matrimoniais dos pais, ressalta sobre a história de vida de ambos:

Os berços em que meus pais vieram ao mundo, sabem-no muitos dos amigos que nos honram e distinguem com as suas presenças nessa casa, não foram berços de ouro, foram berços humildes, foram berços

pobres. Nascendo humildes, eram honestos, sendo pobres, estavam muito mais próximos do berço de Jesus do que de Pilatos.

Pois bem, inserido dentro dessas condições econômicas e desse contexto histórico social e, ainda mesmo na localidade de Vila Príncipe Imperial, Chagas Barreto nasce no dia 18 de maio de 1887.

Seguindo a tradição da família católica, o bebê foi batizado provavelmente na Capela do Bonfim, recebendo o nome de Francisco das Chagas, em homenagem ao santo de devoção dos seus pais. No registro civil constava além do antenome composto, os complementos “Barreto”, da mãe e o “Lima”, do pai.

Hoje, essa capela foi transformada na imponente Igreja Matriz da cidade “Nosso Senhor do Bonfim”. Naquele tempo, a religião católica moldava o caráter e a moral das famílias; e politicamente, o coronelismo agravava o flagelo da seca, atingindo os sertanejos mais pobres. Mas era preciso mudar essa realidade! E mudou, *ainda* que superficialmente.

No ano de seu nascimento, a cidade de Crateús ainda preservava como denominação o nome Vila Príncipe Imperial e era banhada pelo Rio Piranhas (hoje Rio Poty) sendo pertencente ainda ao estado do Piauí. Antes disso, era chamada ainda de Fazenda Piranhas, que abarcava toda uma região compreendida como os “Sertões de Crateús”. Depois é que a cidade de Crateús passou a ser pertencente ao estado do Ceará. Desse modo, não seria exagero afirmar que Chagas Barreto foi cidadão de “dupla nacionalidade” piauiense e depois cearense. Quanta honra!

Conjectura-se, ainda, que o menino Chagas Barreto tenha tomado o primeiro contato com a alfabetização formal ainda com mãe ali naquela guerreira cidade natal; bem como também tenha dado os primeiros passos e crescido em meio a uma infância permeada de privações e simplicidade é verdade; porém com muita intensidade, quem sabe, correndo ele pelas *margens* do pedregoso Rio Poty, pelos vales secos da caatinga ou por entre

as sofríveis veredas das terras secas da outrora Vila Príncipe Imperial.

Na sua consciência de menino e imaginação pueril não podia conceber os preparativos funestos engendrados pelo “ditador destino” que o levariam coercitivamente a encarar uma longa, dolorida e exaustiva viagem (provavelmente em cima de lombos de cavalos ou de trem), com a avó Mariana em direção a Sobral, fato esse que marcaria para sempre a sua história e de toda uma geração.

Embora não muito longa, a forte insolação no deslocamento castigava as têmeoras os sertanejos viajantes, que demorou quase um dia não pela distância, *mas mormente* pela precariedade do transporte, tendo a disposição comida e água muito escassas.

Trocou a infância, a adolescência e a juventude pela luta e pela sobrevivência através de um trabalho solitário, justo, árduo e honesto. Diante das adversidades, teve de engendrar seu próprio caminho. Foi pobre, perdeu o pai cedo tendo de se tornar arrimo de família. Certa vez, assim lembrou o Deputado Federal Marcelo Linhares, as palavras que o velho amigo lhe havia dito de que: “*Na sua vida, disse-me certa vez, a aspereza sempre foi uma constante.*”

Nesta única frase poderíamos resumir a sua biografia. Viver integralmente fora de qualquer zona de conforto sem cessar, na provação constante, caminhando sem se desviar do vale das sombras, das pedras e dos ossos.

Aos 7 ou 9 anos teve de se abster dos direitos mais festejados de uma criança no século XXI que é somente o de estudar e brincar. Mas, para Chagas Barreto, a vida decidiu contrariar esse postulado. Nem por isso deixou de ser uma grande pessoa, muito pelo contrário, sua história *sobrepuxou* todas as expectativas.

Como dito é bastante salutar ressaltar que a vida não o privilegiou com infância nem muito menos com uma juventude nos moldes ditos convencionais. Sua vida não comportou fases, cronologicamente falando.

Na ausência e escassez de oportunidades Chagas Barreto foi um dos que contrariou a lógica nefasta que o acaso lhe reservava, e por esses e outros motivos construiu uma vida sem paralelo. Hão de passar gerações e gerações e talvez não se levantará *tão cedo* algum descendente seu que possa sobrepujá-lo quanto das suas qualidades pessoais, morais e espirituais.

Ainda quanto da sua infância poderíamos, a fim de atender ao bom didatismo, dividi-las em duas: a de Crateús e a de Sobral. A primeira contou do seu nascimento até a idade que fora levado em definitivo, pela avó, para Sobral.

Uns dizem ter sido aos 7 anos; outros 9, mas a diferença de idade pouco importa, pois no meu juízo, por conta das imposições da vida, Chagas Barreto não pode contar com privilégio de ser garoto, partindo assim, da condição de bebê para a vida adulta, não biologicamente falando, mas, sobretudo, por conta de suas atitudes e das responsabilidades que teria de tomar dali em diante.

Sua casa em Vila Príncipe Imperial (atual Crateús) não se têm informações de como era, nem muito menos donde ficava, a sua localização, etc. É bem provável que a sua residência tenha sido na cidade mesmo nos arredores do centro e não rural em fazendas, como era muito comum outros morarem. Provavelmente deve ele, assim como seus outros irmãos, ter nascido pelas mãos de uma parteira.

Depois da fase de bebê deve ter depois iniciado seus estudos primários ainda em Crateús, onde vez ou outra, ainda se dava ao luxo de brincar com os irmãos e/ou com os vizinhos gozando ainda da calma das ruas da tórrida cidade sertaneja de Vila Príncipe Imperial. Mas quisera o destino que ele mudasse de cidade. Teve de lidar com um *rompimento* geográfico brusco, que ele em sua mente de criança, jamais poderia imaginar porque motivo se dava.

Quanto do seu histórico escolar asseverou com autoridade o senhor José Cordeiro Damasceno, da Academia de Letras de Sobral:

Seu Chagas tinha apenas o curso primário, incompleto, mas lia, fazia contas de cabeça e escrevia corretamente. Conhecia como ninguém, a história da revolução francesa e a vida do imperador Napoleão Bonaparte.

A melhor educação que uma pessoa pode ter é de amar o conhecimento. Chagas Barreto pode não ter tido o privilégio de sentar nos bancos escolares e das universidades, mas uma coisa jamais poderiam *arrancar* o que ele tinha dentro de si – o valor pelo saber. Era curioso ao extremo, queria saber de tudo! Apesar de ter acumulado uma sabedoria prática de vida sem igual não tardava em se estripar com um vasto conhecimento teórico. Erudito tinha grande predileção pela cultura francesa. Guardava em casa coleções de romances como *Madame Bovary*, *Os Miseráveis*, *Os Três Mosqueteiros*, *A Espuma dos Dias* e até *Vinte Mil Léguas Submarinas* obra futurista de Júlio Verne.

Viajava na história de Robespierre, sobre a Revolução Francesa e Napoleão Bonaparte. Gostava de saber sobre as Guerras Mundiais, período do qual vivenciou e que teve seus filhos envolvidos. Quando testemunhou o Eclipse de 1919, leu muito sobre Einstein, além claro de estar sempre com a Bíblia a palavra de Deus nas mãos. Lia sempre as conferências de seu filho Flamarion Barreto, elogiando-o e acrescentando conselhos sobre *algum* ponto. Era assinante e um dos maiores anunciantes do jornal *A Lucta*, fundado por seu irmão Deolindo Barreto.

Enfim, no discurso em ocasião de sua morte, em 14 e novembro de 1977, o então Deputado Linhares discursou em plenário da Câmara Federal em Brasília: *“Para Sobral veio aos 7 anos de idade, em companhia de sua avó, Mariana, matriculando-se numa escola pública de primeira letras, em um prédio localizado à Rua Senador Paula, hoje denominada, Av. Dom José.”*

Isto posto, nutre-se a ideia de que a intenção de seus familiares era mesmo somente dá continuidade a melhores

estudos como qualquer outra criança. *No entanto*, outro revés abateu profundamente sua família. Sobreveio a morte repentina de seu pai Joaquim de Souza, mudando novamente, a contragosto, o curso de sua história.

Quanto desse episódio passemos a ouvir o que disse o grande poeta sobralense João Ribeiro:

A vida de Chagas Barreto é um exemplo vivo para as gerações presentes, como o será, para as gerações futuras. Façamos aqui especialmente para os moços, um rápido esboço da vida desse Varão de Plutarco. *Morrendo-lhe o pai, viu-se o jovem Chagas Barreto como filho mais velho, na dura obrigação de prover sozinho, o sustento da mãe e dos irmãos mais novos, empregando-se como simples operário na Fábrica de Tecidos Ernesto Deoclesiano, onde lhe deram uma forja. Tornou-se ferreiro! Dez horas de trabalho por dia, salário pequeno. Trabalho duro! Anos duros de trabalho e que jamais quebrantaram o ânimo e a coragem do moço operário.*<sup>7</sup> (Grifo nosso).

Foi aí, talvez o ponto fulcral que fez Chagas Barreto se tornar o que ele foi. O sonho de ser militar soldado, não se concretizou mas pode realizar-se dando todas as condições para que dois de seus filhos ingressassem no brioso Exército Nacional. Era muito comum jovens daquela época, sobretudo com a *eclosão* das primeiras e segundas guerras mundiais, nutrirem em seus peitos esse ardor em defender a pátria contra as forças estrangeiras.

Seu filho General Flamarion lembra bem dos momentos cruciais dessa passagem do falecimento do pai:

Um tópico comum marcou-lhes, também, a existência: veio-lhes cedo a orfandade, privando-os do apoio, da orientação, de carinho paternos, fazendo-os filhos, a ambos, de viúvas pobres, responsáveis pela manutenção, pela orientação, pela sobrevivência de proles numerosas.

Adolescente, meu pai, quis ser soldado... Acabou operário de uma fábrica; tanto o obrigou um precoce reponsabilidade, que transformou um adolescente num chefe de família. O salário era pequeno, as

dificuldades eram grandes! Um pouco de otimismo dessa desproteção, encontrou ele preso, dentro do lar, através de serões intermináveis na árdua labuta da oficina.

A bem da verdade é que Chagas Barreto estava sendo vítima daquilo que chamamos hoje de exploração do trabalho infantil. Assim como na Revolução Industrial, crianças inglesas eram submetidas a horas estafantes de trabalho e o mesmo *aconteceu* com o menino Chagas, bem longe dali, nos confins dos sertões do nordeste brasileiro para além do oceano atlântico *assaz* distante dos olhares das autoridades.

Essa fase de inserção no trabalho é *endossado* por outro filho Cesário:

Meu pai, que começou a vida como um simples ferreiro, na tradicional Fábrica de Tecidos, em Sobral, foi sempre um lutador e um homem dedicado ao trabalho, porque sempre entendeu e fez com que entendêssemos que somente as lutas enobrecem e dignificam. Nem ele mesmo poderá negar essa afirmativa, porque, nas suas próprias mãos, existe o estigma da luta.

Por isso e outras é que não tratamos aqui de uma obra qualquer, mas, sim de um livro de prática. Não se conformou com as conjunturas e na ausência de ocasiões favoráveis, ele mesmo teve de criá-las. Não aceitou o que a história havia *reservado* para ele, mudando o curso de sua própria biografia.

Com as provisões de Deus pode superar a condição de não poder viver em qualquer zona de conforto; diferentemente de sua descendência, que hoje gozam de regalias e em *contrapartida* nem sequer sabem da sua memória. Se pudéssemos resumir seu nome numa só palavra seria ela certamente “resiliência”.

E tudo que temos compiladas nessas páginas já com relação quando ele se achava já na fase adulta, o que comprova mais uma vez que Chagas “não teve infância”. Aliás, uma peculiaridade sua

foi que ele sendo arrimo de família pequeno, assim permaneceu na vida adulta. Todos os irmãos, nas suas dificuldades, se reportavam a ele. Assim eram nas empresas, o que fez com que ele inserisse nos negócios muitos de seus familiares: primos, genros, sobrinhos, filhos, netos, e até amigos. Era um típica empresa familiar. Bastava alguém se encontrar em dificuldades que ele logo trazia para debaixo da sua asa.

Foi justamente assim quando do assassinato do irmão Deolindo. E foi assim com o repentina morte do senhor Adonias Alves, esposo de uma de suas filhas Maria Alice. Na hora do aperto todos recorriam aos seus portos seguros, Chagas Barreto!

Quando ocorreu uma das grandes enchentes em Sobral, Alves faleceu quando foi tentar salvar alguns de seus pertences, no caso um ventilador. Recebeu uma carga elétrica vindo a *falecer* em decorrência disto. Mas não satisfeito com isso o destino tratou ainda de ser mais atroz.

Diz o livro *Varão de Plutarco* (2014):

[Chagas Barreto] sofreu um grande golpe, com a morte repentina do genro, amigo, Adonias Alves, marido de sua filha querida, Maria Alice, deixando 12 filhos, que passariam a viver sob a responsabilidade do velho timoneiro. O destino, porém, não satisfeito, lhe reservava outra grande provação. No ano de 1967, faleceu Maria Alice, ficando assim, os 12 filhos do casal entregues, totalmente, à tutela de Chagas Barreto.

Esse fato é contado em minúcias no episódio “Dívida de IPTU”, na qual Chagas Barreto em face à todas essas agruras, não tardou em intervir para que as pobres criancinhas órfãos não fossem mais penalizadas por conta dos *reveses* da vida, assim como ele foi frequentes vezes.

Aqui entra outra personagem em cena, era ele o senhor Gabriel Moreno, um homem muito respeitado pelo seu Chagas. Foi ele que ficou encarregado de agilizar o espólio do casal falecido, além de fazer um levantamento minucioso de todas as

dívidas que a família poderia ter junto à prefeitura municipal, sobretudo aquelas que tratavam de IPTU.

Acontece que, naquela época, quem governava a cidade era José Prado, adversário político ferrenho de seu filho Cesário Barreto. Assim sendo, seu Chagas Barreto ficava sempre muito receoso quando o assunto era solicitar alguma intervenção da prefeitura em favor daquelas pobres crianças órfãos. Entretanto, mudou de ideia quando foi encorajado por Moreno que lhe disse: *“Seu Chagas, o senhor é um homem respeitado, acredito que o Seu José Prado vai receber, e muito bem, o senhor.”*

Então, imbuído dessas palavras e ânimo seu Chagas decidiu arriscar e foi ter com o então prefeito municipal em seu gabinete. Quando soube da reivindicação do velho comerciante, de pronto o prefeito José Prado ordenou a seu assessor direto: *“Faça um levantamento de todo débito em nome de José Adonias Alves e leve no armazém do Coronel Chagas Barreto e emita guias no valor que ele determinar.”*

Realmente foi uma surpresa que jamais o senhor Chagas Barreto no auge de sua experiência poderia imaginar que ainda assistiria em vida. Essa é só uma mostra do caráter de um verdadeiro homem público *concretizado* nos atos de José Prado. Reza a lenda que Chagas Barreto, um pouco mais aliviado, diante do requerimento atendido, não tardou em dá uma alfinetada secreta no adversário ferrenho de seu filho. Assim teria se reportado a Gabriel com relação à Prado: *“Todo diabo tem seu dia de anjo!”* E soltaram os dois sonoras gargalhadas.

Outra grande prova dessa sua cobertura encontramos no capítulo “Sabedoria” ainda do livro de César e Marcelo. Mostra agora a passagem de como ele travava os sobrinhos, como legítimos filhos. Diz o livro: *“Além do herdeiro, Diretor Presidente da F. Chagas, Cesário Barreto contava ainda com a valiosa ajuda dos sobrinhos, Joaquim Barreto Lima e Maximino Barreto (o Preto), filhos do ex-sócio e saudoso irmão, Maximino Barreto, falecido nos idos de 1920.”*

Essa passagem mostra o apoio moral, os conselhos, pelo qual era sempre consultado pelos familiares subordinados. É que com a intermediação do sobrinho Maximino, Chagas Barreto foi surpreendido com uma solicitação ousada de um de seus clientes. Acontece que esse comprador não havia quitado um débito antigo para com a firma. Então diante disso, determinou o velho comerciante: *“Maximino, mande o freguês falar comigo logo que ele quitar o débito antigo, e depois, faça como eu mandar.”*

Quitada devidamente a dívida, Maximino e o comprador certos agora de que dariam curso ao que pretendiam qual seja uma nova compra deram de cara com uma grande surpresa. Seu Chagas, dessa vez, decidiu não autorizar mais a venda para aquele cliente. Sem nada nas mãos teria dito o proponente comprador: *“Esse velho é mais sabido que o Bispo! Ele parece adivinhar o pensamento da gente. ‘Eu venho buscar lã e estou voltando tosquiado!’”*

E saiu ele a procura de um novo fornecedor. Maximino, por sua vez, tomava a lição de que deve-se sempre agir com precaução evitando tomar decisões no impulso.

Assim era Chagas Barreto, com seus gestos e atitudes ia ensinando e arregimentando seus discípulos.

E apesar de nunca ter tido muito tempo para amizades, uma delas marcou muito a sua trajetória. No capítulo “Vidas paralelas” do seu primeiro livro biográfico *Varão de Plutarco*, os autores César e Marcelo Barreto contam como era a sua amizade para com o Francisco Romano da Ponte. E essa amizade não se deu à toa, pois ambos percebiam que tinham muito em comum.

Romano no dizer dos autores César e Marcelo era: *“(…) vindo de Santana do Acaraú, para trabalhar na vacaria do poderoso padrinho, o conhecido coronel Estanislau Frota. Trabalhador e extremamente responsável, acabou tornando-se a pessoa de confiança do tradicional agropecuarista sobralense.”*

Eram, portanto, dois jovens “forasteiros” lutando para vencer em terras estranhas. O destino de ambos se cruzaram quando: *“Dividiram o quarto da hospedaria para economizar cada*

*tostão ganho com sacrifício. A estima e camaradagem que ali começava, foram fortalecendo-se ao longo dos anos. Os amigos possuíam o mesmo ideal de respeito à família, a valorização do trabalho e o sonho de um dia vencer a luta árdua da vida e conseguir ter o próprio comércio.”*

E esse sonho, graças a persistência de ambos, foi realizado. José Romano se destacou na cidade como empreendedor do ramo têxtil, conservando seu comércio ali próxima a Coluna da Hora. Já Chagas Barreto, dava seus primeiros passos como um sapateiro de referência na cidade. *“Verdadeiros exemplos de Varões de Plutarco, os dois amigos, ergueram graças à dedicação ao trabalho ao longo dos anos, uma caminhada de sucessos, despertando sempre, admiração e respeito na história dos pioneiros do comércio, da aristocrática cidade de Sobral.”*

Bem, sem informações as necessárias, pouco há o que se dizer nesse capítulo, por isso mesmo ficará assim um pouco mais curto e menos fundamentado por assim dizer. *Entretanto*, como disse a funcionária pública Rita Maia na orelha do livro, nossa ideia assim como fez o biografado na sua vida: *“Um Varão de Plutarco é, acima de tudo, uma exaltação à dignidade e à honra daqueles que do pouco fizeram o muito e, das dificuldades uma vitória.”* E assim será esse livro até o final, mesmo sem elementos tornar um livros edificante para todos os seus leitores (as).

## CAPÍTULO 3

---

### SOBRAL: O Arvorecer de uma Saga

*“Eu não tenho ídolos. Tenho admiração por trabalho, dedicação e competência.”*

Ayrton Senna

As origens da cidade de Sobral remontam ao século XVII. Naquele tempo, dezenas de famílias pernambucanas povoaram o local implantando criações de gado.

Em 1682, houve um verdadeiro “derrame” de concessões de sesmarias, promovido pelo Capitão-Mor Bento Faria de Macedo. Várias pessoas foram contempladas, *passando* muitas delas a ocupar diversos locais próximos, onde se compreende hoje a cidade de Sobral.

A partir dessa “política” de divisão de terras, formaram-se as famílias mais tradicionais da cidade, dentre elas podemos citar os: Frotas, Sabóias, Montes, Ximenes Aragão, Ferreira Gomes, Gomes Parente, Paula Pessoa, etc.

Fundadas as famílias que se tornariam os pilares da elite social sobralense, todos bem aquinhoados e influentes diga-se de passagem, acabaram todos os membros delas, sem exceção, figurando dentre aqueles que mais influenciaram no cotidiano da vida urbana *subsequente* da cidade.

O casal pioneiro, então, na região fora o fazendeiro Antônio Rodrigues Magalhães e sua esposa D. Quitéria Marques de Jesus. Estava aí configurada a base, o embrião que daria nascimento ao reduto-sede do local conhecido com o nome de “Caiçara”. Foram eles os responsáveis por doar o sítio ao qual, logo depois, foi construída a Igreja-Matriz em 1740. Graças a atitude do ilustre casal, Sobral inaugura o *marco definitivo* de sua primeira

formação urbana, contando inclusive, com a sua Casa-Grande, além de algumas construções em taipa.

Sobral, desse modo, não passava de um aglomerado de arraiais marcados pela dispersão. Entretanto, numericamente falando, já tinha requisito de sobra para alcançar a categoria de Vila. Então, uma Carta Régia de 22 de julho de 1766, Sobral é elevada à categoria de Vila, *passando* a chamar-se agora de Vila Distinta de Sobral.

Para lembrar e comemorar a conquista local, um monumento foi erigido por iniciativa do Ilustríssimo Prefeito Ataliba Barreto<sup>1</sup>, em plena Praça da Igreja da Sé. Na placa alusiva ao evento há escrito: *“Aqui neste local foi no dia 5 de julho de 1773. Inaugurada a Vila de Sobral pelo Ouvidor Geral D. João da Costa Carneiro e Sá. Administração do Prefeito Advogado Ataliba Daltro Barreto 5 – 7 – 1947.”*

Por conta da Lei Provincial nº 229, datada de 12 de janeiro de 1841, a Vila alcança a categoria de Município. Com isso passou a se chamar de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú, em respeito ao decreto do então Presidente da capitania José Martiniano de Alencar<sup>2</sup>, pai do romancista José de Alencar.

Hoje o conjunto arquitetônico e urbanístico de Sobral, encontra-se tombado pelo IPHAN em 2000, abrange uma área que se estende da margem do rio Acaraú à Rua Coronel Monte Alverne, onde estão inúmeros imóveis e espaços públicos.

Dentre suas valiosas edificações remanescentes do século XVIII, estão o Teatro e a Praça São João, um conjunto de casas em estilo *art nouveau*, sobradões decorados com temáticas greco-romanos além de *várias* outras construções religiosas, como as igrejas da Sé e dos Pretinhos de Nossa Sra. do Rosário (construída por escravos).

As origens de Sobral perpassam por muitas histórias, quando fugitivos de invasores estrangeiros do litoral do Nordeste se embrenharam pelo interior cearense, instalando-se às margens dos rios Jaguaribe e Acaraú. Por volta de 1728, Antônio Rodrigues

Magalhães, procedente do Rio Grande do Norte instalou, na região, a Fazenda Caiçara, considerada o berço do *município*.

Surgiu daí, o núcleo original de Sobral em torno dessa fazenda e da pecuária, que se expandiu a partir de 1756, quando Rodrigues Magalhães cedeu uma parte de terras dela para a construção da matriz de Nossa Sra. da Conceição. Oficialmente, Sobral foi fundada em 1757.

Em 1773, o povoado foi elevado à categoria de Vila. As excelentes condições de clima e a fertilidade do solo contribuíram para que se desenvolvesse no local um povoado que se tornou o mais populoso dentre os seus vizinhos. A vila se tornou um centro intermediador dos produtos agrícolas da Serra da Meruoca e da Serra Grande para todo o Ceará e o Piauí, a partir da segunda metade do século XVIII, *sobretudo* com o gado.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Sobral, em 1773, segundo outra fonte a vila de foi criada por carta régia 1766. Sobral teve participação destacada em fatos *importantes* da história do Brasil, como Confederação do Equador, em 1825. Recebeu foros de cidade em 1841.

Em meados do século XIX, surgem os sobrados com três ou quatro águas, com motivos greco-romanos ou elementos decorativos à Bonaparte, como os de Domingos José Pinto Braga e do major João Pedro Bandeira de Melo. Ainda dessa fase, destacam-se sobrado da esquina da rua Ernesto Deocleciano e o sobrado que *abriga* a atual Casa da Cultura de Sobral.

A cidade foi palco (juntamente com a Ilha do Príncipe, em São Tomé e Príncipe, na costa da África) da comprovação da Teoria da Relatividade de Albert Einstein, por conta da Expedição Britânica do Eclipse Solar que, em 1919, constatou nos dois locais a distorção sofrida pela luz ao chegar à Terra. Um monumento na Praça da Igreja de Nossa Sra. do Patrocínio e o Museu do Eclipse são os marcos desse *fato* na cidade.

Entre as igrejas remanescentes do antigo conjunto arquitetônico de Sobral, destacam-se: Igreja Nossa Senhora do

Patrocínio, a Igreja do Menino Deus (erguida por duas irmãs Carmelitas no começo do século XIX), Igreja de Nossa Senhora das Dores, Igreja de São José do Sumaré, Igreja de São Francisco, Museu Dom José de Sobral e o Teatro Municipal São João.

Esse teatro foi erigido sob inspiração arquitetônica no estilo neoclássico, sendo um dos únicos raros exemplos brasileiros desse período. Esse teatro, juntamente com o Teatro José de Alencar, em Fortaleza mais o Teatro da Ribeira dos Icós, formam a tríade dos “teatros-monumentos” existentes no Ceará. A Praça do Teatro São João é um dos mais *importantes* espaços culturais da cidade, com lindo espelhos d’águas.

Bem ali perto fica o Museu Diocesano Dom José de Sobral, com um acervo de quase 5.000 peças, considerado o 5º do Brasil em Arte-Sacra muito deles graças ao empenho de Dom José e do Pe. Palhano, este último sendo seu primeiro diretor. Fundado em 1951 e inaugurado em 1971, o Museu Diocesano, atual Museu Dom José, conserva a memória de Sobral e dos municípios norte-cearenses.

Sobral é um município brasileiro do estado do Ceará. É a segunda cidade mais importante do estado em termos econômicos e culturais seguida por Juazeiro do Norte e Crato.

Pouca gente tem conhecimento mas Sobral é dona do 1º Museu Madi brasileiro. Essa escola é conhecida por valorizar o movimento e a abstração. Ele está instalado às margens do rio Acaraú, e conta com um acervo (pinturas, esculturas e desenhos), com pouco mais de 70 obras feitas por artistas do mundo inteiro custando em valores atuais uma *bagatela* de 3 milhões de reais.

Outro templo da cultura que não podemos deixar olvidar é a Biblioteca Municipal Lustosa da Costa. Um prédio moderno projetado para o futuro com rampas atendendo a acessibilidade. Suas paredes são envidraçadas onde se tem uma visão panorâmica da cidade com uma vista de 360 graus. *O acervo* conta com um vasto da literatura sobralense e universal possuindo, também, salas de estudo, livros em Braile, acesso à *internet*, etc.

Enfim, foi nesse campo fértil que Chagas Barreto lançou as suas melhores sementes, colhendo ao tempo de Deus, os seus melhores frutos.

Importante cidade na geopolítica do estado do Ceará e referência *inconteste* em toda região Norte, Sobral figura como uma das mais extraordinárias cidades dos Ceará. Fez par com nomes importantes tais como Dom José, Cordeiro de Andrade, Padre Sadoc, etc.

E assim nasceu a “cidades das cenas fortes” nas palavras de Lustosa da Costa. Cantada em prosa e declamada em verso, hoje é detentora de autoestima muito elevada. Também pudera, recebeu a visita de Presidentes, testemunhou o Eclipse que comprovou a Teoria da Relatividade de Einstein, sobreviveu as cheias do Rio Acaraú, as secas atroztes como as do século XIX, tremores de terra, o assassinato do Jornalista Deolindo em plena Câmara Municipal, etc.

É também dos filhos ilustres viu nascer o senador João Tomé, Didi, irmãos Barreto (do cinema), o cantor Belchior. Para os sobralenses, a sua cidade não perde para nenhuma metrópole mundial, Dubai, Nova York, Londres, Paris, Roma.

E que bom que assim seja!

Assim, em meio a essa história, mais *precisamente* no início do Século XX, como retirante da seca que devastava toda a região de Crateús, várias famílias retirantes decidiram deixar a cidade. Foi uma verdadeira diáspora! Desse modo, como já dissemos foi trazido para Sobral por sua avó Mariana aos tenros 7 (sete) anos de idade.

Provavelmente, esse deslocamento tenha sido feito no lombo de algum animal equestre ou de trem. Deixava a pequena Vila Príncipe Imperial, olhando para trás vendo a cidade diminuir até desaparecer *no horizonte*. Em busca de oportunidades e dias melhores. Não se tem notícia de que depois de ter partido ele tenha retornado para lá.

Durante a viagem os retirantes se deparavam com uma paisagem de seca, cactos espinhosos, xiquexiques, gado, terra

seca e rachada, carcaças e abutres. As viagens, embora não tão distantes, as vezes demoravam dias ou até semanas. Ela trata de matricular o pequeno Chagas Barreto numa escola pública de primeiras letras situada em um prédio *localizado* à Rua Senador Paula, hoje Avenida Dom José.

Quis o caprichoso destino, que anos mais tarde, nessa mesma rua onde o pequenino Chagas silabou seus primeiros vocábulos e desenhou suas primeiras letras fosse, tempos depois, escritório e depósito da sua SAPATARIA IDEAL, mais precisamente ali, no estabelecimento de número 49.

As coisas iam mais ou menos tudo muito bem naquela família de retirantes do menino Chagas. A adaptação a nova cidade, ocorria a de forma satisfatória quando a família do estudioso aluno Chagas, recebem um outro duro golpe da vida. Seu genitor Joaquim de Souza Lima falece, *repentinamente*. O menino Chagas contava somente com pouco mais de 12 anos. Na sua cabeça, não imaginava porque coisas tão ruins aconteciam com pessoas tão boas. E a tal lei da sementeira? Será se ela existe somente até quando o destino decide desmistificá-la? Dona Porcina, também, fica *bastante* desolada.

Uma família que já era desprovida, materialmente falando, agora fica com a vida ainda cada vez mais difícil. Como primogênito do casal todas as responsabilidades recaíram por sobre os seus ombros. Foi ele quem arcar com tudo se tornando *arrimo* de uma família, sustentando a mãe mais os irmãos pequenos. Teve de largar os estudos e pois a partir dali tudo seria *bastante* diferente na vida dele. A sorte estava lançada na vida do pequeno Chagas Barreto. *Alea jacta est!*

Esse infortúnio obrigou-lhe a abandonar a vida suprida de criança com vistas a se empregar em algum serviço para complementar a parca renda da família. Naquela época, Sobral estava recebendo uma grande Fábrica de Tecidos, por iniciativa do industrial, o Sr. Ernesto Deoclesiano, um senhor muito respeitado, aristocrático e importante *empreendedor* da cidade.

Seu nome completo era Ernesto Deocleciano de Albuquerque, nascido a 20 de maio de 1841, em Aracati e tendo falecido a 22 de novembro de 1922, em Sobral. Com somente 14 anos incompletos, veio para Sobral, trazido por seu tio, o Coronel José Sabóia.

Mais tarde, ele se casaria com sua prima Francisca Carolina Figueira de Sabóia, filha desse seu tio. Inovador alia-se ao industrial maranhense Cândido José Ribeiro, para fundar a firma Ernesto & Ribeiro, cujo estabelecimento fora *oembrião* da famosa Fábrica de Tecidos Sobral.

Em 14 de julho de 1895, funda aquele estabelecimento que passaria a ser um marco econômico na história da cidade de Sobral, a famosa Fábrica de Tecidos. *Juntamente* com o arrendamento da Estrada de Ferro, foram esses dois empreendimentos as maiores benfeitorias que o Sr. Ernesto fez por Sobral. Como político, chegou a ocupar a presidência da Câmara Municipal de Sobral, sob a batuta do Partido Conservador durante os governos Accioly e Pedro Borges. Mais tarde ainda chegaria a *ocupar* o importante cargo de Vice-Presidente do estado do Ceará.

Pois bem, Chagas Barreto como ferreiro teve de se afastar dos estudos embora do qual, era tido pelas professoras como muito bom aluno, esforçado e curioso. *Desse modo*, em virtude desse duro golpe pelo imprevisível e cáustico destino, o menino Chagas abdicava de uma vez por todas do sonho de ser soldado, militar em detrimento de garantir o sustento e a sobrevivência de sua família. Mais tarde, esse sonho não realizado, iria se concretizar na vida de dois filhos militares Flamarion e Luciano Thebano.

No capítulo “Morte de um timoneiro” do livro *Varão de Plutarco*, o poeta João Ribeiro testemunha ocular da sua trajetória de vida, relembra das festividades do cinquentenário da Fábrica Ernesto Deocleciano, comandada pelo Dr. José de Sabóia Albuquerque em missa celebrada por Dom José Tupinambá.

Participaram da solenidade João e o amigo Chagas Barreto. Foi quando: *“Terminada a solenidade, o Coronel Chagas Barreto, que*

*estava sentado ao lado de João Ribeiro, o pegou pelo braço e o levou para outra dependência da usina, bem perto. Ali, contemplaram a forja apagada e João Ribeiro, ouviu do velho mestre:*

– *Você está vendo esse fole aí? Foi onde eu trabalhei muitos anos para o Coronel Ernesto, como ferreiro. Foi aí que aprendi a trabalhar”.*

Estava selado então seu primeiro emprego, primeira lição na escola na vida. Depois aí nunca mais parou de trabalhar. O dia ainda estava raiando quando o pequeno Chagas é levado por sua mãe bem próximo da *imponente* fábrica em que ia trabalhar. Logo no primeiro dia de trabalho chegou antes de todo mundo, antes mesmo de abrirem os portões. Era assíduo, atento e com o passar do tempo foi ganhando a admiração de todos, por sua dedicação, força de vontade e determinação. Lá lhe deram um forja, tornando-se portanto, *um senhor* ferreiro.

O trabalho não era fácil, era pesado e *eminentemente* braçal. Mal completava os 12 anos de idade tendo que trocar a infância só brincar e estudar, direitos indisponíveis hoje para todas as crianças do mundo, pelo árduo trabalho de 12h diárias e com salário módico. Suava as bicas no velho galpão, mas sabia que não podia desistir pois tinha de *prover* o pão na mesa de casa.

Sobral é uma cidade encravada no sertão, sendo portanto solar, com médias anuais de 30° centígrados. A sensação térmica numa fábrica dessas extrapolava os 40 graus *Celsius*. Findo mais um dia de trabalho o menino Chagas suado e com as roupas todas meladas de graxa retorna para casa, levando consigo dinheiro para que a mãe fizesse a feira para sustento de sua *parentela*.

Passava em frente do colégio Santa Ana, uma de muitas realizações do Bispo Dom José Tupinambá. De longe, via pais venturosos indo pegar seus filhos e crianças felizes carregando livros e brinquedos. Os olhos do mini operário marejavam ao ver essa cena, mas dentro de si, uma força interior ia crescendo *gradualmente*. Não entendia o porquê que uns tinham direitos e outros nada; não aceitando de bom alvitre, aquilo tudo que via.

Uma revolta benigna ia crescendo em seu íntimo. Mais tarde muitos de seus filhos e netos estudariam por lá.

Foi no Século XVIII que eclodiu a 1ª Revolução Industrial na Inglaterra. O embrião do capitalismo estava se formando. Essa era foi marcada pelo crescente o êxodo rural, em direção aos parques industriais ingleses. Desse modo, a convivência saudável das famílias no campo deu lugar à exploração maciça da mão de obra desses trabalhadores pelos detentores dos meios de produção.

Ninguém era poupado, as crianças passaram então, a engrossar as fileiras de produção nas grandes fábricas e indústrias, sendo *submetidas* a degradantes e exaustivas horas de trabalho, sem tempo para estudar ou brincar. Milhares de crianças morreram seja por doenças psicossomáticas decorrentes do extenuante trabalho ou por conta de acidentes nas máquinas. Muitas eram punidas com pontapés e socos por atraso, queda de ritmo ou conversas paralelas. As que tentavam fugir eram apanhadas pela polícia.

Karl Marx, o pai do materialismo histórico, foi bem feliz e lúcido ao desvendar aos olhos da humanidade de como era cruel para as classes mais subjugadas, fazer parte desse mundo materialista capitalista.

Numa de suas obras, Marx pincela a seguinte constatação:

“(…) Procuravam-se principalmente pelos pequenos e ágeis. (...) Muitos, milhares desses pequenos seres infelizes, de sete a treze ou quatorze anos foram despachados para o norte. O costume era o mestre (o ladrão de crianças) vesti-los, alimentá-los e alojá-los na casa de aprendizes junto a fábrica. Foram designados supervisores para lhes vigiar o trabalho. Era interesse destes feitores de escravos fazerem as crianças trabalhar o máximo possível, pois sua remuneração era proporcional à quantidade de trabalho que deles podiam extrair. (...) Os lucros dos fabricantes eram enormes, mais isso apenas aguçava-lhes a voracidade lupina. Começaram então a prática do trabalho noturno, revezando, sem solução de continuidade, a turma do dia pelo da noite

o grupo diurno ia se estender nas camas ainda quentes que o grupo noturno ainda acabara de deixar, e vice e versa. Todo mundo diz em Lancashire, que as camas nunca esfriam.”

Exerceu as funções de carreteiro, ferreiro... Era pau pra toda obra! Entretanto, as consequências que um trabalho braçal exerce num corpo em formação de uma criança é degradante, desumano e poderia acarretar em consequências irreversíveis à saúde de qualquer pessoa submetida a esses tipos de condições. E ele já sentia bem alguns *efeitos* do trabalho em sua saúde.

Além disso, queria se poupar ao máximo, em prol de um sonho que arquitetava na cabeça. Ter seu próprio negócio, virar patrão e assim conseguir dá uma melhor condição de vida à sua família e boa criação à sua *descendência* através da educação, para eles não terem de passar pelas mesmas agruras e penúrias das quais a vida o tinha submetido. Apesar da realidade nua e crua, ele queria voar alto e com as próprias asas.

Com uma vida totalmente diferenciada, fez com que estivesse sendo moldado um grande homem, de caráter, O trabalho já dizia o famoso provérbio popular, molda o caráter do homem. Sobral *despontava* como cenário propício a novos empreendimentos. No início do século XX, Sobral figurava como o referencial geopolítico e geoeconômico da região norte do Estado do Ceará.

A infraestrutura e logística favoráveis para escoamento de produção ao porto de Camocim, principal entreposto para importação e exportação de mercadorias, tais como: medicamentos, tecidos, maquinários produtos estrangeiros, *sobretudo*, impulsionados pelo rentável comércio de carne de charque sobrevivendo da pecuária.

O escriba-mor sobralense - Lustosa da Costa - chegou a comentar com uma boa dose de exagero que: “*O boi era o maior dos cearenses*” dada à tamanha importância dessa atividade para o desenvolvimento desse estado.

Por um tempo, o rapazola Chagas Barreto, residiu numa pensão dividindo quarto e experiências com seu amigo de labuta, o inseparável Francisco Romano da Ponte<sup>6</sup>(o saudoso Chico Romano). Ambos tinham muitas coisas em comum, daí um dos motivos pelo qual se deram tão bem. Eram de origem pobre, mas sonhadores, esperançosos e aspirantes por dias melhores.

Daí a causa de residirem em tal local, queriam economizar cada centavo do que ganhavam, para depois poderem investir em negócio próprio. Ambos tiveram enorme sucesso, sendo amigos na pobreza e na riqueza. Parceiros, sempre unidos, somavam forças para se *defenderem* das peripécias dos mais experientes na tal pensão, dos veteranos mal intencionados

Em 1910 com suas economias adquire um modesto ponto pela quantia de setecentos e cinquenta e dois mil réis. Abandona a velha forja e num ato de extrema coragem e ousadia montar uma modesta oficina de sapateiro, onde vendia e consertava calçados de adultos e crianças. Tudo seguia com muita dificuldade, mas aquela parecia ser mesmo a vocação do jovem empreendedor Chagas.

Sua história nada mais é do que uma sucessão de atos e traços que demonstram a força de seu caráter. Dos poucos contatos que tiveram, o Ex-Deputado Federal Marcelo Linhares tomou algumas notas de lições de vida para com o amigo: *“Na sua vida, disse-me certa vez, a aspereza sempre foi uma constante. Tal coisa, entretanto, não lhe deformou o caráter, ao contrário, marcou-lhe a personalidade que sempre foi forte, notável e inimitável.”*

Querendo ampliar e dá maior seriedade ao negócio adere em sociedade com o amigo José Lins Capelão e o sapateiro Gentil. Contratam empregados para trabalharem dia e noite, fazendo também a compra de centenas de pares de sapatos dos mais variados estilos iguais *aqueles* muitos vendidos e fabricados no sul.

Destes se destacavam João Sobral e Francisco Sapateiro, tidos por seu Chagas como uns verdadeiros artistas. Não demorou muito para o valente empreendedor ser recompensado

com o mais que merecido sucesso. Detalhes dessa fase *serão* devidamente contadas no capítulo posterior.

Eis, portanto, a cidade que foi o *embrião*, o palco onde Chagas Barreto “nasceu” como gente, por assim dizer.

### **3.1 SAPATARIA IDEAL: Nasce um sonho**

No *transcorrer* da dita “evolução” da humanidade, o homem sentiu a necessidade de promover uma série de adaptações com intuito de atender os anseios que facilitassem o seu progresso pessoal. Na busca quase que doentia pelo conforto, proteção e praticidade hoje os contemporâneos gozam de inúmeras facilidades impossíveis para *aqueles* que viveram antigamente, inclusive aos reis.

Nos primórdios, antes da invenção da roda, sobretudo em se tratando dos povos nômades, como era difícil realizar longas travessias com os pés descalços em meio as matas, terrenos rochosos, quentes ou frios; se fez urgente a necessidade de invenção de recursos para vencer esse e outros obstáculos. *Portanto*, as civilizações não tardaram em procurar amenizar essa “mazela” achando assim uma solução de proteção para os pés, parte do corpo tão essencial para as atividades humanas.

Hoje é até uma ciência a “Podologia” pois em cada ponto da sua palma, segundo os acupunturistas, corresponde a um órgão do nosso organismo.

Os estudos mais remotos que se têm do surgimento dos calçados remontam do período Paleolítico. Algumas inscrições rupestres presentes nas cavernas dosul da França e da Espanha há 10.000 anos (a.C.) dão indícios de que os homínídeos já confeccionavam calçados artesanais com o uso de materiais como a madeira mais uma espécie de palha da região. Depois disso, *praticamente* todas as civilizações vindouras já conservavam nos pés, uma peça parecida, atendendo cada um, as peculiaridades de suas culturas.

Com o curtimento do couro, tal elemento se tornou (e ainda é) a principal matéria prima para se confeccionar um calçado. Inclusive os egípcios são um dos povos *que mais reivindicam* como criadores dos sapatos. Na era antiga do Egito, já existiam alpargatas confeccionadas de papiro (o mesmo material que se fazia o papel) ou de fibra de plantas como a palmeira. Entre os egípcios era considerado até um artigo de luxo, pois somente aos nobres era permitido o seu uso. Tutancâmon, vaidoso ao *extremo*, era um dos que não abria mão das suas sandálias banhadas de ouro.

Os povos mesopotâmicos também não deixavam por menos. Lá, eles já faziam o uso de sapatos de couro já com forte apelo social embutido, pois os calçados costumavam demarcar a posição social de cada um na comunidade. A mesma distinção acontecia na Roma Antiga. Os cônsules, por exemplo, faziam uso exclusivo de sapatos brancos; já os membros do senado, tinham como cor dos sapatos a predominância marrom.

Entretanto, somente muitos anos depois é que padronizaram os calçados tais como são usados hoje, graças a atitude do rei inglês Eduardo I que foi o responsável por tal ato legalmente falando. Assim, a Inglaterra saiu na frente em 1642, quando o sapateiro Thomas Pendleton confeccionou 4.000 pares de sapatos e mais de quinhentos pares de botas para o exército da Rainha Elizabeth.

Sobral, como qualquer lugar do mundo, seguia as tendências internacionais. Contava com um comércio pujante, não somente em um ramo em específico, mas sim, em meio a toda uma cadeia produtiva dela bastante diversificada. *Afinal*, na economia, um ramo de atividade favorece o outro. Com o crescimento populacional desordenado, crescia a necessidade por anseios básicos como comida, educação, lazer, vestuário sendo *justamente* nesse último o setor onde Chagas Barreto iniciaria sua história.

Isso nos faz lembrar de uma história, que certa feita perguntaram a um vendedor de sapatos como ele iria. Ele

respondeu: “*Farei todos usarem sapatos.*” Sem falar que Chagas estava saturado de trabalhar na fábrica de tecidos e assim como todo empregado, sonhava em ser patrão. Desse modo, então deputado Marcelo Linhares, registra: “*Em 1910, saiu da fábrica por motivos de saúde, ingressando, logo depois no comércio adquirindo um ‘ponto’ pela importância de setecentos e cinquenta e dois mil reis, a prazo.*”<sup>1</sup> Pois bem no capítulo “Um mágico sapateiro”, do referido livro citado, César e Marcelo Barreto (2014) ponderam:

Nesse cenário favorável ao empreendedorismo, com a aceleração de novos negócios, o nosso Varão, Chagas Barreto Lima, tomou uma decisão arriscada, para a época, mas acertada para o futuro que ele visionava bem próximo. Pediu demissão no ano de 1910, do emprego de ferreiro, da Fábrica de Tecidos de Sobral, e montou seu próprio negócio, uma loja para vendas e consertos de calçados, com atendimento a adultos e a crianças.

Em sociedade com o sapateiro Gentil e com o amigo, José Lins Capelão, alugou um prédio na rua do mercado, contratou 10 operários e comprou nas lojas do Sul do país uma variedade dos sapatos que atendia a todos os gostos.

Perceba que foi uma decisão de altíssimo risco a ser tomada. Mas encarar as oportunidades de frente é uma das características mais marcantes dos corajosos. Na sua cabeça a dúvida e o receio não tardava em visitá-lo: “*O emprego garantido ou uma empreitada arriscada? Devo mesmo eu trocar o certo pelo duvidoso?!*” A espada de Dâmocles estava por sobre sua cabeça. Mas Deus é bom e tratou de retirar todas as inseguranças de seu peito levantando ainda várias colunas (amigos) para ajudá-lo a consolidar a sua empreitada. Não esteve só, novos atores *fizeram* parte de sua vida, humildes, na sua grande maioria:

O poeta João Ribeiro faz o registro:

Com as poucas economias feitas, um dia, ele resolveu deixar a forja e abrir uma oficina de sapateiro. Contratou operários. Trabalhou com

eles dia e noite. Tinha um irmão sócio. Casa-se. Constitui família, continuando, no entanto, a amparar a mãe e os irmãos. Vêm os filhos. Morre-lhe o irmão sócio. Mais uma família para amparar e ajudar. Horas dulcíssimas de alegrias e dias de intensas angústias.

Como todo perspicaz comerciante fazia de tudo para não perder um negócio o que dirá um cliente. Depois de instalada a loja, a ordem era trabalhar, trabalhar e trabalhar... afinal tinha que com o faturamento inicial repor investimentos, arcar com o *pagamento* dos funcionários, sustentar sua família, enfim. Para honra e glória do Senhor, o negócio foi crescendo, aos poucos, mas foi. A Sapataria Ideal já estava falada em toda cidade. Chagas Barreto era um ás nos negócios! Fazia de tudo para não perder o embalo! Consolidou uma forte rede de amizades, sempre priorizando o *bem-estar* de seus funcionários.

Um gênio do *marketing* cuidava de tudo da firma, do contato com os fornecedores a publicidade e propaganda do negócio. Satisfazia os clientes, contratava funcionários, quitava os credores. Não tardava em realizar uma ampla divulgação em jornais da época. “*A propaganda é a alma do negócio*”, costumam dizer os gurus da administração. Lançou crediários para facilitar a vida dos clientes e costumava distribuir brindes, sorteando *mensalmente* um belo par de sapato importado para os clientes mais assíduos. Tudo na intenção e fidelizar uma clientela *exigente* e europeizada tal como era a sociedade sobralense.

Com relação a esse pormenor, César e Marcelo Barreto nos contam a seguinte história:

Certa feita, um especial cliente, que sempre comprava à vista, levou a esposa para comprar um par de sapatos social, de festa. O número solicitado pela cliente não tinha no estoque de loja. Seu Chagas, para não perder a venda e contrariar a freguesa, pensou rapidinho e encontrou uma sábia solução: vendeu um número acima do pé da cliente, colocando algodão no bico do sapato, convencendo o cliente e à sua digníssima esposa, que era última moda adotada em Paris, e

que em breve, estaria chegando ao Rio de Janeiro. Segundo a tática de convencimento do Seu Chagas Barreto, as pessoas estariam dando preferência ao número maior, (...) Os clientes saíram satisfeitos da Sapataria Ideal, principalmente, pelo atendimento sempre gentil do proprietário.

Assim uma simples sapataria se torna um grande negócio de sucesso. Logo o estabelecimento se tornou referência, fidelizou clientes, e por esse motivo é que tratamos a Sapataria Ideal como um capítulo à parte na sua história. A produção diária *chegou* a girar em torno de 500 pares de sapatos todos feitos *manualmente* um por vez, pelas mãos e pelo suor dos artífices sapateiros em fazer calçados como forma de arte.

Este importante estabelecimento dispõe de um permanente depósito de artigos de sapateiros, bem como, de grande stock de calçados para homens, senhoras e crianças.

Dispondo de uma bem montada oficina de sapateiros, onde 10 operários, dos melhores da zona norte, está apta a despachar com máxima pontualidade qualquer encomenda de calçados sob medida ou de carregação. A oficina, para a qual são esperadas duas máquinas modernas, pedidas de Nova Iorque, está dividida em duas seções: uma destinada a serviços de carregação, dirigida pelo artista, João Sobral, e outra, sob a direção do conhecido e hábil artista, Francisco Sapateiro, destinada para serviços finos, capaz de satisfazer o mais exigente gosto. Possui grande variedade de formas japonesas, podendo fabricar a última palavra em calçado. Encarrega-se, também, de todo e qualquer serviço concernente à arte, como cintos, polainas, etc.

Para que o público desta cidade, bem como do interior, se convença de que nem tudo isto que ali fica é reclame, convida-se a fazer uma visita a SAPATARIA IDEAL, onde poderão constatar a grande redução de preço e o perfeito acabamento dos calçados.

Era uma fábrica forte em meio a uma terra de cenas fortes imortalizadas na vasta bibliografia do imortal Lustosa da Costa.

Chagas Barreto, por sua gratidão, foi um homem que sempre soube retribuir o que de bem lhe faziam. Certa vez minha mãe que tem o mesmo nome em homenagem a sua esposa Maria Cesarina, ao perceber que seu avô chagas alguns ferimentos nos pés logo tratou de cuidá-los. Ao que recebeu os cuidados da neta teria ele dito: “*essa menina tem um dom especial*”.

Era de conhecimento de todos os familiares que Seu Chagas padecia das temíveis joanetes. Talvez seja esses um dos motivos para ele ter tanto cuidado para com os pés dos outros.

A Sapataria Ideal foi seu maior laboratório. Um ponto de partida, o primeiro passo de uma caminhada de muito sucesso. Sua vida era sinônimo de superação! Por conta de seu peculiar expertise tornou-se logo o comendador Chagas Barreto vencedor de vários prêmios com sua Sapataria Ideal sendo, num deles, diplomado *pelo* Congresso Agrícola de Maranguape em 1917.

Um dos momentos onde o empresário Chagas Barreto mais se revelou como um estrategista, e com um tino refinado para o comércio foi quando, no dia 26 de Abril de 1918, promoveu o ousado “Convênio de Sapateiros”. Essa sacada foi o pulo do gato para a *inauguração* de um novo ciclo nos negócios.

Segundo ele, em virtude da “crise” e da falta de credibilidade do mercado, pelo qual vinha passando o setor da chamada “arte sapateira”, seu Chagas resolveu, numa medida de extrema coragem, conveniar os melhores e mais disputados oficiais sapateiros da cidade. Foram chamados para produzir encomendas de milhares pares de sapatos, todos de qualidades irrefutáveis e com garantia; em larga escala e com “preços que não poderiam ser competidos”, com despachos em prazo *previamente* estipulado para qualquer cidade em Sobral ou no interior

Assim seu Chagas convoca todos os interessados, consumidores ou revendedores para fazer uma visita a sua loja com intuito de comprovar a qualidade e beleza dos seus produtos, garantido que cumpriria *qualquer* que fosse o tipo encomenda, a quantidade e a data a ser entregues.

Para comprovar que tinha total condição de assumir qualquer negociação, o comerciante transcreve integralmente a ata da sessão que tratou da celebração do acordo entre o Sr. Chagas Barreto representado a Sapataria Ideal e os 13 competentes sapateiros. Eram os “treze valentes da sapataria”!

Por fim, ainda recomenda a assembleia consignação na ata por um voto de apoio e solidariedade da classe dos sapateiros à Exposição Regional Agropecuária e Industrial que estava acontecendo na cidade, e que do qual foi, *unanimemente*, aprovado.

Esse fato pode ser comprovado em matéria de título “CONVÊNIO DE SAPATEIROS” publicada na íntegra na edição nº 208 do Jornal *A Lucta*, e transcrita na Parte II desta obra.

Dizia a matéria:

**Francisco das Chagas Barreto Lima**, negociante em grande escala de, artigos para sapateiros avisa ao público desta cidade e do interior que com virtude das grandes dificuldades com que luta atualmente a arte sapateira, resolveu fazer um convênio com os melhores oficiais desta cidade e em virtude do referido convênio está apto a despachar qualquer encomenda que lhe seja confiada em grande ou pequena quantidade, a preços que não podem ser competidos. O consumidor ou o negociante que necessitar de calçado pode dirigir-se ao seu estabelecimento a rua Senador Paula, próximo ao Mercado Público, onde não somente encontrará grande depósito de calçados preparados, como quem se encarregue de qualquer encomenda que será preparada com a máxima brevidade. A propósito transcreve abaixo a ata da sessão em que foi celebrado o seu acordo com os sapateiros:

“Aos vinte seis dias do mês de Abril de 1918, os sapateiros abaixo assinados visando os interesses da classe e o meio de melhor servir o público desta cidade e do interior, a convite do **Sr. Francisco das Chagas Barreto Lima**, reuniram-se no recinto da Sapataria Ideal, estabelecimento de sua propriedade diplomado pelo “Congresso

Agrícola de Maranguape” e o maior empório nesta cidade de artigos para sapateiros.

E dizia mais:

Depois de apresentadas e discutidas diversas medidas para remover a desarmonia no método de trabalho e a falta de uniformidade nos preços de calçados, que geram a falta de segurança nos mesmos e a impontualidade na entrega das encomendas, comprometendo-nos e responsabilizando-nos a desempenhar com a máxima presteza e segurança qualquer encomenda de calçados em maior ou melhor quantidade, que nos for confiada por intermédio do referido **Sr. Chagas Barreto**, que por nós responderá perante o público. Convictos todos de que assim, não só zelamos os interesses da classe, como ficamos apto a servir o público que nos distingue com as suas encomendas, empenhamos a nossa honra e dignidade no fiel cumprimento e obediência a este convênio, que vai por todos assinado.

Antes de dissolver-se a reunião propôs o **Sr. Chagas Barreto** que fosse lançado na ata um voto de apoio e solidariedade da classe dos sapateiros à Exposição Regional Agropecuária e Industrial em via de execução nesta cidade, o que foi unanimemente aprovado.

Sobral, 26 de Abril de 1918. Raymundo Lopes Barreto, Francisco Ribeiro Pessoa, José Gondim Lins, Antonio Alves de Oliveira, Pedro Fructuoso de Oliveira, Francisco Pedro das Chagas, Euthymi Torres da Silva, Raymundo Torquato Silva, Joaquim Madeira Filho, Antonio Martins, Miguel Gomes Ferreira, Nicolau José Pereira e João Sobral.

Essa era a *maior* prova de que as suas lides comerciais estavam mesmo solidificadas. Era então a hora de materializar a marca e começar a colher os frutos. Essa primeira experiência de sucesso foi o seu trampolim para voos maiores. Depois disso, nunca mais saiu do ramo dos negócios. Em seguida, passaria a ser o detentor da representação dos produtos Brahma na região norte-nordeste que foi onde *definitivamente* alçou como um dos maiores, senão o maior empresário da cidade de Sobral.

E não ficava por aí as suas movimentações nos bastidores comerciais. O jornal *A Lucta*, na sua Edição 224, trazia mais uma nota nesse sentido intitulada “As nossas indústrias”:

A convite do **Sr. F. Chagas Barreto Lima**, proprietário da Sapataria Ideal, visitamos a semana finda este importante, estabelecimento, onde a par de grande sortimento de todos os artigos para sapateiro e grande depósito de calçados, encontra-se uma bem montada oficina para confecção, apta a despachar pequenas ou grandes encomendas com a máxima pontualidade. A oficina, é dividida em duas seções, sendo uma sob a direção do artista João Sobral e encarregado dos calçados comuns e a outra habilitada a confeccionar calçados do mais fino gosto, confiada a total direção do Francisco de Araújo Chaves, mas conhecido por Francisco Sapateiro, o preferido e conhecido artista em toda esta zona. Vimos alguns calçados da Ideal confundindo-se perfeitamente com os fabricados em S. Paulo e Rio oferecendo grande vantagem nos preços. Disse-nos o proprietário dessa sapataria que está preparando um grande mostruário de calçados para homens, senhoras e crianças a fim de expô-lo na Exposição Agropecuária Industrial.

Fica claro e patente nessa visita o destaque aos senhores João Sobral e Francisco Sapateiro responsáveis cruciais para o sucesso do empreendimento. A oficina a todo vapor situava-se na Rua Menino Deus, N° 56. Sobral vivia um verdadeiro *boom* no seu setor mercantil. O comércio era pujante! O sobralense queria consumir! Os visionários renunciavam oportunidades futuras. Chagas Barreto e tantos outros *foram* alguns deles.

Uma das receitas de seu sucesso era o seu peculiar *marketing*. Tinha como lema nos anúncios *slogans* como “Conforto e elegância”. Mais abaixo destacava também o ano de sua fundação da Sapataria “Ideal” “Casas fundada em 1910” com o seu inconfundível “Calçado Ideal”. Esse era o calçado “*mais chic, perfeito, resistente e barato*”.

Sabendo que a divulgação é a alma do negócio, não hesitava em colocar nas suas propagandas veiculadas no Jornal *A Lucta*,

que ela tinha sido premiada com a Medalha de Bronze na Exposição Internacional do Centenário no Rio de Janeiro, além de diplomada na Exposição de Maranguape em 1917 mais a Menção Honrosa na Exposição de Sobral, esta última em 1918.

Seu portfólio contava ainda com seção especial de artigos para “*sports*” dispondo de camisas, joelheiras, caneleiras, bolas, pneus números de 1 a 5, apitos e chuteiras. Fabricava, também, malas e arreios, fazia a importação e exportação de couros, aceitando igualmente encomendas de calçados *sob* medida para dentro e para fora da cidade.

Tinha, além disso, seção especial de artigos para sapateiros tendo em seu depósito materiais em pele bege, encarnada, azul, verde e cinza. Contava ainda também com fazendas japonesas para fabricação de calçados para senhoras igualmente dispondo de salto carretel, bataclan e de salto baixo em verniz, búfalo e pelicas de cores.

Mais outra importante seção agora se dedicava para reparos aceitando calçados para concertos de dentro e fora da cidade. No final arremata o comerciante: “*Nos orgulhamos em dizer ao público desta zona que três partes da população já está convencida que comprar*”

Por fim, dispunha ainda com artigos de montarias e viagens, tendo sempre grande depósito de Selins, mantas, bridas arreiadas, rabichos, loros, cilhas, estribos caronas, alforjes, perneiras, rebenques, esporas, cabeções de matal e cabeçadas, cilhas de sola e cadarços, além de cintos para homem e de fantasias para senhoras.

Calçados para homens, senhora e criança - todos os produtos com caixas de papelão para calçados - para vendas a grosso e a retalho por preços baratíssimos. Mas só havia um porém, nessa condição o pagamento tinha de ser “Exclusivamente a dinheiro” pois sua oferta denotava “Preços sem competência”, sem falar que tudo era *fruto* de um “Trabalho perfeito e garantido.”

Em outra chamada publicitária, Chagas Barreto adota agora o *slogan*: “Conforto – Elegância – Perfeição”. Apregoa a voz do dono: “*Não é queima! É o câmbio de 7 e tanto...*” dizendo mais: “*Se bem que a alta do câmbio ainda não tenha afetado os artigos do meu ramo, pois continuo a comprá-los pelos mesmos preços que os comprava na baixa o mesmo, resolvi abrir esta exceção à minha distinta freguesia, quer da cidade, quer do interior, a título de ‘Boas festas e feliz entrada de ano novo’*”

Ele sabia do poder de persuasão que tinha no ramo. Eram sapatos dos mais variados estilos: Sapatos de camurça cores, pellicas cores, buffalo, salto baixo ou cubano, salto mexicano, a ponto sistema knaipp, carritel ou Luiz VX (estes com o valor de 45\$000 por 40\$000). “*Além destes tipos de calçados, tenho muitos outros que estou resolvido a vender por baixo preço,*” garantia o comerciante.

Fazia questão de deixar claro também e ponderando: “*Estes preços são para vendas exclusivamente a dinheiro e referem-se aos calçados em stock e a fazer sob medida, aceitando encomenda até com o prazo da entrega, no mínimo de 4 horas. Devem compreender os meus distintos amigos-e fregueses, que a minha casa nunca se prevaleceu das oscilações do câmbio para vender caro, sempre primou em vender os seus produtos por metade do preço das outras casas de artigos importados, sendo os meus tão perfeitos quanto aqueles.*” E dizia mais: “*Os meus calçados são tão perfeitos, tão confortáveis, tão elegantes e mais baratos e mais resistentes do que os importados.*”

Numa época, onde não havia nem sancionado a Lei N 8.078/90, o chamado “Código de Defesa do Consumidor”, Chagas Barreto fazia da garantia uma forma de bem estar aos clientes. “*As minhas formas diminuem o pé das pessoas que usam os meus calçados.*” Acrescentava mais: “*Sujeito-me aos meus prejuízos que por acaso sofram os meus fregueses, provenientes de defeitos dos meus sapatos.*” Depois arremata: “*Enfim quem não comprar calçados na ‘Sapataria Ideal’, não tem bom gosto, nem pena de seu dinheiro.*”

Na concepção seus produtos eram “*calçados quase de graça*” haja vista que recebia mensalmente figurinos dos melhores autores todos feitos a mão, garantindo, desse modo, a maior presteza na entrega das encomendas.

Para finalizar o capítulo, faço menção agora a um livro do escritor africano Mia Couto, que muito preocupado com as questões humanitárias do seu continente, *sobretudo* com relação a pobreza desenvolveu uma “tese” ou melhor, uma metáfora no intuito de defender que a humanidade hoje rompa com os velhos paradigmas do passado. A essas doutrinas e amarras mentais ele deu o nome de *7 sapatos sujos*, que dá nome a um livro seu. Desse modo, cada sapato teria uma característica viciada.

Logo no 1º sapato o moçambicano defende que devemos rechaçar a “*ideia que os culpados são sempre os outros e nós somos sempre vítimas.*” É muito comum colocarmos nossas frustrações em nossos pais, no Estado, nos outros e até mesmo em Deus. Mas a verdade é que somos resultados dos nossos atos.

É claro que a conjuntura imposta influencia muito no nosso cotidiano. Mas muito de como vivemos é realmente um reflexo claro da forma que queremos viver. Chagas Barreto tinha vários motivos para desistir e se acomodar porque a vida tinha-lhe sido muitíssimo dura para com ele, mas esse sapato ele não calçou; superou todas as adversidades e deu curso a sua própria vida da forma mais *admirável* possível.

## CAPÍTULO 4

---

### CASA CHAGAS BARRETO: Ascensão de um império

*O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.*

José de Alencar

Como vimos, no capítulo anterior, a Sapataria Ideal foi o pontapé inicial para que o mesmo se inserisse *definitivamente* como um empresário de referência na região.

Com a rede de amizades consolidada e o respeito amealhado, sobretudo, entre os comerciantes, foi ganhando a confiança de vários fornecedores ao passo que ele, com toda essa aceitação, passou a conjecturar também, a possibilidade de *crescer* em outros nichos comerciais.

Assim a sapataria foi incorporada a outros ramos de negócios. Chagas Barreto passou não só a comercializar sapatos bem como diversos outros produtos. Se fez um exímio vendedor! Com esse comércio *praticamente* sustentou toda a família. Era raro quem não estivesse envolvido nos seus negócios; a maioria foram acolhidos, de filho a genro, tornos tornavam-se sócios, sobretudo os filhos e os “órfãos” da família.

A partir dessa fase, parecia ele estar tal como aquele ser da mitologia que tudo que tocava virava ouro, o chamado toque de Midas. Tivera muitos fracassos é verdade, mas tudo isso eram só sinais de que algo maior estava por vir.

O seu agora mais novo escritório e depósito, funcionavam ali a Rua Senador Paula, N° 49. Seu filho Cesário – quando da inauguração da nova sede - foi bem feliz ao destacar os pioneiros que somaram com ele nessa nova empreitada, seja entrelaçado pelos vínculos de parentescos ou não, dentre eles: Maximino, Júlio, Edson, Joaquim Barreto (estes familiares). E mais os senhores: José Firmino Cavalcante Lopes, José Gentil Silva e outros (amigos).

Seu Chagas Barreto foi o que foi também porque sempre esteve ladeado por muito bons *colaboradores* que eram na grande verdade seus melhores amigos. Fizeram escola lá funcionários e homens honrados por seu trabalho tais como: Antônio Cândido, Luiz de França, Raimundo Torquato, José Barbosa, Irapuã Sousa, Cesário Teixeira (sobrinho e jogador do Guarany) e muitos outros que pela casa, passaram. O saudoso senhor José Crisóstomo então trabalhou por mais de 15 anos, donde saiu *somente* para aposentar-se.

Fez isso, pois quando jovem, Chagas Barreto teve também quem lhe desse a mão. Ganhou como padrinho José Sabóia, homem muito respeitado pela aristocracia sobralense. Era muito comuns os mais novos, especialmente aqueles que aparentavam ter boa índole e propensão a se tornarem grandes homens de futuro, ficarem aos cuidados alguém mais experiente, recebendo seus conselhos, direcionamentos e inserção nos meios *do poder*.

Geralmente, não se priorizava somente o parentesco nessas relações. A ligação era estritamente moral, se dando muitas das vezes por afinidade de caráter. Era como um mestre e um aprendiz, um professor e seu aluno, um líder e seu discípulo assim foi a relação de Sabóia para com Barreto. Ali o moço tomou inesquecíveis e valiosas lições sobre valores de caráter, respeito, ética, moral, etc.

Assim “*A antiga Sapataria Ideal tinha-se transformado numa grande distribuidora regional de farinha de trigo, açúcar, material de construção e dos produtos da cervejaria Brahma*”. Aos poucos se

tornando agente (hoje representante) de vários produtos. Não à toanas palavras do empresário José Dias Macedo um chamou o estabelecimento de um “*autêntico supermercado caboclo.*” Vender sapatos somente já não tinha tanto espaço na sua vida como outrora, embora fosse muito grato por eles.

O acadêmico José Cordeiro Damasceno:

Trabalhou duro como carreteiro, ferreiro, sapateiro, até construir no início dos anos 1950, o maior grupo empresarial da Região Norte do Estado do Ceará, no ramo de alimentos, material de construção e de distribuição de cervejas e refrigerantes da cervejaria Brahma Chopp do Rio de Janeiro.

Sua saga, logicamente que guardada as devidas proporções, poderia ser comparada as do Barão de Mauá. Era um líder nato! Tratou de fazer a fusão de todas as marcas que tinha em mãos. A sapataria dava lugar a um grupo bem estruturado com ramificações pela região e até em outros estados. Mantinha, também, algumas fazendas, contando com vários colaboradores como o *inesquecível* Seu Gil. Damião.

Mas aqui, caros leitores e leitoras, data vênia, devemos fazer justiça a uma figura crucial para o crescimento de sua empresa, seu Maximino Barreto Lima do qual *trataremos* em tópico oportuno. Afinal, ninguém cresce sozinho. Ao longo de sua trajetória comercial a Casa Chagas Barreto comercializou os mais diversos tipos de produtos dos quais acho por bem destacá-los: era agente (representante comercial) farinhas de trigo tipo Americano “3 Coroas”, “Luz” e “Brilhante”.

E mais: Cervejas Cascatinha e Hanseática, da tinta alemã Salimar para tingir seda, lã e algodão, do Querosene Sol e Gasolina Atlantic, do açúcar Cristal, dos cimentos Poty, Cigarros etc, além de atuar, também, nos gêneros alimentícios, materiais de construção e vestuário com “peles” estrangeiras e nacionais. Para estoque dos produtos possuía armazéns de cereais e estiva.

O portfólio era vasto *contando* com um grande sortimento, um mix de produtos capaz de atender os mais diversos gostos.

No final dos anos 1930, o comerciante Chagas Barreto Lima estava a um passo de transformar, pelo trabalho e dedicação, a sua firma F. Chagas Barreto & Cia., em sólida e progressista empresa comercial, na Região Norte do Estado do Ceará. As grandes indústrias do Nordeste e do Sul do país resolveram investir no dinâmico empresário sobralense, autorizando a representação de seus produtos, na cidade de Sobral, na Região Norte do Estado e no vizinho município do Estado do Piauí. As firmas, todas de grande porte, de muito prestígio à nível nacional, mantinham com a F. Chagas Barreto, contrato de exclusividade, na distribuição de famosos produtos, tais como: farinha de trigo, do Moinho Cearense; açúcar cristal, de Alagoas; comento Poty, de Recife; cigarros BB e Astoria, da Araken e os produtos Brahma Chopp, do Rio de Janeiro.

As Casas Chagas Barreto, era representante (agente) depositário ainda das mais variadas empresas como: carioca Moinho da Luz; da Companhia hanseática; de Otto Frederich & Cia Ltda.; da Cia Atlantic, da Fábrica de Malha, de Porto Alegre e dos Curtumes Maguary e Cearense.

O curtume Maguary era oriundo do Estado do Pará. Era uma indústria de curtimento de couro, muito importante para o desenvolvimento paraense e que exportava couro para várias partes do país. A indústria nasceu no ano de 1916, sendo fundada e administrada pelos sócios Saunders & Davids. Um dos sócios era o Sr. Claude Whitfield Tyrrel Saunders, um inglês naturalizado brasileiro, o outro era o dinamarquês e especialista em química industrial, Sr. Arthur Johannes W. Davids.

A indústria, *primeiramente*, foi instalada em um precário barracão de madeira, bem próximo ao Rio Maguary-Assu, no Maguary. Depois construídos galpões com materiais vindos do exterior mais adequados onde, também, foram importadas máquinas *diretamente* da Inglaterra.

Com a inauguração e funcionamento não demorou muito para que fossem construídas casas, escolas, postos médicos, cinema, clube, hotel, que na sua maioria eram utilizados pelas famílias dos operários. Contava, também, com um açude de grande capacidade aquífera, que auxiliava a atividade de *preparação* do curtimento e de abastecimento das caldeiras.

Depois de variações comerciais e dissolução da sociedade o famoso Curtume Maguary encerra suas atividades, na certeza de ter contribuído *grandemente* para o desenvolvimento dessa região paraense.

Enfim, o nosso “conglomerado” era chamado de Casa Chagas Barreto e ficava situado na Avenida Dom José, 759. O prédio leva seu nome “Edifício Chagas Barreto” colocado bem acima do prédio e logo abaixo a inscrição “F. Chagas Barreto & Cia.” de três andares, sendo que ao lado no térreo de ambos os lados situavam-se suas lojas. Composto por 6 (seis) janelas, 3 (três) por andar. Um prédio que deveria ser tombado, mas que hoje encontra-se em *completo* estado de abandono. Na parte de baixo, estão instaladas algumas lojas de comércio. As ações da empresa rompiam barreiras com abrangência no Piauí, Maranhão Pará e Goiás. Tempos depois, passou a ser agente (representante comercial) com exclusividade de muitas marcas de *reconhecimento* nacional.

Sua mente era deveras muito imaginativa. No dia 20 de outubro de 1934, o jornal “*O Jornal*” anuncia mais uma empreitada do Sr. Chagas Barreto: a inauguração do Bar Cascatinha. Mais uma prova do tino de empreendedor. Foi inaugurada num sábado e ficava localizado na localizado na praça 5 de Julho, aonde anteriormente tinha funcionado o Éden. Esse novo empreendimento foi confiado sob a gerência do Sr. José de Hollanda.

A notícia dava conta de que o estabelecimento era aparelhado com: “*mobiliário moderno, com instalações adequadas, e com pessoal habilitado, vindo preencher uma lacuna que se fazia*

*sentir nesta cidade; uma casa desse gênero apresentando-se bem montada e dispoñdo de pessoal que bem possa servir a freguesia.”* Inclusive contava o bar com um possante aparelho chamado de *Frz. gidaere*, capaz de manter qualquer cerveja gelada na calorenta cidade de Sobral.

O jornal rasgava elogios ao inteligente e progressista do comerciante por sair na frente e vender bebidas a preços bem mais em conta no qual eram vendidas garrafas por somente 2\$00 (dois contos de réis). Toda a nota dessa *inauguração* pode ser conferida na Parte II deste livro.

Quem ficou responsável pela administração direta do bar fora seu sobrinho Édison Barreto. Era comum se reunir no estabelecimento, sobretudo no domingo pela manhã, muitas pessoas, ao som do cavaquinho de Deusdedith e da voz inconfundível de Paivinha, que animava a todos cantando belas canções *embalando* os corações da mocidade.

Este, era filho da famosa parteira a senhora Mariinha Paiva, que dentre os partos que fizera, trouxe à luz nada mais nada menos que a Miss Brasil de 1955, a senhorita Emília Correia Lima. O garçom era o sempre simpático Dr. Biná, que depois fora eleito vereador por três legislaturas.

Apesar da vida *exemplar* nem tudo foram flores na vida do seu Chagas. Teve inúmeras vezes investidas de larápios (ladrões) aos seus comércios e armazéns, o que lhe rendiam inúmeras dores de cabeça e queixas na polícia. Não à toa foi nomeado delegado, e tempos depois nessa qualidade de Delegado, função que exerceu com *muita bravura*, pode prender muito desses usurpadores de bens alheios. Aliás, nomeado Capitão e depois delegado, uma das suas medidas mais polêmicas foi quando decidiu “baixar decreto” *proibindo* o porte de armas e o jogo do bicho na cidade.

Como já tivemos a oportunidade de ver, o comendador Chagas Barreto, com sua Sapataria Ideal como já vimos foi diplomada pelo Congresso Agrícola de Maranguape em 1917, premiada com medalha de bronze na Exposição Internacional

do Centenário no Rio de Janeiro, Menção Honrosa na exposição de Sobral de 1918, etc.

Inauguração na década de 1980 a “Organização Chagas Barreto” contou com a presença das mais altas autoridades como o Governador Virgílio Távora, prefeito José Euclides Ferreira Gomes, Dep. Francisco Figueiredo, Coronel Nicodemos, além dos representantes da empresa na ocasião Maximino e José Maximino Barreto.

Além desses, na época que *despontou* como maior revendedor Brahma, era recorrente a disputa pelo vencedor do prêmio nacional “Abridor de Ouro”, concedido aos maiores revendedores dos produtos Brahma. Era considerado o “Oscar da Brahma” sendo, portanto, muito cobiçado entre os revendedores de todo Brasil. A solenidade de outorga do prêmio se dava nas dependências de Hotel Glória, no Rio de Janeiro.

No capítulo “O pagador de promessa”, César e Marcelo Barreto contam uma dessas oportunidades:

A famosa Cervejaria Brahma, na época, a maior do Brasil, tinha por norma, premiar os seus melhores revendedores, de todo o país, durante a convenção que fazia anualmente, nos suntuosos salões do inesquecível, Hotel Glória, localizado na orla marítima de Copacabana, na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro.

Na oportunidade, eram entregues, diploma aos vencedores, e também, um prêmio simbólico em dinheiro aos melhores revendedores. A premiação era apelidada de “O OSCAR da Brahma”, tamanha era a repercussão que a imprensa dava ao evento.

Depois de muita luta e muito trabalho para aumentar o volume de venda dos produtos Brahma, o comerciante, Francisco das Chagas Barreto Lima, recebeu uma carta da direção geral da cervejaria Brahma, comunicando a inclusão da revendedora sobralense, como a campeã de vendas, no interior cearense, e, convidando o Varão, a se fazer presente à convenção nacional de revendedores Brahma, que teria sua realização no Hotel Glória. A empresa, ainda informava, que a

viagem seria uma cortesia, num navio, que zarparia dentro de 15 dias, do porto de Fortaleza.

De tanto ser agraciado comendas e justas homenagens o comendador Chagas Barreto virou a própria comenda. No dia 05 de novembro do ano de 2009, dez empresários, que movimentaram a história do comércio e da zona norte e de Sobral foram homenageados com a recém criada Comenda Empresarial Chagas Barreto.

O período escolhido para a *apoteótica* solenidade não podia ser melhor. O evento marcou pelo registro também dos 50 anos (Jubileu de Ouro) do Sindicato do Comércio Atacadista de Sobral (1959-2009), homenageando o Sr. Luiz Bittencourt Gastão, presidente da Fecomércio (Federação do Comércio do Ceará) capitaneado pelo Sindicato do Comércio Atacadista de Sobral.

Na ocasião, o então respeitado e muito aplaudido Atualpa Parente, presidente do Sindicato do Comércio Atacadista de Sobral, faz um breve discurso *a respeito* daquele vulto que dava o nome a comenda:

Chagas Barreto é um dos maiores exemplos do valor do trabalho e da nossa dedicação ao comércio, como bem dizia Ribeiro Ramos, em 1962, que Chagas Barreto era um homem simples e bom, digno e honrado, cuja vida serve de exemplo a todos nós e Dom João Mota, bispo de Sobral na época, citava que ele tinha uma vida marcante de trabalho e honradez, um estímulo para as novas gerações.

Na oportunidade foram agraciados com o troféu os seguintes empresários: José Humberto Frota (Dissobel), Aduauto Custódio (Dimapol), Agostinho L. Rocha (Açúcar Rey), Raimundo Deocleciano da Frota (Eletrojóias), Edward Paulino Dias (Dias Filho), Raimundo Afonso Ribeiro (Timbal Moda/ Timbal Calçados), Odésio Cunha (Loja Odésio Cunha), José

Olivar L. Ribeiro (Loja R. Lopes), Antônio Félix Ibiapina Filho (Loja Cartaz) e Aurélio Ponte (Gomes da Ponte/Casa Samuel).

A solenidade, de tão relevante, para cidade foi entoada em pleno plenário da Câmara dos Deputados em Brasília, pelo Excelentíssimo Sr. Ex-Presidente do Senado Federal e então Deputado Federal Mauro Benevides, no dia 28 de outubro de 2009, onde foi *destacado*:

Um dos mais tradicionais acontecimentos, na área empresarial, levados a efeito, a cada ano, na cidade de Sobral, sempre foi a outorga da comenda CHAGAS BARRETO aos que se destacam, na esfera comercial, em iniciativas destinadas a impulsionar o desenvolvimento e bem estar social da Zona Norte do Ceará. (...) E com isso, será, igualmente, recordado o saudoso Chagas Barreto, de cuja descendência fazem parte o ex-deputado federal Cesário Barreto – político dos mais honrados e leais da política cearense, cuja tradição há sido preservada pelos seus seguidores da política estadual.

Toda essa história de luta, foi finalmente reconhecida pelo povo que serviu, o de Sobral. Seus esforços em prol do desenvolvimento da cidade, geração de empregos, arrecadação de impostos para o município, autoestima do povo sobralense. Não por acaso, foi relativamente reconhecido, embora fosse avesso a homenagens e arredio quando o assunto era homenageá-lo. Na sua cabeça simples *jamais* imaginaria que pudesse estar fazendo história.

Hoje o Mercado Público Municipal de Sobral leva seu nome “Centro Comercial Chagas Barreto” do qual vem passando, ao longo do tempo, por sucessivas e importantes *transformações* estruturais e de melhoria em diversas administrações. As origens do Mercado Público *remetem* ao ano de 1938, quando foi *transferido* para o atual local o comércio e feira que funcionavam na Praça Barão do Rio Branco (hoje Praça Dr. José Sabóia) na administração do então prefeito Antenor Ferreira Gomes.

Em 1964, o prefeito Cesário Barreto, cômico de que aquele estabelecimento era um importante polo desenvolvimentista para a cidade e para a região, inaugura o “Mercado da Carne”, que mais tarde foi reformado na administração de José Euclides Ferreira Gomes.

Já no ano de 1984, o prefeito Joaquim Barreto ou Quincão, o “Oceano de Bondade”, numa tacada de mestre, amplia e constrói o piso superior do mercado, uma antiga reivindicação dos comerciantes locais. Em 2001 houve um *remanejamento* dos verdureiros, cafezeiros e outros comerciantes que se encontravam instalados nos galpões da Rua Coronel José Silvestre. Ganha também o Centro Comercial Chagas Barreto telha metálica com revestimento térmico para amenizar o calor, tanto para os comerciantes, clientes e transeuntes em geral.

A última grande reforma foi feita na gestão do então prefeito, e ex-ministro dos Portos do Governo Dilma, Leônidas Cristino que entregou à população sobralense, o “novo mercado público”, considerado um dos mais bem equipados e modernos do Ceará com área total reformada de 5.918,06 m<sup>2</sup> contando com 280 boxes para feirantes, boxes para cafezeiros (as) e pontos comerciais externos.

Em agosto de 2011, o senhor Chagas Barreto mais uma vez tem seus méritos reconhecidos, só que desta vez a homenagem ocorreu na cidade de Meruoca no Ceará. Acontecia a inauguração do bem equipado e moderno “Hospital Chagas Barreto”.

A homenagem não foi à toa, seu Chagas, embora morador de Sobral, contribui muito para o desenvolvimento daquela região. Era lá onde situava seu Sítio Santa Úrsula, em pleno coração do Vale do São Francisco e que do qual realizava mutirões de saúde para *atendimento* dos munícipes daquela região.

O Hospital Chagas Barreto situado na Rua Dom Expedito Lopes, foi construído na gestão do Prefeito Fonteles. Foi equipado com que há de mais moderno em eletrocardiograma, fisioterapia e ultrassonografia contando também com Laboratório de Análise

Clínicas. Mais tarde o estabelecimento de saúde contou com um aparelho de Raio X, mais duas ambulância para dá suporte ao entendimento de toda região, inclusive os mais necessitados que requerem o atendimento universalizado do SUS.

Em outras gestões oHospital Chagas Barreto passou a contar com oficinas de motivação direcionado aos seus servidores, assistência farmacêutica com a distribuição gratuita e emergencial de medicamentos e, por fim, foi instalada nas suas dependências, a inauguração da sede da Ouvidoria de Saúde.

No carnaval de 2013, outra grande homenagem. A G.R.E.S. Escola Unidos do Alto do Cristo homenageou seu filho Cesário, falando também claro da trajetória de seu pai, inclusive com um carro alegórico em homenagem as Casas Chagas Barreto.

Na apuração a Escola Unidos do Alto do Cristo ficou em terceiro lugar, com 147,5 pontos, para os jurados; mas para os foliões e para o povo foi incontestado como a primeira, no Desfile das Escolas de Samba de Sobral daquele ano.

A letra, música e intérprete ficou ao encargo do senhor Márcio Viana, um carnavalesco de mão cheia. Teve como enredo a ideia de evoluir revivida e cantada, Cesário Barreto Lima, com suas lutas e conquistas de um herói e suas presentes glórias. Desfilaram como destaque em carro alegórico o escritor César Barreto, seu primo Barreto Filho e seu sobrinho Davi Barreto.

Segue a letra samba-enredo da escola de autoria do senhor Viana:

O meu samba foi buscar, no infinito dom da inspiração  
Cintilam versos de amor, meu peito explode de emoção  
Meu pavilhão tricolor, exalta a história de um sobralense imortal  
Cesário Barreto Lima, divina obra prima no hall do meu carnaval

E se ele prometeu, pode-se comprar fiado  
A palavra de Cesário é um cheque pré-datado  
Foi prefeito de Sobral, fez a nobre parceria  
Com Kinkão dileto irmão o progresso irradia

Canta meu povo, a epopeia que no meu samba é lembrada  
Saudosa Casa Chagas Barreto, eterno, imortalizada  
Na política foi dez, saúde e habitação foram metas  
Com o governo Virgílio Távora ampliou a rede elétrica  
Açudes, estradas e a tal patrulha motorizada  
Primeiro Distrito Industrial e verbas para Santa Casa  
Bravo pracinha, um patriota guerreiro, orgulho de ser brasileiro  
Um marco na história de Sobral, enredo do meu carnaval  
Cesário Barreto Lima, minha escola te exalta  
Meu povo desce o morro e cai no samba  
Teu povo sente a sua falta

A residência familiar do clã Barreto Lima ficava em local privilegiado, na Rua Menino Deus, nº 17, no Centro, ao lado do antro das artes sobralense, o Teatro São João. Lá foi cenário de muitas cenas inesquecíveis, como o “processo inquisitório” do Quincão, a hospedagem do Presidente da República Castelo Branco, a malograda contagem dos votos de Cesário, das bodas de ouro, sendo também a residência onde morou o Seu Gil, um filósofo.

Hoje ela é utilizada como “Casa do Papai Noel”. É uma das festividades tradicionais mais badaladas e que mais movimentam pessoas em Sobral na época natalina. *Atualmente* o casarão Chagas Barreto como é *chamado* pela cidade faz parte do sítio arquitetônico de imóveis tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Segundo consta a Portaria Nº 383, de 20 de agosto de 2013, esse imóvel será um dos contemplados para reforma incluída no PAC Cidades Históricas, programa do Governo Federal. Em cinco anos, figurando como a Casa do Papai Noel *arrecadou* e doou mais de 41 toneladas de donativos as mais diversas famílias carentes e entidades de assistência social. O único detalhe que fica a desejar é a falta de informação de quem residiu naquela casa.

Algumas ruas também da cidade foram nominadas em homenagem ao seu saudoso nome em Sobral, como nos bairros Cohab I, Alto da Brasília, Campos Velhos, etc, conforme imagem:

Outra titulação, digamos assim, que Chagas Barreto ostentava era a coronel. Mas aqui há de se fazer muitíssimas ressalvas. Esse título foi por muito tempo usado na história colonial para aqueles homens, que não tinham estudos, mas que tinham através de suas posses, muito respeito *perante* a comunidade ao qual *estavam* inseridos.

Como eram geralmente humildes e “sem estudos”, sentiam falta e um certo *complexo* de inferioridade por não serem reconhecidos pela sociedade simplesmente por não ostentarem em seus currículos o tal título de “doutor”. Então, para eles, eram concedidos o título simbólico de coronel, para que eles se sentissem recolocados na sociedade.

Mas com o passar do tempo - os coronéis e o movimento impulsionado por eles, sobretudo no nordeste -, o coronelismo se tornou uma página negra na historiografia brasileira. Muitos com esse título e detentores de muito poder abusavam *frequentemente* de seus poderios. Mas nem todos coronéis praticavam o Coronelismo etimologicamente falando. Coronelismo, é tido como um movimento *nefasto* da história brasileira. Isso porque foi um sistema baseado no compadrio, exploração de trabalho, fisiologismo; sendo, portanto, sinônimo de atraso opressão.

Porém, o Sr. Chagas sempre foi exatamente o oposto de tudo isso. Odiava a violência e foi vítima dela tanto quando foi injuriado publicamente e também quando teve seu irmão brutalmente *assassinado*.

Hoje em pleno século XXI se fala muito agora da nova roupagem do movimento do chamado Neocoronelismo, que hoje se concentram nas mãos daqueles que controlam os meios de comunicação, as lideranças neopentecostais, dos cartolas, dos agropecuaristas e megaempresários de toda sorte, etc., ou seja, dos que têm maior capital social e intelectual que muitas das

vezes, lhes garantem *sucessivos* mandatos eletivos e influência nos variados postos de poder.

Chagas Barreto, mesmo não sendo doutor, alcançou diversos tratamentos tais como: coronel Chagas Barreto, Seu Chagas, Delegado Chagas, Sr. Chagas, Presidente Chagas, Capitão Chagas, e apesar da coleção de títulos nobiliárquicos, jamais se enviaidia se achava superior aos outros. Passou um tempo como delegado, como Juiz, como Presidente da União de Retalhistas e presidente de sessões eleitorais, organizando eleições de vereadores e deputados estaduais. etc.

Tudo isso era só uma forma, ainda que inocente, de preencher uma lacuna, que mesmo uma pessoa da *envergadura moral* que ele tinha mas que em nossa sociedade ainda insiste em valorizar somente *aqueles* que possuem títulos.

Mas, apesar de todo esse respeito conquistado; o mais grave estava por vir, pior do que ter bens subtraídos, o mais difícil foi ver sua honra arranhada em público. Fora vítima, assim como Jesus de Judas Iscariotes, de um senhor que era seu protegido, pois o mesmo chamou-lhe de palavras que não valem nem a pena serem falados.

*Entretanto*, nenhum desses infortúnios se comparou ao que aconteceu no dia em que seu irmão (“sangue do seu sangue”), foi alvejado. Nem um desses se comparou a maior injustiça que se deu com o assassinato do irmão Deolindo Barreto. Ali ele sentiu o peso do que acontece com quem *ousa* bater de frente com os poderosos. Essas e muitas outras agruras, de como, por exemplo, conseguir *sobreviver* num mundo injusto, foram *todas* superadas por Chagas Barreto.

## 4.1 CERVEJARIA BRAHMA

As casas Chagas Barreto tinha dois carros chefes dentro da corporação a saber: eram eles a cervejaria Brahma e o Moinho da Luz. A cerveja Brahma até hoje existe, foi incorporada pela

AMBEV. Nos anos 90 travou uma batalha pela *hegemonia* no mercado com a não menos famosa Antártica.

Sua abrangência de atuação rompeu os limites municipais de Sobral e do Ceará. Atuação destacada no vizinho estado do Piauí, como em Campo Maior e na capital Teresina. No Maranhão, em Caxias, chegando inclusive ao Pará.

A cervejaria foi fundada em 1888, no Rio de Janeiro, pelo Eng. Suíço, Joseph Villeger, de forma artesanal, em sua própria casa. No início do século XX, a empresa já contava com mais de 30 empregados e uma produção diária de 12 mil litros de cerveja. Nos anos de 1940, a cervejaria atingiu a produção de 40 milhões de litros, fabricados em 5 fábricas, 29 tipos de cervejas e 16 tipos de refrigerantes, sendo desde aquela época, a Brahma, a mais consumida no país.

Ainda hoje em atividade, quem não abre mão de uma cervejinha e um churrasquinho com a família e os amigos nas reuniões familiares. A representação passou pela mão de sua descendência, mas não foi dada a continuidade aos negócios, que diga-se passagem, ainda um ramo muito rentável para quem se dedica. O fato da família ter se envolvido com a política, acabou negligenciando a atenção com os negócios. Hoje, das *atividades* das Casas Chagas Barreto, nada restou.

E as atividades de representação não se restringia somente as lides comerciais, frequentemente eram promovidos premiações de garçons e até o patrocínio de um time de futebol. Inclusive, a título de curiosidade, era comum, a referida casa comercial, revender inúmeros equipamentos esportivos tais como bola, apitos, uniformes, etc.

Naquele tempo, surgiu também, um importante time - era o time infanto-juvenil Brahma Esporte Clube, com atuação em Campo Maior no estado vizinho do Piauí. Como a Casa Chagas Barreto detinha exclusividade dos produtos Brahma por toda a região norte-nordeste, por um tempo, sua empresa, achou por

bem *patrocinar* o referido time. Na década de 70, o time era destemido por todos nas competições que disputava, sobretudo no famoso Estádio Deusdeth Melo, no campo da Baixona, etc.

Fizeram parte do esquadrão Brahma os atletas: Antonio Souza (Técnico), Babau, Carlinhos da Maria Augusta, Carlito do Graxa, Didi Pisca-Pisca (filho do Palmeiras), Djalma, Hamilton Reis, Juscelino, Maurinho, Osvaldo Araújo (o Vadin), Paulo (goleiro, filho da dona Luizinha), Paulo Henrique (do Décio Bastos), Santos (filho do Edgar Araújo), Tó (irmão do Vadim), Toinho do Zezé, Valdenes (irmão do Valdinar), Valderi, Valdinar (filho do taxista Luisinho Araújo), Washington Araújo (Ostinha) e Zacarias (irmão do Santinho).

A equipe conquistou vários títulos e era todo patrocinado pela Casa Chagas Barreto, da qual o escritório ficava em frente ao Teatro da cidade. O presidente do time era Marcelo Barreto<sup>2</sup> Alves, gerente da distribuidora em Campo Maior<sup>3</sup>, no vizinho estado do Piauí. Hoje, o campo-maiorense reconhece os esforços despendidos pela empresa, *sobretudo*, pelo grande bem feito Marcelo, que deu muitas alegrias a cidade com seu aguerrido time.

Quiçá, pela vida sempre muito cheia, o senhor Chagas Barreto não tenha desenvolvido essa suposta paixão *adormecida* pelo futebol, o fazendo por intermédio de seu sobrinho, Marcelo e de seu filho, Cesário Barreto, também jogador amador de futebol.

## 4.2 MOINHO DA LUZ

Já o Moinho da Luz era considerado um “*estabelecimento industrial que honrava o país*”. Foi fundada pelo luso-brasileiro Zeferino de Oliveira. Era uma grande fábrica de *beneficiamento* do trigo instalada no Rio de Janeiro. Seu maior produto era a farinha de trigo Três Coroas e depois a Brilhante. Utilizada para fazer o pão, alimento tão delicioso e *essencial* como nos tempos de Cristo.

Sobre o que é mesmo este estabelecimento deixemos os mesmos falarem tal como aconteceu na reportagem “O que é o moinho da luz?”:

A indústria do trigo no Brasil tem, no MOINHO DA LUZ, o formidável estabelecimento criado pelo gênio organizador do saudoso industrial Zeferino de Oliveira, Português de nascimento e Brasileiro de coração, um dos seus legítimos padrões de orgulho e que honram o progresso do Brasil.

Instalado no edifício grandioso, sóbrio e simples, na sua arquitetura moderna de linhas retangulares, o MOINHO DA LUZ chama a atenção ali na rua Benedito Antonio. É um verdadeiro monumento de progresso, um “dólmen” século XX a atestar a grandeza de nossa contribuição ao vulto monumental da civilização hodierna.

Ali é o trigo em grão beneficiado por processos e maquinismos modelares, última palavra no gênero, obedecendo aos ditames das necessidades materiais da atualidade. A farinha ali manipulada, observando-se os processos mais preconizados pela higiene moderna, constitui um produto saboroso e substancial, cujo consumo é um atestado eloquente da sua superior qualidade é da perfeição com que é feito.

É que os maquinismos do MOINHO DA LUZ exprimem tudo quanto, no gênero, se pode exigir ou conceber de mais perfeito. São aparelhos confeccionados nos mais conhecidos e afamados “ateliers” do estrangeiro.

O MOINHO DA LUZ tem, por isso, uma produção diária de 300.000 quilos ocupando 150 operários, na sua atividade febricitante de todos os dias. Ali, aliam se num concerto de trabalho dinâmico, a perfeição e a rapidez, o que dá a sua produção as características materiais exigíveis, no mercado, pelos consumidores.

Ademais, nem só esses fatores são a causa determinante - do êxito desse empreendimento formidável que é o MOINHO DA LUZ. Outro se sobreleva como mais importante, que é a verdadeira organização nuclear que preside aos trabalhos de confecção.

Direção inteligente, disciplina, ordem, colaboração. Tudo que concorre para o ritmo do trabalho alentado e produtivo. Partes

que se integram no todo, nesse laboratório que é o MOINHO DA LUZ, onde não há lugar para a estática, porque tudo ali é dinâmico, acompanhando o resfolegar contínuo da alma do século. Melhor culto não pode ter a memória do inolvidável Zeferino de Oliveira, que, assim, vive, presente ao tumultuar da vida febricitante dessa obra portentosa que legou ao país.

Estão hoje à frente do MOINHO DA LUZ o Sr. Mario de Oliveira, seu ilustre presidente, filho e continuador da obra magnífica do grande e operoso industrial; e os seus diretores Monteiro Guimarães, Francisco Sena Pereira e Manfredo Delamare, verdadeiros alentadores desse portanto da indústria brasileira, orgulho do nosso País.

Chagas Barreto era representante do produto da zona norte conforme noticia o jornal *O Combate*, de Massapê, datado de 6 de janeiro de 1932, numa pequena matéria de título “Um produto que honra a indústria nacional”:

Sexta-feira 22 do corrente, a convite do Sr. José Firmino C. Lopes, gerente da firma F. Chagas Barreto, da Sobral, visitamos a “Padaria Brasileira”, antiga “Duas Nações”, de propriedade dos Srs. P. Sampaio & Filho, onde nos foram oferecidas amostras de finos produtos de padaria, fabricados, segundo afirmam os proprietários e como de fatos verificamos, com a afamada farinha de trigo nacional marca 3 COROAS, do “Moinho da Luz” do Rio de Janeiro. Pela fina qualidade do produto ali fabricado, especialmente e pão, podemos afirmar que a farinha de trigo 3 COROAS substitui vantajosamente as farinhas de procedência estrangeira das melhores marcas.

Informaram-nos, mais os proprietários da “Padaria Brasileira” que, as COROAS nada fica a dever às marcas estrangeiras, quer quanto a facilidade de preparo, quer quanto ao rendimento.

Está pois de parabéns a indústria nacional e a firma F. Chagas Barreto, representante na zona norte do Estado, do “Moinho da Luz” fabricante da farinha 3 COROAS.

Graças a essa representação e pela qualidade do produto, Chagas Barreto se tornou muito conceituado, rendendo-lhe elogios dos compradores, de panificadores, de religiosos tal como prescreve a nota veiculada no Jornal *O Debate* de 6 de janeiro de 1932, que tem como título: “Referências da imprensa do norte cearense farinha ‘3 coroas’”.

Assim dizia:

Esteve em nossa redação o Sr. F. Chagas Barreto, acompanhado do Sr. João Gondim, panificador que está atualmente estabelecido em Massapê com uma panificação bem montada, denominada “A Brasileira.”

Disse-nos o Sr. Gondim que há dias vem trabalhando com a farinha “3 Coroas” do Moinho da Luz do Rio de Janeiro, do qual o Sr. Barreto é representante nesta zona e que, tem obtido um produto igual à que produziu a “Rei do Nordeste.”

Às experiências realizadas aqui domingo ficou resolvido a crise do pão pois este Sr. nos ofereceu diversos pães fabricados com a farinha “3 Coroas” de ótima qualidade.

Está de parabéns o povo sobralense porque conseguiu adquirir um produto bom e muito mais barato. O Sr. Gondim é um panificador habilíssimo, muito conhecido na capital do Estado onde desenvolveu em alta escala a sua atividade neste gênero.

O jornal católico *Correio da Semana* não perde a oportunidade e na mesma data solta a nota “Pela indústria nacional” onde diz:

Já destas colunas temos algumas vezes proclamado a superioridade de diversos produtos da nossa indústria sobre outros idênticos de marcas estrangeira. A indústria nacional tem lançado ao mercado artigos que substituem perfeitamente o que importamos por preços mais elevados.

Entretanto, nossa economia, traz, ao mais das vezes o seu desfalecimento. Vem isto a pelo, por ter sido, há pouco tempo, lançado ao consumo, um artigo cujas experiências provaram estar acima de todos os seus congêneres.

É a farinha»Três Coroas», do «Moinho da Luz», do Rio de Janeiro. Assistimos, há poucos dias, a uma experiência feita com esse produto cujos resultados foram os melhores possíveis.

Recomenda-mo-lo, portanto, aos senhores panificadores que bem quiserem, servir à sua freguesia e por um dever de patriotismo auxiliar a nossa indústria.

Para dar maior credibilidade ao produto e aos serviços oferecidos até religiosos eram consultados acerca dos produtos do Moinho da Luz. Aliás, tinham de fazer as hóstias sagradas usando o fermento do Moinho da Luz, o pão que *simboliza* o corpo de Cristo na Santa Ceia, comunhão entre os cristãos.

Além desses muitos outros comerciantes sobretudo padeiros também parabenizavam o comerciante por oferecer uma farinha de qualidade bem *superior* a outras oferecidas no mercado. No jornal segue uma série desses depoimentos – as tais “opiniões abalizadas” - do qual destacamos alguns para ilustrar

O ilustrado sacerdote, Pe. Gonçalo Eufrásio, diretor do Instituto “Dom Bosco” escreve ao **Sr. Chagas Barreto**, exaltando o ótimo produto do “Moinho da Luz” do Rio de Janeiro a farinha “Três Coroas”.

Sobral, 6 de Fevereiro de 1952.

**Ilmo. Sr. F. Chagas Barreto**

Nesta

Na qualidade de Diretor do “Externato Dom Bosco” desta cidade, venho penhoradíssimo agradecer-lhe o gesto de generosidade para com a minha divisão dos “Pobrezinho de Dom Bosco”, enviando lhes 15 quilos de pão e 2 de bolachinhas, manufaturados, respectivamente, com a excelente farinha de trigo marca “Três Coroas” e “Brilhante”, produto do “Moinho da Luz” do Rio de Janeiro.

Queira, pois, ver, nestas linhas, a expressão sinceras do grande reconhecimento dos meus “Pobrezinhos” e aceitar os meus não menos sinceros parabéns pela superioridade desse produto que,

apesar de nacional, pode equiparar-se, vantajosamente, aos melhores no gênero, importados do estrangeiro.

Subscreve-se atenciosamente.

Seu amigo e Cro.

Padre Gonçalo Eufrásio

Segue mais outra para finalizar:

Massapê, 13 de Fevereiro de 1932.

Ilmo. Sr.

**F. Chagas Barreto.**

Sobral,

É com grande satisfação que vimos comunicar-lhe que a marca de farinha Brilhante produziu ótimo resultado em nossa Padaria, pelo portador estamos lhe enviando uma amostra pela qual o amigo poderá constatar o que ora afirmamos.

Como vê o amigo tivemos razão quando lhe afirmamos em carta anterior, que nosso panificador trabalha com qualquer marca de farinha do “Moinho da Luz”. Anda esperamos produzir pães melhores do que os de hoje, com a farinha “Brilhante”.

Seus amigos:

Pedro Sampaio & Filho

Outras opiniões encontram-se pulverizadas nos jornais sobralense da época. Bem, essa parte da sua história com relação a sua vida empresarial também é bastante escassa, tal como as outras áreas de sua vida. Das poucas informações *referentes* a essa questão estão registradas em jornais da época tal como pusemos aqui.

A Casa Chagas Barreto foi o que foi, “alcançou o ápice” por assim dizer porque esteve sempre comercializando os melhores serviços e produtos como esses dois retro citados, sem falar dos outros mais que existiam e que também eram consumidos pela sociedade sobralense.

## CAPÍTULO 5

---

### IRMÃOS BARRETO

Como já tivemos a oportunidade de *consignar*, Chagas tivera a benção de possuir vários irmãos. Nominalmente eram eles: Deolindo Barreto Lima, Joaquim Barreto Lima, Maximino Barreto Lima, Júlio Barreto Lima, Joana Barreto Lima, Maria Barreto Lima, Leonor Barreto Lima e Manoel Barreto Lima.

Alguns fizeram parte de sua vida diretamente; já outros, de forma tímida; sendo portanto, muito deles desconhecidos por parte da maioria da família. Pelo fato de *não* tratarmos dos outros não quer dizer que não tenham eles lá suas importâncias. Mas como nosso tempo é *exíguo*, e as informações sobre os demais irmãos são escassas, nos detivemos em especial, a dois deles dos quais falaremos um pouco *a seguir*.

#### 5.1 MAXIMINO: O Braço direito

*Ab initio*, o que poríamos falar de Maximino Barreto Lima é de que ele foi um anjo enviado por Deus, tanto para sua família como para seu irmão Chagas. Foi um dos fundadores e sócios e uma dos maiores responsáveis pelo crescimento da Firma Chagas Barreto.

Homem voltado única e exclusivamente ao bem estar de sua família e ao trabalho, faleceu prematuramente aos 31 anos de idade, no *ardor* de suas atividades comerciais e no denodado trato como chefe de família. O jornal *A Imprensa* dedicou todo um artigo em primeira capa notificando seu falecimento, bem como exaltando as qualidades humanas de Maximino.

Num trecho o jornal assevera: “*Sincero e bom, Maximino cativava pelo seu trato e pela sua lealdade de ação. (...) Filho*

*extremoso e bom, pai carinhoso, irmão dedicado e amigo leal, sempre o fora Maximino Barreto que gozava no nosso meio das mais arraigadas simpatias.”*

Sua história é muito parecida com a de seus irmãos. Ele nasceu na antiga Vila de Independência/Ceará, no dia 28 de Maio de 1895, aonde batizou-se.

Chega em Sobral aos 8 anos e já aos 13 anos empregou-se no escritório da Fábrica de Tecidos. Depois foi trabalhar no estabelecimento comercial dos Srs. Aragão Coelho & Cia. Mais tarde, estabelece-se com uma mercearia no Mercado Público. É quando seu irmão Francisco das Chagas Barreto, o convida para trabalhar na sua casa comercial. Lá foi gerente e exerceu também, sempre com muito zelo, a função de Caixa.

Casa-se com a distinta senhora Antonieta Solon Barreto Lima no dia 18 de Setembro de 1920. Dessa união, nasceram dois filhos Joaquim e Sant’Anna.

Para informações mais claras e precisas segue na íntegra a matéria de capa do Jornal *A Imprensa* da edição N 91 do dia 3 de julho de 1926, que nos traz um panorama da vida desse grande homem que teve sua vida ceifada precocemente:

Na manhã de quarta-feira última, sucumbiu nesta cidade, o nosso prezadíssimo amigo Maximino Barreto Lima, sócio da conceituada firma desta praça, **F. Chagas Barreto**.

Perda irreparável que muito lamentamos foi a deste amigo, que em pleno vigor da vida se apartou da esposa idolatrada e dos filhos diletos.

Sincero e bom, Maximino cativava pelo seu trato e pela sua lealdade de ação. Faleceu aos trinta e um anos de idade, quando mais se empenhava na luta pela vida anelando proporcionar, de futuro, maiores proventos a sua família.

Filho extremoso e bom, pai carinhoso, irmão dedicado e amigo leal, sempre o fora Maximino Barreto que gozava no nosso meio das mais arraigadas simpatias.

A demonstração mais eloquente do quanto era estimado, tivemos-la no seu enterro, um dos mais concorridos que assistimos nesta cidade. Quando exercia a sua atividade quotidiana, na manhã de terça-feira, foi inopinadamente atacado da moléstia que o prostrou gravemente enfermo.

Transportado á sua residência, ali, guardou o leito até a manhã seguinte, quando a parca inexorável roubou-lhe a vida tão cara á sua família e aos seus amigos.

Quem suportaria vê-lo morrer em pleno mocidade, cheio das mais belas esperanças?

Deus, porém, tem os seus eleitos. Maximino Barreto, possuidor das mais belas e invejáveis qualidades de coração, entregou sua alma a Deus resignado, tendo antes, recebido os sacramentos da nossa religião.

Improficuos foram os recursos médicos. Tão sollicitamente prestados pelo ilustre facultativo Dr. Manoel Marinho de Andrade, que envidou os maiores esforços para salvá-lo.

Assistiram-no na hora extrema, os digníssimos sacerdotes Revdmos. Monsenhor Antônio de Lyra Pessoa de Maria e Padre Fortunato Alves Linhares.

Maximino Barreto Lima era filho do nosso saudoso amigo Sr. Joaquim de Souza Lima, e de sua exma. esposa D. Porcina Barreto Lima.

Nasceu na vila de Independência, deste Estado, no dia 28 de Maio de 1895, aonde batizou-se

Veio para esta cidade aos oito anos. Aos treze anos empregou-se no escritório da Fabrica de Tecidos, trabalhando, depois, no estabelecimento comercial dos Srs. Aragão Coelho & Cia.

Mais tarde estabeleceu-se com uma mercearia no Mercado Público, d'onde a convite de seu irmão, nosso amigo **Francisco das Chagas Barreto**, entrou para a sua casa comercial, da qual era então gerente, exercendo também as funções de Caixa.

Aos 18 dias do mês de Setembro de 1920 contraiu casamento com a exma. Sra. D. Antonieta Solon Barreto Lima, filha do nosso

particular amigo Sr. Luiz Solon de Aguiar e de sua exma. esposa D. Maria Antonietta de Aguiar.

De seu consórcio lhe sobrevivem dois inocentes filhinhos Joaquim e Sant'Anna, que ainda não podem avaliar sua grande perda.

O seu enterramento que se realizou na tarde do mesmo dia de seu falecimento, teve numeroso acompanhamento. Sob o

caixão viam-se quatro lindas coroas, das quais pendiam fitas com as seguintes dedicatórias:

SAUDADES ETERNAS DE SUA MÃE E IRMÃOS

SAUDADES DE SUA ESPOSA E FILHINHOS.

É com imensa mágoa que cumprimos o doloroso dever de noticiar o prematuro passamento deste inolvidável e querido amigo.

A Imprensa» sinceramente contristada com o doloroso falecimento de Maximino Barreto Lima, apresenta á sua exma. esposa, filhos, mãe, irmãos, cunhados tios, e demais parentes, sentidas condolências.

Por nosso intermédio a Família Barreto Lima, a sua desolada esposa e demais parentes, agradecem a todas as pessoas que se dignaram comparecer o seu enterramento, e que lhe apresentaram pêsames pessoalmente, por cartas, cartões, e telegramas, o que faz de modo especial ao ilustrado Dr. Manoel Marinho de Andrade, que com muita dedicação prestou-lhe os seus serviços médicos e aos Dr. Saturnino Memoria Professor Cláudio Nogueira, João Linhares, Salviano Cavalcante e Randal Pompeu, que abnegadamente lhes prestaram, assinalados serviços.

#### MISSA

Ainda por nosso intermédio, a família, do pranteado morto, a sua desolada esposa e os seus parentes, convidam todos os seus amigos a assistirem, a missa que em sufrágio de sua alma, mandarão celebrar amanhã, ás 6 horas, na igreja do Menino Deus.

Há coisas na vida que não há explicação. Ter a própria vida interrompida no auge de seu vigor humano é uma delas. Mesmo sem provocarmos direta ou indiretamente coisas ruins tendem a acontecer com qualquer um de nós. Ninguém está *immune!* São

as chamadas tragédias, dramas, fatalidades. A bem da verdade é que são cumpridos os desígnios de Deus.

E Ele não deve explicações há ninguém, quanto das suas decisões, cabendo a cada um aceitar; pois querer achar uma resposta ou culpado será em vão. Maximino foi um *anjo* por assim dizer. Enquanto vivo, só procurou fazer e o bem e influenciar positivamente aqueles que o cercaram. E seu irmão Chagas sempre foi muito *grato* por isso.

## 5.2 DEOLINDO: Um Mártir da Imprensa Brasileira

Outro irmão que não pode jamais ser olvidado quando tratamos de sua trajetória de vida é a do jornalista Deolindo Barreto.

E aqui aproveito o ensejo, para transcrever a trajetória do Jornalista Mártir da imprensa sobralense Deolindo Barreto Lima, fundador do Jornal A LUCTA, assassinado em plena Câmara Municipal de Sobral tomando como paralelo a influência marcante do irmão *mais velho* Chagas.

Trata-se do texto: “Duas vidas, uma história” que compõe o livro *Um Varão de Plutarco: A Saga de Chagas Barreto Lima*, espinha dorsal desta obra.

Agradeço imensamente a sensibilidade ao poeta César por ter cedido o espaço para registro da história. Em suma, trata da trajetória do jornalista e como o Seu Chagas influenciou nela ora atuando como protetor, ora como aconselhador. Hoje a mesma passagem tem como título “O Mártir e o Mito”.

Segue, portanto, o texto na íntegra. Com vocês, “Duas vidas, uma história”:

Tinha tudo para ter sido um final feliz. Entretanto, por força do ocultismo nefário e da faceta obscura da natureza humana, meu bisavô Chagas Barreto, teve o dissabor de ver sua exemplar trajetória de vida, injustiçada da forma mais abominável possível.

Mesmo sendo um brasileiro vultoso, com todo um legado deixado de dedicação exclusiva à Deus, à família, ao trabalho, ao país e ao próximo, não foram suficientes para imunizá-lo de uma das maiores dores e aflições que uma pessoa de bem, pode sentir em vida: a perda trágica de um ente querido.

O filósofo inglês, Thomas Hobbes, em sua aclamada obra *O Leviatã*, emplacou o célebre pensamento: “*O homem é o lobo do homem.*”, concluindo desse modo, que o homem é, essencialmente, mau. Evidenciaremos, a seguir, que sua teoria estava correta.

Essa passagem tem como eixo basilar, a vida de dois dos filhos do distinto senhor Joaquim de Sousa Lima e da bem quista senhora Porcina Augusta Barreto Lima, Chagas e Deolindo Barreto. Ambos tiveram como berço, os confins dos sertões áridos do “Caratiús”, mais precisamente na Vila Príncipe Imperial (hoje Crateús), banhada pelo Rio Piranhas (hoje Rio Poty).

Definitivamente, não foram pessoas comuns. Eram daqueles que estavam bem acima da média. Cada um carregava consigo uma estrela, que reluzia forte por onde passava e que brilhou intensamente, enquanto vida, tiveram. Eram dois típicos Varões de Plutarco!

F. das Chagas era um exímio mercador persa, arguto na prestação de serviços, produção, permuta, compra e venda de mercadorias. Seu universo profissional gravitava em torno das coisas concretas, físicas e palpáveis. Já Deolindo, tinha como desiderato, sair em defesa dos mais fracos, pobres e oprimidos, se valendo das letras para se opor contra as classes opressoras, a hipocrisia e a injustiça. Digladiava na arena das coisas abstratas, metafísicas e ideológicas.

Assim como seu irmão, Chagas Barreto, Deolindo encara a vida aos tenros 12 anos de idade, quando teve de se deslocar a São Benedito para morar e trabalhar no armazém de seu tio-padrinho Aristides Barreto. De posse da maioridade, tem rápida passagem por Sobral de onde vai para Belém do Pará acompanhado por outro tio, Alfredo Barreto.

De lá, se aventuram ainda, em 1902, para o Amazonas, mais precisamente na cidade de Humaitá, entusiasmados pela corrida em busca do chamado “ouro preto”. Corajosamente, se embrenham, ainda, nos seringais da selva amazônica, onde logo se envolvem na

produção de um jornal local chamado “Humaitá” em meio a um período conhecido da história brasileira como o Ciclo da Borracha.

Em 1903, Deolindo aporta em Sobral para se casar com sua prima Maria Brasil Barreto Lima. Ainda no mesmo ano, retorna para Belém com a esposa e o irmão Joaquim Barreto, empregando-se no periódico *A Província do Pará* onde efetivamente, aprende o ofício de tipógrafo. Durante todo seu funcionamento, esse jornal teve sua sede vítima de inveterados ataques incendiários. Ao ver seu local de trabalho tomado pelas chamas repetidas vezes, Deolindo decide partir.

Em 1908, Deolindo Barreto, finalmente regressa em definitivo a Sobral, trazendo consigo na bagagem equipamentos básicos para montagem de uma tipografia. É recebido, na Estação de Trem, por seu irmão, Francisco das Chagas Barreto, que a essa época tinha como “padrinho” o Juiz de Direito, fazendeiro e empresário, o coronel José Sabóia. É, também, justamente por intermédio deste, que o Seu Chagas consegue uma casa alugada para que Deolindo more provisoriamente com sua família. Entretanto, por conta de uma polêmica em torno de uma rifa para construção do prédio da Santa Casa de Misericórdia, Deolindo é despejado.

Esse fato se deu por conta de um artigo, de título “Iniquidade”, num de seus jornais experimentais, no qual o jornalista saiu em defesa do Padre Tupinambá contrariando a pretensão do poderoso Juiz. Com seus pertences pessoais na rua e sem ter para onde ir, mais uma vez, é socorrido por seu irmão, Chagas.

Pois bem, ressabiado após as desventuras amazônicas, o recém chegado não perde tempo. Inicia seu trabalho tipográfico imprimindo convites, panfletos, rótulos e folhetins. Terceirizou, também, a impressão do jornal *O Nortista*. Entretanto, vendo que não tinha temperamento para esses tipos de serviços, se arrisca na publicação de jornalecos de pequeno porte, páginas e tiragens.

O primeiro a circular foi *A Mão Negra*, que por possuir teores incomodativos, logo foi intimado a ser suspenso pela Polícia por intervenção direta da corrente política conhecida como “Marretas”. Porém, Deolindo é, demasiadamente, ousado e não desiste fácil. Persistente, lança desta vez, *A Mão Branca*, sendo preso ex-offício por

ordem arbitrária e unilateral de um Juiz. Pela primeira vez sente o gosto amargo do que é ser levado às barras da justiça, sem possuir o mínimo de culpa e de provas que o incriminassem.

Sete praças o conduzem de seu lar até uma cela insalubre e pútrida do cárcere. Sua parva e cômica acusação: “Linguagem imoral e ataques ao presidente da República Hermes da Fonseca.” Os colegas democratas, rapidamente se movimentam para sair em defesa do amigo, impetrando um *habeas corpus* no tribunal.

Porém, o que livra mesmo Deolindo da cadeia é a intercessão providencial de seu irmão, o empresário em ascensão, Chagas Barreto e de seu cunhado, o atinado advogado Dr. Ataliba Barreto. Depois disso, o “Lenhador de Paixões” como se intitulava, tenta ainda publicar “*A Mão Roxa*”, mas logo é rechaçado por familiares e amigos.

Buscando melhor se articular no cenário político local e acreditando que um dos caminhos mais legítimos para promover uma transformação social eficaz seria a imprensa, Deolindo procura organizar um jornal de maior circulação e em formato mais sério, dentro dos preceitos jornalísticos vigentes na época.

O estado do Ceará encontrava-se sob intervenção federal e estado de sítio permanente. Em meio a esse contexto histórico instável e também em face da recepção inamistosa por parte da oposição, Deolindo vai se dando conta do que teria de enfrentar. Em data histórica, 1º de maio de 1914, dia em que se é comemorado universalmente o Dia do Trabalho, nasce finalmente, *A LUCTA*.

Os lemas da sua bandeira liberal eram: “*Digam-se a verdade embora desabem os céus*”. Ousou dizer a verdade e o céu desabou por sobre sua cabeça. E também: “*Diga o caso como o caso foi, cão é cão e boi é boi*”. Definitivamente não é o que temos visto nos dias de hoje, cada vez mais o boi é tido como cão, e o cão, acaba sempre levando a culpa do boi.

Pelo viés político, o jornal seguia a tendência ideológica preconizada pelo influente Partido Democrata. Acreditava, Deolindo, que tal vertente política tinha o melhor projeto desenvolvimentista para a cidade. Desse modo, acabou batendo de frente com o Partido Conservador (os Marretas) que tinha como sustentáculo principal, a

oligarquia cearense. Um dos maiores expoentes e caciques políticos dessa legenda, era nada mais nada menos, que o destemido coronel Chico Monte.

Deolindo foi de uma época em que o jornal era a voz e a cara do seu diretor. Portanto, logo a postura e a personalidade dele passariam a ser refletidas nas tintas e nas páginas do seu periódico. Deolindo era intrépido, possuía postura sólida e para defender seus ideais, era capaz de enfrentar qualquer um de igual para igual e de peito aberto.

Filosoficamente, Deolindo era adepto da corrente iluminista, republicana e, sobretudo, liberal, fortemente influenciado pelos ideários de igualdade, liberdade e fraternidade germinados no seio do Velho Continente, através da eclosão da célebre Revolução Francesa. Dessa forma, não era raro ver em seu jornal citações a pensadores como Voltaire, Rousseau, Arthur Schopenhauer, Maximo Gorki, Max Nordeuaux, Leão Tolstói, Flaubert, Darwin, Flammarión, Comte e Bossuet.

Por isso, além de defender a liberdade individual do cidadão como um direito indisponível, era recorrente ver publicações suas com teores mais ousados. Inclusive reproduzia crônicas escritas pelo maranhense Humberto de Campos, com o pseudônimo Conselheiro XX, consideradas profanas por conter teor erótico. O Clero Católico, logicamente, não gostava nada disso e se mostrava incomodado a cada publicação desse jaez. Esse conflito ideológico chegou ao ponto de Deolindo angariar atrito logo com o maior sobralense de todos os tempos, o Conde e Bispo Dom José Tupinambá da Frota.

No auge dessas desavenças, sem medir consequências do que vinha semeando, o Correio da Semana, publicação da Igreja Católica, que existe até hoje, começa a atacar. A época, esse jornal era capitaneado e orientado pelo então influente líder religioso, bispo de Sobral Dom José.

Ele, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, consigna a nota, na primeira capa da edição do dia 14 de outubro de 1922, Ano V, nº 25, tendo como destaque seu brasão episcopal, que o jornal A Lucta era: *“(...) Ofensivo a consciência católica do povo pelos seus erros contra a fé, pela sua linguagem imoral e pelos insultos dirigidos aos ministros sagrados e*

*a própria dignidade Episcopal. (...) Proscrevemos e condenamos A Lucta, proibindo expressamente aos fiéis desta nossa diocese que assinem ou leiam sob pena de PECADO MORTAL.”*

Outra trincheira de batalha d’A Lucta era militar em detrimento do tão sonhado alcance pleno da paz e da justiça social. Almejava A Lucta, ser o Diário Oficial da massa esquecida pelo descaso político no sertão sobralense. Cidade essa, acometida pela falta de infraestrutura mínima que garantissem serviços básicos para uma boa qualidade de vida a população em geral.

A Lucta, na omissão de seus governantes, não se furtava em levantar campanhas para arrecadação de fundos em apoio aos sobralenses atingidos pelas mais diversas laias de mazelas. Povo esse, ora assolado pelo elemento fogo, por intermédio de uma insolação visceral que fadava toda uma terra, ao julgo penoso da sequeidão, ora acometido pela fúria do elemento água, através dos transbordamentos, enchentes e alagamentos sobrevividos do caudaloso Rio Acaraú, quando das chuvas torrenciais.

A voz abafada do povo sobralense encontrava fôlego e eco na pena de Deolindo. Envolto a todo esse caldeirão cultural, ideológico e social, Deolindo não aliviava ao criticar e zombar ferozmente a burguesia conservadora, a sociedade hierarquizada, bem como a elite política local reacionária. A Lucta era o único jornal que tinha a coragem de sair em defesa das causas sociais. Único em circulação que retratava uma Sobral sem maquiagens, castigada pela seca em detrimento de uma burguesia em permanente crise de identidade, que negava sua condição sertaneja para posar como europeia.

Por essa e outras é que A Lucta, alcança a cada edição, crescimento vertiginoso nas vendas, tanto na forma avulsa, como em assinaturas. O agora respeitado Jornalista Deolindo Barreto era, finalmente, reconhecido como um vencedor... De retirante da seca à empreendedor das letras. Seu jornal despontava, dessa vez, como um dos maiores e mais influentes veículos de comunicação da Zona Norte do Ceará.

Como um “forasteiro” e “semianalfabeto” poderia prender a atenção e moldar a opinião de tanta gente? Essa era a pergunta que pairava na cabeça daqueles preconceituosos que relutavam em reconhecer

os méritos daqueles preconceituosos que relutavam em reconhecer os méritos de Deolindo, cegos pelos sentimentos da inveja, ódio e recalque. Com todo seu sucesso, Deolindo foi amealhando uma gama de admiradores e adeptos bem como uma legião de inimigos e adversários. Essa sanha virulenta, nutrida no peito de alguns desalmados, resultaria mais tarde numa conspiração macabra, resultando num dos episódios mais proeminentes e chocantes da história da cidade de Sobral.

Deolindo sem se dar conta, foi eleito por unanimidade, inimigo público Nº 1 da oligarquia sobralense, do clero conservador e da justiça tendenciosa. O mundo estava contra Deolindo. Todos queriam sua cabeça servida numa bandeja de prata. Dias antes de uma certa sessão eleitoral que estava prevista para acontecer na Câmara Municipal de Sobral, o clima nas ruas da cidade, repentinamente, havia ficado diferente. Os rumores davam conta de que Deolindo estava mesmo com os dias contados.

Uma testemunha chegou a ouvir de um de seus algozes que: *“Aquele jornalistazinho de m... da Lucta não passa de amanhã”*. A notícia do assassinato premeditado, rapidamente, chegou aos ouvidos dos familiares e a casa de Mariinha, sua digníssima esposa. Sabendo disso, Mariinha começa a insistir com o marido para que o mesmo não vá naquela fatídica sessão, pois iriam matá-lo. Deolindo, irredutível e muito seguro de si, dispara a seguinte resposta: *“Se eu não for, vão dizer que estou escondendo debaixo de tua saia, mulher. Com que cara vou poder sair à rua?”*

Como última tentativa, ela ainda se dirige ao seu cunhado, Chagas, para que ele arranje um jeito de convencer para que Deolindo não saia de casa naquele dia. Mas, Deolindo, não atende aos apelos preciosos do sábio irmão. Qualquer tentativa de barrar Deolindo foi em vão. Para ele, seus inimigos não seriam capazes de tamanha audácia, haja vista que correriam o risco de chamar atenção do país inteiro. Infelizmente estava errado. Deolindo não deu ouvidos ao que a cidade, a esposa e o irmão diziam.

É chegado, então, o dia do trágico momento. Deolindo, sempre muito elegante, de fraque novo e cartola, segue para cumprir mais um importante compromisso político. Estranha a ausência de guardas

oficiais, comum para manter a ordem nesses tipos de ocasiões. Sobe a escadaria, onde percebe a presença maciça de seus desafetos.

Às exatas 09:00h é dado início ao pleito, começando uma grande briga em torno da legitimidade da presidência da referida sessão. Insultos, tapas e agressões generalizadas tomam de conta das dependências da egrégia Câmara. Tiros são disparados, Deolindo tenta fugir, mas logo fica encurralado. Foi quando, um pelotão de fuzilamento começa a atirar em Deolindo até que suas armas fossem descarregadas. Seu corpo é sacudido com o impacto dos projéteis desferidos por mais de quarenta revólveres.

Chama atenção o fato de tantas pessoas armadas no local. Estavam numa sessão eleitoral ou num clube de tiros? E vários revólveres terem disparado balas de diferentes calibres e ângulos, sendo que a maioria pelas costas. Seria mais uma estratégia diabólica dos pistoleiros em dificultar a individualização da pena, numa época onde a perícia era arcaica e facilmente manipulada. Não restam mais dúvidas, de que tudo tinha sido premeditado, e da forma mais covarde.

Caído ao chão, Deolindo balbuciando, ainda arrola nominalmente a tríade assassina que havia lhe alvejado. Deolindo é levado para casa para tratar dos gravíssimos ferimentos. Seu Chagas foi quem mais lhe amparou, mobilizando família e amigos no intuito de dar todo o suporte necessário para salvar a vida do irmão.

Durante todo o tratamento, não arredou o pé do leito de recuperação do seu querido irmão. Convocou os melhores médicos da região, arcando com todas as despesas clínicas e ambulatoriais. Queria de qualquer jeito, a vida do irmão de volta. Entretanto, o estado de Deolindo era gravíssimo, Otelo, um de seus filhos órfãos, numa carta em despedida ao pai, afirmou que ele: *“Chegou a arrotar pólvora e vomitar sangue coalhado”*. Deolindo, teimoso até com a morte, viveu ainda por dolorosos dois dias. Somente depois de pedir os sacramentos de confissão e comunhão ao Pe. José Gerardo Ferreira Gomes, o jornalista, enfim, descansa.

Depois que o Mártir Deolindo Barreto declinou a cova do cemitério São João, Chagas Barreto, inconsolável, é tomado em seu ser, por um sentimento avassalador de remorso. No enterro do irmão, ele comentava emocionado: *“Eu deveria era ter o amarrado ou ter dado uma*

*marretada naquela cabeça dura do Deolindo*”. Mesmo condoído de extrema dor e com o coração em frangalhos, o Chagas Barreto reúne forças para custear o funeral do querido irmão. Ele retoma as rédeas da família, para recuperar o ânimo e seguir em frente, pois afinal de contas teria de amparar os sete sobrinhos órfãos e a viúva Mariinha

Depois de ter passado por uma tempestade de dores, como um leão ferido, uma só frase pairava na cabeça do Seu Chagas: *“Fiat justitia et ruat caelum.”* (Faça-se justiça, embora desabem os céus). Nos idos do ano de 1926, ainda recepcionou o ilustríssimo Sr. Dr. Feliciano Augusto de Athayde, ex-Procurador Geral do Estado, que na condição de advogado da família de Deolindo, acompanhou a prolação do sumário de culpa dos três acusados principais. Chagas Barreto despendeu até o último grau de suas forças numa busca inglória por justiça. Não é de hoje, que a deusa Têmis sobralense, aperta bem a venda para não enxergar as causas que envolveram a família Barreto.

Os algozes de Deolindo não foram monstruosos por terem tirado sua vida. Este, não temia morrer. Sobral, a liberdade de imprensa, o Brasil, a verdade e a paz é que foram feridas de morte. Atentar contra a imprensa livre é atentar contra a democracia. Um verdadeiro crime lesa-humanidade. O maior delito cometido, foi o de terem amputado o direito de uma esposa ter um marido dedicado, honesto e impávido como também um denodado pai de família nas suas obrigações de prover a vida dos seus 7 pequenos filhos (Jocelyn, Drausio, Otelo, João, Jê, Ruberval e Ástrea).

Outro filho, tempos depois, o escritor socialista Jocelyn Brasil, resumiu bem seu sentimento ao tratar da saga do pai, ele desabafa: “O jornalista mais idiota que conheci, pois não tinha engajamento, comprometendo-se gratuitamente com forças políticas que nunca lhe ajudaram. Era a palmatória do mundo.”

A vida de Deolindo e A Lucta, até hoje são objetos de estudo de historiadores e dos mais renomados escritores. Sua trajetória é fonte histórica para pesquisas acadêmicas que vai desde artigos científicos até teses e dissertações. A historiadora Chrislene Carvalho, além de sua tese, teve a sensibilidade de transcrever tanto o Inventário bem como o Processo Crime de Deolindo.

Outra personalidade, que tratou de registrar a vida de Deolindo foi o ponta de lança da literatura sobralense contemporânea, Lustosa da Costa. Num de seus mais aclamados livros: *Clero, Nobreza e Povo de Sobral*, Lustosa aborda três personagens icônicos da sua cidade: Dom José Tupinambá, José Sabóia e Deolindo Barreto, onde este último representa o capítulo “Povo”.

O imortal ainda, incentivado pelo amigo, o escritor baiano Jorge Amado, escreve o romance “*Vida, Paixão e Morte de Etelvino Soares*”, todo inspirado na vida de Deolindo. Esse livro, sua obra prima, foi editado também em Portugal, recebendo crítica de nomes como Raquel de Queiroz, Alice Raillard, o ex-presidente da Academia Brasileira de Letras Ivan Junqueira, José Saramago e Claude Lévi-Strauss. Por um triz, seu romance não se converte em filme.

Hoje, na praça da Câmara em que foi covardemente assassinado, foi erigido um busto em sua homenagem, onde logo abaixo se transcreve: *“Homenagem do povo sobralense a Deolindo Barreto no seu primeiro centenário, ao jornalista que fez da sua pena a espada para defesa dos humildes de espíritos e dos que têm sede de justiça.”* Sobral, 14 de maio de 1984.

Essa foi a dolorosa passagem que experimentou meu bisavô Chagas Barreto... Mesmo experimentado a vil impunidade do assassinato do irmão, nunca nutriu mágoa nem o desejo de vingança em seu coração. Sua única preocupação foi o de se manter firme em busca, se possível, de justiça; mas sobretudo, socorrer aqueles que mais precisavam, sua cunhada e agora viúva, Mariinha e seus sete pequeninos sobrinhos órfãos.

Ubajara/CE, 10 de janeiro de 2014

Em 9 de junho de 1926, na edição de nº 88 do Jornal *A Imprensa*, foi registrada a ilustre presença do provector advogado, o Dr. F. de Athayde, na ocasião de assistir, por parte da família de Deolindo quando do sumário de culpa dos três acusados *principais* de terem assassinado o jornalista, conhecidos de todos e não visto pela Justiça, Francisco de Almeida Monte, Joaquim de Souza e Vicente Bento.

O nome completo do causídico era José Feliciano Augusto de Athayde. Ele nasceu no dia 29 de outubro de 1875, na capital Recife – Pernambuco, tendo se formado em direito na Faculdade de Direito do Ceará. Foi Promotor de Justiça, Juiz Substituto e Juiz de Direito sempre atuando em diversas comarcas pelo estado do Ceará, dentre as quais podemos citar Crateús, Granja, Itapajé, São Bernardo das Russas, Cascavel e Pacatuba.

Depois de amearhar uma longa e proeminente experiência judicante pelos mais diversos rincões cearenses, chegou ao posto de Procurador Geral do Estado e mais tarde ao cargo de Presidente do Tribunal de Apelação.

Como jurista publicou as seguintes obras: “*Nulidades no Plenário*”, “*Custos Judiciários*”, “*Código Policial do Ceará*”, “*Manual de Jurisprudência da Relação do Ceará*”, “*A Nova Reforma Eleitoral*”, “*A Organização Municipal*”, “*Aplicação de Direito Positivo*”, em dois volumes, e “*Código do Processo Civil*”.

Apesar do esforço de muitos do seu Chagas, da viúva Mariinha, da campanha promovida pelo Jornal *A Imprensa*, do clamor das ruas, nada foi apurado e o crime permaneceu impune sendo que a vida de uma mãe de família e 7 pequenos filhos órfãos ficaram *ao relento*.

Um dos que ficou muitíssimo revoltado fora o filho, uma figura que merece ser destacada nesse momento é seu filho, Jocelyn Brasil. Costumava dizer que o pai fora a “palmatória do mundo”. O que marca esse personagem são as muitas *características* com o seu saudoso pai, a coragem, a ímpeto de ser revolucionário.

Seu nome completo era Jocelyn Barreto Brasil Lima (Sobral, 3 de junho de 1908 - Fortaleza, 8 de junho de 1999). Porém, ficou mais conhecido somente como Jocelyn Brasil, que era também seu nome literário. Outro pseudônimo era Pedro Zamora, utilizado mais nas suas obras que tratavam do assunto futebol, a sua outra grande paixão.

Foi jornalista, escritor, ativista político, comandante saindo para a reserva em 1952, como Brigadeiro da FAB - Força Aérea

Brasileira. Como militar, foi Comandante da Base Aérea de Belém. Nas rodas sociais, gostava de se apresentar como Coronel Aviador.

Como militante político fez dura oposição ao governo de Magalhães Barata. Em 1950, integrou a Coligação Democrática Paraense, para ingressar heroicamente na campanha que elegeu Alexandre Zacharias de Assumpção em detrimento de Barata.

Um companheiro militante e grande admirador apócrifo de Jocelyn registrou a seguinte passagem que marca a trajetória de vida desse ilustre socialista.

“Jocelyn Brasil, em 1989, visitou a Base Aérea de Belém para mostrar a uma pessoa amiga a foto de quando ele foi Comandante daquela unidade. A fotografia dele foi retirada da galeria dos ex-comandantes, quando Jocelyn foi preso. Após a Anistia a foto não retornou, permanecendo vazio o lugar de um ex-comandante que é tido como um militar que sabia exercer a autoridade com humanidade. O comandante da base aérea Jocelyn Brasil contava com o respeito dos militares subordinados a ele.”

Comunista de carteirinha, foi homenageado em pleno Congresso Nacional do PCB - Partido Comunista Brasileiro, evento sediado na capital carioca. Teve amigos em todo norte nordeste. Uma delas fora a comunista, médica e negra maranhense Maria Aragão. Hoje Jocelyn tem uma *vasta* obra política e futebolística. Em jornais e revistas *publicou* muitos trabalhos de crítica política e social, sendo recorrentemente citado em livros e por ser conhecido, inclusive, como o pioneiro no uso de fogos de artifícios nos estádios de futebol. Seus artigos esportivos eram geralmente assinados como Pedro Zamora.

Na parte de sua autobiografia *Andanças e lembranças* (1990), no título desse tópico “Aqui, ali, acolá” ele parafraseia uma seção do jornal do pai *A Lucta* onde transcreve uma *experiência* com seu tio Chagas Barreto.

Segue:

Não posso ir adiante sem falar da agonia do Tio Chagas. Foi uma conferência que fiz em Sobral. A turma da esquerda fez a propaganda pelo rádio. Quando meu velho tio soube, ficou aflito. Queria por que queria, que eu lhe mostrasse o que eu ia ler à noite. Ficou decepcionado quando lhe confessei que iria falar o que me viesse na ideia, de improviso. Ele alegou que o seu filho Flamarion, uma das grandes culturas do Exército Brasileiro, quando fazia uma conferência, costumava ler o que escrevera antes. Falei que era diferente do primo etc. O certo é que o velho sertanejo entrou em pânico. Ele tinha que ir, pois não ficava bem a ausência. E foi. Sentou-se lá atrás, meio de esquelha na cadeira, assim como se estivesse preparado para “apiar” do salão logo que eu falasse uma barbaridade qualquer. Não lhe dei chance. Falei todo o tempo, olhando para ele, falando para ele, para que a sua ignorância sobre os trustes que embaraçava nosso progresso. Surpresa maior: ele puxou palmas para as minhas palavras.

Essa passagem demonstra mais um gesto de grandeza do nosso biografado, que apesar do que muitos poderiam achar pelo seu jeito muito sério, sempre estava aberto a novas ideologias. Era flexível e maleável a ponto de conviver pacificamente com os ideários socialistas, mesmo sendo ele um *bastião* do capital. Como disse lá atrás, uma faceta muito pouco conhecida do escritor era o seu amor pelo futebol. Escreveu, assinando Pedro Zamora, o livro *Você Pensa Que Entende de Futebol? Eu Também*. Sob o nome literário Jocelyn Brasil (política) ou Pedro Zamora (futebol), escreveu as seguintes obras:

1. O Petróleo é Nosso. Associação Brasileira dos Direitos Humanos;
2. O Pão, o Feijão e as Forças Ocultas - Ed. Vitória;
3. Arraes: o Fazedor de Homens Livres - Ed. Fanela;
4. Arraes – Um ano de Governo Popular. Ed Opção;
5. Futebol - (Obra de Conjunto) - Ed. Seis;

6. Tim O Estrategista - Ed. GOL;
7. O Livro de Tostão - Ed. GOL;
8. A Hora e a Vez de João Saldanha - Ed. GOL;
9. Assim falou Nenen Pranycha - Ed. Crítica;
10. Meu Pé de Siriguela - Ed. Crítica;
11. Era Kanela - Ed. Shogun Arte;
12. Marxismo a Varinha de Condão - Ed. Jotanesi;
13. O Mapa da Mina - Ed. Aleutianas;
14. Eróticas e Heréticas - Ed. Aleutianas;
15. Você acha que entende de futebol? Eu também;
16. Andanças e Lembranças (memórias);
17. Memorial de um Cearense Enjeitado e
18. Entre Letras e Baionetas – A trajetória de Raimundo Jinkings.

Estavam, ainda a sair, as seguintes obras, mas não se tem notícias se foram realmente publicadas, tratam-se de:

1. Rabiscos de um sujeito que gostava de futebol e
2. O Marxismo está vivo.

Tanto a vida de Deolindo como jornal *A Lucta* ainda estão bem arraigados na memória recente do povo sobralense, quiçá do Brasil, tanto que é objeto de pesquisa entre historiadores e pesquisadores. Mas, sem sombra de dúvidas, umas das pesquisas mais concisas são aquelas desenvolvidas pela historiadora Christlene de Carvalho, que dentre outras coisas, fez seu doutoramento com uma tese que tratou a malograda experiência de Deolindo como jornalista em Sobral.

Ela elaborou sua tese de doutorado com o título: “*Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte: a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)*”, onde peço vênia, neste momento, para descrever seu resumo:

“Discutir a experiência política de um jornalista liberal-democrata possibilita analisar as disputas de grupos políticos no Nordeste. Na cidade de Sobral a disputa entre ‘Conservadores’ e ‘Democratas’ culminou com o assassinato de Deolindo Barreto em pleno pleito eleitoral em 1924, após 16 anos de críticas pela imprensa, aos grupos de mentalidade autoritária e hierárquica e patrimonialista, representados por coronéis, clero e juizes. Apontando outra possibilidade de vida social e política o discurso liberal apresentava pedagogicamente pela imprensa uma vida pautada nas leis, no direito à igualdade meritocrática e na ‘quebra’ do poder patrimonial. E a imprensa foi o veículo em que grupos urbanos demonstravam sentimentos de patriotismo e felicidade social, por caminhos diferentes, representados em disputa de ideias e na organização dos espaços urbanos.”

O outro estudioso de Deolindo foi o eterno e escriba-mor sobralense Lustosa da Costa, que viu na vida de Deolindo subsídio necessário para escrever a história de Sobral, sem falar que seu romance *Vida, paixão e morte de Etelvino Soares* publicado também em Portugal, é todo baseado na vida do jornalista assassinado. A literatura costiniana é rica em seu aspecto historiográfico e fictício. Pouco citou em seus escritos Chagas Barreto é verdade; mas em compensação *preservou* bem a memória de seu irmão Deolindo a aquele ele muito amava e se comprazia.

## CAPÍTULO 6

---

### DEUS: Único temor

*Quem não te temerá, ó Rei das nações? Esse temor te é devido. Entre todos os sábios das nações e entre todos os seus reinos não há absolutamente ninguém comparável a ti.*

(Jeremias 10:7 - Bíblia Sagrada)

Conselho é bom, mas exemplo arrasta, costumam dizer os sábios. Um homem com uma vida de superação, sacrifícios, resiliência, como a que foi de Chagas Barreto deve ter uma explicação que transcende o *intangível* entendimento humano, comportando, portanto, nessa história indícios claros de coisas sobrenaturais.

De onde vinha tanta força? Da onde ele tirava energia para sobrepor os reveses da vida? Quais seus fundamentos de vida para suportar tantas adversidades? A bem da verdade é que ele era um praticante contumaz da fé. Mesmo na adversidade sem ver o que iria ter, ele creu que Deus ia *realizar* muito mais por ele. E fez!

Nunca ousou negligenciar sua vida espiritual. A Bíblia é exemplo real e cheia desses homens, destes de Gêneses ao Apocalipse. Nenhum personagem bíblico como o rei Davi, o profeta Moisés, o missionário Saulo/Paulo de Tarso, José do Egito, Abraão, Jacó, Salomão, Sansão, Josué, Samuel, Saul foram o que forma sem a intervenção direta do SENHOR em suas vidas.

Foram trajetórias marcadas por adversidades, batalhas e lutas que poucas estruturas emocionais conseguiriam suportar. Infortúnios que moldam o caráter do cristão, pois ele encontra

prazer nas dificuldades, na prova; pois o choro pode durar a noite toda, mas a vitória vem pela manhã tendo o doce sabor de mel.

Chagas Barreto era mais que um católico, era cristão, um imitador de Cristo como nenhum outro. Temia a Deus, e seguia os 10 mandamentos à risca. Seu maior *temor* era contrariar os mandamentos de Deus, pois sabendo que sem Ele, nada teria. Jeová tinha um plano pra sua vida

Não era dado aos prazeres efêmeros da carne, como todo bom sábio, era cômico de que qualquer vício poderia fazer *desmoronar* toda uma reputação e vida construída anos e anos a fio. Qualquer paixão, apego demasiado ao efêmero é capaz de fazer um império todo construído ruir. Era referência para todos os moços. Levava uma vida abstinência longe de bebidas e cigarros sendo celibatário até casar. Com o espírito forte foi capaz de *combater* a fraqueza humana em ceder às tentações de toda sorte.

Por conta a influência familiar, era devoto de São Francisco de Assis. Assis, por conta da cidade de onde nasceu, Assis na Itália. Esse santo, também é conhecido, no meio católico como São Francisco das Chagas.

Das Chagas, por ter sido o primeiro santo a receber os *stigmata*s (estigmas), em 14 de setembro de 1224, enquanto orava na ermida de Monte Alvernia. Seu princípio norteador de São Francisco sempre foi a pobreza. É um dos santos mais adorados e aclamados pelos católicos do mundo todo, também chamado de “*Il poverello*” ou “Pobre Homem”.

Mas nem sempre fora assim. Sua história dá conta de que ele era muito popular entre os jovens por ser um “playboy” nos dias de hoje, por assim dizer, sobretudo por estar sempre em buscas de prazeres e por ser filho de um rico comerciante de sedas chamado Pedro Bernadone. Porém em 1202, foi *convocado* para a guerra tornando-se prisioneiro de tropas inimigas.

Três anos depois entusiasmado por uma “visão” parte em direção a Roma. Assim que retornou a Assis, seu pai numa drástica medida, o deserdou sob o pretexto do filho estar louco.

Sentido na pele o que é viver sem bens e conforto material, constrói uma capela para amparar os pobres.

Em 16 de abril de 1209 ele funda a Ordem dos Franciscanos, instituição essa conhecida pelo desapego as coisas materiais em geral e por ajudar toda ordem de necessitados. Tempos depois, numa tumultuada audiência papal, recebe a *aprovação* do Papa Inocêncio III. Francisco morreu na cidade que nasceu, em Assis sendo pois canonizado em 1228.

Em Canindé, conhecida também como a cidade da fé, em pleno Sertão Central do Ceará, a 110 km de Fortaleza, está situado o “Santuário de São Francisco das Chagas”. Essa construção é considerada *o segundo maior* Santuário Franciscano do mundo, perdendo *somente* para o que existe em Assis, na Itália.

Início do século XXI a Igreja Católica Apostólica Romana passa por uma chuvarada de escândalos de proporção mundial, uma das maiores crises de sua história. Um dos *estopins* foi quando o mundo tomou conhecimento de documentos secretos no chamado “escândalo VatiLeaks” bem como a prática de corrupção e a não punição de padres católicos envolvidos com pedofilia.

A igreja começa a agir, e em vista desse cenário caótico, o Papa alemão Bento XVI decide renunciar, alegando não ter condições de liderar mais a igreja. Dessa forma, se torna o primeiro pontífice a renunciar depois de seis séculos transcorridos. Após a renúncia, o conclave elege o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio como novo papa para o comando da Igreja Romana.

Ele escolhe se chamar de Papa Francisco I em alusão ao São Francisco por conta desejar estilo de vida sem ostentação. Líder mais carismático nos moldes do Papa polaco João Paulo II. A época era Arcebispo de Buenos Aires e primado da Argentina. O fato é que a estratégia da Igreja foi. Ou seja, o trunfo maior, a carta na manga de dizer que a Igreja se arrepende de seus pecados e que está disposta a mudar sendo mais humilde como São Francisco, voltada aos pobres, pondo *desse modo* panos quentes

nas denúncias e estancando a crescente debandada de fiéis para outras denominações, sobretudo os evangélicos.

Com o foco no Brasil ainda faz sua primeira grande aparição como Papa, a jornada mundial da Juventude no Rio de Janeiro, país esse estratégico nos interesses católicos. Incomoda a tal humildade do prezado Papa, pois todo ato de bondade, de pobreza tem de ser maciçamente divulgada na grande mídia mundial. Humilde ele pode até ser, mas exibicionista já vimos que ele, cabalmente, é.

Chagas Barreto era dizimista fiel e sempre dava generosas ofertas a igreja, indo quase que diariamente as missas. Muitas das vezes foi chamado para integrar as festividades católicas sendo “Juiz” até fora de Sobral conforme mostra o registro abaixo no jornal A Lucta, na sua edição 376, tendo como título “FESTA DA PALESTINA” e logo abaixo a interjeição “Vige!...”

Iniciar-se-á no dia 17 de novembro a tradicional festividade de São Francisco na Palestina, sobre a Serra da Meruoca, auspiciando-se muito animada. É juiz da festa esse ano o senhor Francisco das Chagas Barreto Lima. Pensávamos que a igreja, a bem do sossego e ordem pública, já houvesse proibido definitivamente tal festividade, mas como nos enganamos, vamos ver se a polícia de Massapê, consegue manter a ordem e arrefecer o *álcool ali, coisa que nunca conseguiu a polícia de Sobral.*

Tempos depois na edição 386 do mesmo jornal é registrado o sucesso da festa com a nota de título “PALESTINA” por não haver tido violência agradecendo desse modo o juiz dela Chagas, que parece que tinha a função de manter a ordem no lugar.

Decorreu muito concorrida e animada a festividade de S. Francisco, da Palestina, sobre a serra Meruoca, festividade muito tradicional e conhecida pela pancadaria habitual na última novena.

Este ano, contra a expectativa geral correu tudo na mais perfeita harmonia, saem os assassinatos e ferimentos que costumavam

epilogar a mesma, a despeito da ausência absoluta da polícia na mesma. Todos com um ar de admiração, recebem esta notícia e interrogam aos seus botões o motivo desse fenômeno. Os nossos responderam-nos: é que os meninos bonitos useiros e vezeiros na perturbação da ordem não contam agora com as imunidades policiais e por isto não quiseram se aventurar ao azar de uma encrenca.

O **senhor Chagas Barreto**, juiz da festa, por nosso intermédio agradece penhorado a todos que direta ou indiretamente prestaram o seu concurso ao brilhantismo da mesma e muito especialmente o Sr. coronel Jonas Demétrio, que generosamente forneceu condução a música.

Após a missa da festa, procedeu-se a eleição para a diretoria da mesma festa no ano de 1921.

Sem vícios de qualquer natureza que assolavam e destruíam reputações dos homens, escravizando e desviando os fracos ao sabor da carne. Como todo bom cristão sentia prazer era nas adversidades, a maior forma de se formar um homem de valor. Se confessava quinzenalmente na Igreja da Sé. Como imitador de Cristo. Como bem frisou seu neto César Barreto, na educação dos filhos: *“Era duro, sem ser violento.”*

Respeitava e era bastante respeitado pelo clero tendo até um parente seu padre, era ele o Mosenhor Barreto. Com Dom José, líder católico de toda aquela região, não se tem muitas notícias de que tenham ensaiado algum tipo de relação. Mas permita-me leitor (a), já que estamos tratando do contexto, religioso senão dizer católico, fazer um parênteses para *mencionar* uma personagem sem o qual é impossível contar a história de Sobral. É ele o Bispo Dom José Tupinambá da Frota. Não há referências ou indícios de que Chagas Barreto e o Bispo tenham *trocado* falas ou se relacionado como amigos.

Mas podemos afirmar com certeza, era de que um tinha conhecimento do outro, pois ambos eram pessoas públicas. Além

também serem duas figuras cativas e requisitadas em grandes eventos e solenidades sociais. Presume-se que eles tenham se cruzado inúmeras vezes por conta das mais *diversas* solenidades pelas quais participavam.

Por vezes, os interesses políticos do Bispo entrava em rota de colisão com os da família Barreto. Na *disputa* pelo poder municipal os braços políticos do Bispo, Chico Monte e o Padre Palhano foram, em muitas ocasiões, candidatos opositores aqueles indicados pela família Barreto.

O Bispo Tupinambá é sobralense da gema, nascido a 10 de setembro de 1882, filho de Manuel Artur da Frota e Raimunda Artemísia Rodrigues Lima. Ainda no dia 14 de outubro do mesmo ano é batizado na capela do Rosário. Em 1885, o pequeno Tupy como era carinhosamente chamado, recebe o sacramento da crisma e em 1906 realiza a primeira *comunhão*. Em Sobral mesmo concluiu os estudos primários, sendo incentivado pelo grande educador, o prof. Vicente Ferreira Arruda.

Aos 15 anos de idade parte em um barco para Salvador para iniciar seus estudos eclesiásticos. Em 1899, o já seminarista José Tupinambá deixa a capital baiana rumo a Roma, a capital mundial do catolicismo. Chegando lá ingressa no Colégio Pio Latino Americano, iniciando seus estudos nas disciplinas de Filosofia e Teologia. Aluno de alto rendimento, doutora-se com louvor em Filosofia e em Teologia pela Universidade Gregoriana, *inclusive* ganhando prêmios em Teologia Dogmática e Moral.

Em 29 de outubro de 1905, o seminarista Tupinambá é ordenado Sacerdote por Dom Giuseppe Ceppetelliem cerimonial realizado na Capela do Colégio Germânico. Em 1908, o Sacerdote volta em definitivo à sua amada terrasendo nomeado pelo Bispo de Fortaleza dom Joaquim José Vieira, vigário de Sobral. Pouco tempo depois, Bento XV no ano de 1916, embasado na bula *Catholicae Religiois Bonum* cria a primeira Diocese de Sobral, sendo jovem padre José Tupinambá da Frota ordenado primeiro Bispo de Sobral, datada a posse em 12 de junho de 1916.

Uma das curiosidades que suscita é quanto um dos muitos títulos concedidos ao Bispo. Em ocasião da passagem do Jubileu de Ouro da ordenação sacerdotal de Pio XII, foi outorgado o Título Palatino de Conde Romano da Santa Sé ao Bispo Tupinambá. No Ceará somente outra pessoa tinha sido agraciado com um título nobiliárquico pontifício. Foi Guilherme Studart, que em 1900 ganhou o título de barão por Leão XIII.

O Bispo Tupinambá foi antes de tudo um grande político, mesmo sem exercer cargos eletivos. Já que não podia queria se candidatar, pois exercia muito bem suas funções sacerdotais, sempre se aliava ou indicava algum *protegido*.

Um de seus maiores instrumentos ideológicos no seu projeto de poder era a Rádio Tupinambá de Sobral. Criada por seu filho Pe. Palhano, a rádio tinha uma das maiores audiências da região. Para viabilizar seu projeto político contou com a ajuda de Chico Monte e o padre José Palhano de Sabóia. Este último era o seu filho adotivo e que foi eleito prefeito de Sobral (1959-1963) depois de sua morte. Por isso *angariou* atrito com Deolindo e José Sabóia.

Os resquícios da participação da igreja de Sobral nos negócios públicos ainda hoje são sentidos na região norte do Estado do Ceará, quando muitos padres fazem papéis de “cabos eleitorais” de candidatos locais, *lobby* católico.

No dia 25 de setembro de 1959, aos 77 anos, falecia Dom José Tupinambá da Frota. Foi assistido no fim da vida pelo seu médico Dr. Guarany Mont’Alverne e bispo auxiliar Dom José Bezerra Coutinho, dizendo como um das últimas palavras: “Se acham que eu morro, quero morrer como Bispo”. Seus restos mortais encontram-se abrigados na Capela do Santíssimo, na Catedral da Sé, onde se percebe escrito o epitáfio em latim: “*Ad pedes Domini pie requiescat*”.

Dom José fora ainda um estudioso da genealogia e sócio correspondente da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará e de igual maneira, do Instituto Brasileiro de Genealogia.

Tem dois livros publicados: *História de Sobral* e *Traços biográficos de Manuel Artur da Frota*. A ele é creditado grandes obras estruturantes que projetaram Sobral.

Bem todo essa viagem pela a história católica e de Dom José foi só para ilustrar o contexto social ao qual Chagas Barreto estava inserido. Esse fundamento de vida cristão ou franciscano como queiram passou a influenciar toda a trajetória de vida do Sr. Chagas. Sempre bondoso com o próximo, veremos mais detalhadamente no próximo capítulo. A sua vida espiritual mostram a grandeza moral desse homem que sempre teve Deus ao seu lado.

## CAPÍTULO 7

---

### FILANTROPIA: coração nobre, alma de pobre

*“Deve-se doar com a alma livre, simples,  
apenas por amor, espontaneamente!”*

Martinho Lutero

Apesar da vida bastante corrida e concorrida, como presidente de uma grande corporação, uma prole extensa, Chagas Barreto não se furtava em prestar serviços à sociedade investido nas mais variadas *funções sociais*. Sempre buscava prestar algum serviço a cidade que lhe acolheu, com toda devoção. E fazia de coração, sem pedir contraprestações, pois pensava em *intervir* numa sociedade melhor.

Uma das maiores qualidades do cristão, um dos maiores exemplos que Jesus legou a humanidade foi a de amar ao próximo como a si mesmo. Afinal tal como prescreve o versículo: a fé é morta sem obras. Sem amor nada seria. A vida é uma *roda*, então devemos nos compadecer com as situações menos afortunadas dos outros.

Seu Chagas, apesar de não ser religioso, era um imitador de Cristo. Sempre que se levantava alguma campanha seja ela social, cultural ou educacional era o primeiro a doar. Quando ninguém se manifestava ele tomava a frente e lançava o desafio.

Utilizada todo seu prestígio em favor dos pobres, não importando qual situação fosse, pois *“O grande homem demonstra a sua grandeza com a maneira pela qual trata os pequenos.”* já dizia Thomas Carlyle. Essa sensibilidade não era à toa. Afinal ele sabia o que era passar necessidade. Então via sempre com os

mesmos olhos as angústias de um irmão pobre, lançado a própria sorte. Para ele os pobres valiam mais que os ricos.

Mesmo tendo a vida ter sido muito dura nunca essas dificuldades foram capazes de petrificar seu coração. “*Ser duro sim, perder a ternura Jamais*” disse certa feita o líder revolucionário Che Guevara. Diziam que ele tinha um coração do tamanho de uma jaca. Não era bom não só para os seus, como também para com aqueles que mais precisavam. Organizava mutirões, “*fazia o bem sem ver a quem*”. Asilo, crianças carentes, exaltando o feito do proprietário dono do moinho todos devidamente registrados ao público em jornais para que as correntes do bem *ganhassem* mais adeptos.

Não se há notícia de que ele tenha feito cobranças para com aqueles que eram seus devedores no comércio, muito pelo contrário; quando via que alguém estava com dificuldade em arcar com suas obrigações, ele deixava a moratória mais elástica, oferecia grandes descontos na quitação à vista, quando não perdoava a dívida na sua integralidade. Muitas vezes, um *altruísmo* incontrolável tomava conta de seu ser não se apascentando enquanto não estendia a mão a quem necessitava.

Era na verdade um exímio mecenas, pois consumava enxergar com os olhos da fé com o além, sonhava uma Sobral com uma educação de qualidade para todos os sobralenses. Apesar de não ter podido terminar o ensino regular era *muito* inteligente, um intelectual de primeira linha.

Ele costumava recordar bem dos cientistas que ajudaram Einstein a comprovar a sua festejada Teoria da Relatividade. Era adepto da curiosidade popular, alguns sobralenses nesse época, achavam que era o fim do mundo, por conta do eclipse. O varão respeitava a ciência, na verdade era um autodidata, um *Doutor Honoris Causa*, da Escola da Vida.

Ele lia muito, ainda que tendo estudado somente até o primário. Mas adorava os clássicos e tinha uma queda pela cultura francesa. Lia muito sobre Chavier de Monte Pi, Henrique

Perez, Assis Chateaubriand, Balzac, etc. Não só o varão, mas toda Sobral, revolução francesa. Tinha como ídolo o imperador Napoleão Bonaparte, costumava ler muito sobre Luiz XV, Maria Antonieta, Roberspierre, Danton. Fazia contas de cabeça e tinha uma caligrafia escoreita, alinhada e firme.

Não à toa era muito sensível as coisas das artes, da cultura e da memória. Uma de suas doações na área cultural e artística nasceu por iniciativa do Jornal *A Lucta*, de propriedade do seu irmão o jornalista Mártir Deolindo Barreto. A campanha “A memória de um bravo”, era um movimento para *homenagear* o capitão herói de guerra J. da Penha.

O nome civil do homenageado era capitão José da Penha Alves de Souza, nascido a 13 de maio de 1875 em Angicos, no Rio Grande do Norte. Em 1890, transfere-se para a capital Fortaleza, no Ceará, para início dos estudos militares da Escola Militar do Ceará.

Depois, teria uma ascensão gloriosa nas armas nacionais, chegando aos mais altos postos e combatendo nas mais abrasivas batalhas. Dizem que sua bravura e valentia chegavam “as raias da loucura”. Combatia as mais duras oligarquias locais em diferentes estados. Quando retornou ao Ceará *se filiou* à corrente política liderada por Franco Rabelo. Logo depois, acabou tombando na Batalha de Miguel Calmonem 22 de fevereiro de 1914, depois de enfrentar os *temidos* jagunços de Juazeiro.

No local onde foi abatido o guerreiro republicano foi erigido um busto ao alto de um obelisco, obra do escultor J. A. Correia Lima. O intelectual potiguar Câmara Cascudo, foi muito feliz em sintetizar quem foi J. da Penha: “*O nome de José da Penha Alves de Souza evoca o movimento da luta, o choque de ideias, a controvérsia agitação, sonoridade (...). Nasceu armado cavaleiro, de couraça e elmo, com bandeiras e montante, jurando combater o bom combate. Toda a sua vida e uma série de guerrilhas, de batalhas, de agonias, de sofrimentos, provocados, resistidos com altivez, destemor e sobranceira invulgares*”.

Figura letrada, foi redator de revistas das mais variadas

espécies e colaborou com os mais diversos jornais. Deixou uma obra considerável, dentre elas: *Pela Defesa Nacional* (1900), *Aerostação Militar* (tradução/1901), *Pela Pátria e pelo Exército* (1902), *O espiritismo e os sábios* (1902), *A Salinésia* (Sátiras/1904) e *Manual Militar* (1909) este, último dedicado ao Marechal Hermes da Fonseca. Foi também exímio orador tendo suas habilidades retóricas classificadas por Cascudo, como: “*Calorosa e acre, irritada, vergostante, panfletária, satírica.*”

Esse era um resumo do currículo do beneficiado. Entretanto, nem foi preciso Deolindo gastar sua saliva para convencer seu irmão para fazer a doação no intuito de defender a tese da homenagem do referido herói, seu Chagas vendo de quem se tratava, de pronto, doou a quantia.

Outra doação nesse sentido se deu com relação a outro herói, agora chamado de Tertuliano Potiguara que havia lutado em solo francês. Essa informação encontra-se na edição 263 do mesmo jornal, com o título “honra ao mérito” na qual Chagas Barreto *subscrive* o valor simbólico de 2\$000.

Segue:

Até há pouco esperamos que o inverno se acentuasse para prosseguirmos com a subscrição popular por nós aberta em prol da homenagem que o Ceará pretende render ao heroísmo de seu denodado filho Tenente-Coronel Tertuliano Potiguara, que tão alto elevou nos campos de batalha da França o nome de sua gleba.

Como, porém, a seca continua acesa crestando, até o nosso civismo, resolvemos encerrar a referida subscrição, livrando o nosso povo de mais este flagelo.

Foi este o resultado:

Quantia já publicada	– 98\$000
<b>F. Chagas Barreto</b>	– 2\$000
Total	– 100\$000 <sup>1</sup>

Saindo da seara dos heróis de batalha, outra prova incontestável de patriotismo, e que do qual elenco como uma das mais relevantes do seu Chagas Barreto era quanto da sua sensibilidade sobre a *questão* da educação. Ele também atuou na construção de um Grupo Escolar (leia-se escola); uma aspiração aguardada há anos pela *população* de Sobral.

Juntamente com outros amigos, Osvaldo Rangel, Paulo Aragão e Gonçalo Silva - representantes de instituições de prestígio na sociedade sobralense -, articularam a viabilização do tal projeto educacional. Através de telegramas consignados pela comissão, chegou ao conhecimento do então Sr. Interventor Federal do Estado, o Cel. Moreira Lima, que *designou*, via decreto, a importância 50 contos de réis para a construção da obra.

O governo já havia destinado 50.000\$000 para finalização da escola. O terreno foi doado ao estado há anos, só faltava mesmo a escola. Enquanto isso, as crianças eram instaladas num prédio sem o mínimo de condições que lhes garantissem um aprendizado eficiente. Somente 300 alunos eram atendidos, *enquanto* que a demanda educacional *ultrapassava* 3.000 crianças.

Então pronto, pedido atendido pelo chefe governamental, os peticionários agradecem o gesto de grandeza do Exmo. Sr. Interventor Federal de Fortaleza, e agradecem:

“Sob magnífica impressão causada vosso patriótico gesto atendendo apelos que visam benefício coletivo como o que vos fizemos, cumprimos grato; dever vir expressar vos nossos agradecimentos que traduzem realmente reconhecimento toda população de Sobral. Respeitosas saudações. Osvaldo Rangel - Presidente Associação Comercial, **Chagas Barreto - Presidente União de Retalhistas**, Paulo Aragão - Presidente da Associação Empregados do Comércio e Gonçalo Silva - Presidente da União Trabalhista.”

Não por acaso Sobral é hoje uma cidade referência nacional no quesito educação. Cidade universitária, promotora de

conhecimento e exportadoras de cérebros. A escola fundamental conseguiu índices altíssimos *tornando-se* parâmetro para todo o país.

Outra prova cabal de sua típica bondade foi uma história digna de um filme de Hollywood. Mais uma vez retorno agora ao livro *Varão de Plutarco*, sobre 2 italianos que aportaram misteriosamente na cidade cearense. Trata-se do capítulo “A bondade de Chagas Barreto. O “causo” *gira* em torno do contexto da 2ª Grande Guerra mundial.

Narram Marcelo e César:

No cenário de um conflito de proporções mundiais, o patriarca dos Barreto Lima, sentado num saco de farinha de trigo, à porta de seu estabelecimento comercial no centro da cidade de Sobral, que recebeu a visita do nervoso morador de sua fazenda Alagoinha. O vaqueiro e nome Manoel Caetano, de estatura baixa, pele bem negra e olhos bem vivos, mal conseguia falar:

– Padrinho, Seu Chagas, Seu Chaaagas, descobri dois homens escondidos no galpão da ração na fazendinha. Eles são brancos como a neve e Têm voz enrolada. Não entendo nada que eles tão falando. Acho que são gringos!

Sabendo disso, Chagas Barreto não tardou em se deslocar até a propriedade com intuito de tomar ciência do realmente acontecia. Chamou o sobrinho Édson e juntamente com o senhor Manoel e rumaram os três em sentido à serra da Meruoca, local onde se encontrava a propriedade.

Ao Chegar, foi direto ao galpão, onde encontrou dois homens, bastantes apreensivos, com o pavor estampado nos olhos e suando as bicas. Com a aparência desnutrida e mal vestidos, eram cidadãos italianos. Estavam fugindo da Polícia Política de Getúlio Vargas. Seu Chagas sentiu logo muita pena deles. Pensou em seus próprios filhos que estavam de malas prontas para enfrentar a batalha, também envolvidos na Guerra. Pensou em seus próprios filhos que estavam de malas prontas para enfrentar

a batalha, também envolvidos na Guerra. Pensou nos pais daqueles dois jovens soldados, em seus irmãos, enfim, sentiu arder na pele. E se fossem seus filhos em terras estranhas?... Haviam fugido da polícia, na cidade praiana de Camocim, após desembarcarem de um navio cargueiro italiano. Seu Chagas logo ficou afeiçoado aos dois rapazes da região de Nápoles. O mais velho era torneiro mecânico, de nome Arturo com 27 anos, e, o mais novo, era eletricista, Paolo Aldobrando, com 25 anos de idade.

A par de toda essa situação deplorável para os estrangeiros Chagas Barreto os acolheu, homiziando os em um lugar mais seguro dando todo o suporte e suprimindo todas das necessidades básicas. Quando a guerra finalmente acabou, era hora dos italianos retornarem para suas casas. Entretanto, um grande revés aconteceu abatendo toda a cidade. *“No retorno, já próximo da costa da Sardenha, na Itália, o navio naufragou e os dois rapazes pereceram, nas águas escuras do Mediterrâneo”*.<sup>5</sup> Inexplicáveis paradoxos da vida.

Ressalta-se ainda que toda a estimativa de doações feita em vida seja muito superior a essas citadas, haja vista que essas são pesquisas em somente 4 jornais de Sobral. Suas doações não se restringia somente a um público em específico, mas também daqueles que eram invisíveis aos olhos da sociedade. Crianças carentes, “alienados” os que tinham algum portador de necessidades especiais mentais, mendigos etc.

Na edição 422 de *A Lucta* percebemos a nota “Asilo de alienados”:

Resultado da lista confiada ao cidadão Henrique Rodrigues do Albuquerque, Prefeito Municipal:

Quantia já publicada:	307\$000
Cláudio Rangel	4\$000
<b>Francisco das Chagas Barreto</b>	<b>2\$000</b>
João Capote de Paula	5\$000

Memória & Menezes	3\$000
Estanislau Lúcio G. Frota	5\$000
Dr. F. Thomé da Frota	5\$000
Montano Albuquerque	2\$000
A. Figueiredo	2\$000
Soma	336\$000 <sup>6</sup>

O jornal *O Jornal* também vai nessa mesma linha, destacando uma campanha puxada pela direção nacional em época natalícia que logo tem a ideia abraçada por Chagas Barreto. Segue o trecho final da nota “Um valioso donativo para as crianças pobres”:

É o “Moinho da Luz” generoso como sempre, que agradecido contribui para esse momento.

Adiantou-nos o **Sr. Chagas Barreto** que, seguindo a sugestão do inspetor do “Moinho da Luz”, abriu uma subscrição, que continua recebendo donativos dos homens de boa vontade e cujos os nomes vão abaixo publicados.

Essa quantia será igualmente distribuída como donativo pré-citado, na próxima noite de Natal às crianças pobres da terra.

Acrescentou ainda o **Sr. Chagas Barreto** que procurará fazer essa distribuição com perfeita equidade e justiça e para melhor êxito dessa missão, convidara algumas pessoas prestimosas para ajudarmos a melhormente cumprir as determinações do generoso ofertante seu muito digno representado - “Moinho da Luz”.

#### SUBSCRIÇÃO EM FAVOR DAS CRIANÇAS POBRES, A CARGO DO **SR. CHAGAS BARRETO**

“Moinho da Luz”	pg	1.000\$
Karl Braum	pg	50\$
Renato Borges	pg	50\$
<b>Chagas Barreto</b>	pg	100\$
Francisco Rangel Parente		10\$
Paulo Aragão		10\$

Randal Pompeu	0\$
Carlito Pompeu	5\$
Total	1235\$ <sup>7</sup>

Mas, talvez, a doação mais ousada e que teve maior repercussão, posteriormente, foi a da construção do Cristo Redentor na Cidade Maravilhosa. A primeira ideia de construção do monumento surgiu quando o padre lazarista Pedro Maria Boss quis construir algo para *homenagear* a Princesa Isabel.

Apesar da receptividade da princesa pouco tempo depois, acontece a revolução, a monarquia é derrubada e é proclamada a República Federativa do Brasil. Uma das principais medidas desse novo sistema foi a consolidação do Estado laico. Com a devida separação entre “Igreja e Estado”, ficou *inviável* a tal proposta.

Mas a chama não se apagou. A ideia não era no todo má. O Brasil se consolidava como o maior e mais devoto país católico. Então todas iniciativas no sentido de não deixar arrefecer esse furor era bem vinda. Muito tempo depois, em 1920 o Círculo Católico do Rio de Janeiro propõe novamente a *construção* do monumento.

Para tanto organizaram a chamada “Semana do Monumento”, que tinha o fito e recolher assinaturas, sobretudo doações advindas dos católicos para a construção da mega obra. Católicos do Brasil todo aderiram a convocação de seus superiores, e assim a notícia chegou a Sobral, tendo grande mobilização por parte da cidade. Chagas Barreto católico fervoroso e convicto não tardou em ajudar.

Assim Sobral não ficou de fora na concretização dessa que é uma das maravilhas dos tempos modernos, um símbolo que identifica o Brasil para o mundo.

Assim consignava a edição 652 do jornal *A Lucta* no tópico “Cristo Redentor”:

Segundo o nosso serviço telegráfico passado, a despeito da crise financeira e das medidas econômicas que se está adaptando, o Governo Federal subscrever 200 contos de réis à grande subscrição para o grandioso monumento a Cristo Redentor do Corcovado.

A referida subscrição, que vem recebendo o apoio de toda a imprensa nacional, já atinge a 500 contos de réis, sem contar o donativo do governo.

É o seguinte o resultado da subscrição por nós aberta:

Quantia já publicada.

Crédito Mútuo	5\$000
José Amâncio Linhares	5\$000
José Firmo de Souza	1\$000
<b>Francisco das Chagas Barreto</b>	<b>5\$000</b>
José Gentil Silva	5\$000
MaximinoBarretoLima	5\$000
Júlio Barreto Lima	1\$000 <sup>8</sup>

Com o dinheiro em caixa e ajuda estatal a estátua pode finalmente ser construída. Ela foi concebida por uma competente comissão de engenheiros, arquitetos e artistas plásticos composta pelo engenheiros Heitor da Silva Costa (brasileiro) e Albert Caquot (francês). Na parte estética contaram com a concepção do desenho feito pelo artista plástico Carlos Oswald, com auxílio da projeção o escultor francês Paul Landowski; sendo que o rosto da estátua, em específico, foi criado pelo escultor romeno Gheorghe Leonida.

Assim o mega monumento de *art déco* feito em pedra-sabão foi inaugurada em 12 de outubro de 1931, pelo então presidente Getúlio Vargas. Em 2007 ela juntamente com outras, foi eleita uma das 7 maravilhas do mundo moderno, ficando atrás apenas de locais como a Muralha da China que pode ser *vista* do espaço

Organizava um verdadeiro mutirão de atendimento médico e odontológico. Até moradores do vizinho município de Massapê, acabavam, comparecendo, em busca de uma consulta. “*Seu Chagas providenciava remédios para vermes, prisão de ventre, dor de dentes, vitaminas e analgésicos e distribui-os entre os mais doentes (...).*”

Essas são somente algumas provas de sua em prol do próximo. Devem ter havido muito mais ações dessa natureza da sua parte para com aqueles que precisavam. Embora tenha sido considerado pela sociedade uma pessoa “bem sucedida”, “rica” através de gestos como esses, mostrava que isso tudo era o que menos importava para ele.

Pessoas sábias, pobres ou ricas, sabem que vivemos numa sociedade de aparências, que temos de ser bem astutos, que primeiro temos de ser o que não somos para depois sermos o que queremos ser. Mas sabia, como nós sabemos, também que o valor do “ter” é sempre o mais cobrado do sujeito, e isso em toda e *qualquer* civilização. Damos ao mundo o que ele quer, e depois, talvez, nos damos o direito de vivermos como quisermos, vivendo a nossa própria vida, e usufruindo dos nossos melhores valores.

## CAPÍTULO 8

---

### MATRIMÔNIO: Maria Cesarina Lopes Barreto (Sinhá)

*“Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne.”*

Efésios 5:31 – Bíblia Sagrada

Como já era de se esperar, muito pouco também se sabe sobre a matriarca dos Barreto, a dona Maria Cesarina Lopes Barreto ou simplesmente, Sinhá.

Nem por isso, diante da premente possibilidade de saber mais sobre sua pessoa, se torna menos interessante. Muito pelo contrário, pois a partir dessa *constatação*, muitos questionamentos começam a surgir em nossa mente no sentido de nortear, também, essa importante parte da nossa pesquisa.

Perguntas do tipo: quem era essa mulher que teve a incumbência de estar ao lado desse homem em toda sua trajetória de vida inteira? Como foi que ela conseguiu construir sua casa dando todo o suporte necessário para que o marido chegasse onde chegou? Deveras fora uma mulher à frente de seu tempo, detentora de uma *personalidade* que ia além, não se contentando a ficar somente sob a sombra do marido.

Sozinha, conseguiu encetar sua vida aparte, construindo sua própria história. Era uma verdadeira feminista do século passado; era inteligente, conservadora, tradicional e gostava de preservar – assim como o esposo –, os bons costumes. Afinal, a mulher sábia edificará sua casa, assim diz as sagradas escrituras.

Quando menina era tida por todos como meiga, carinhosa e muito estudiosa. Apesar de não ter acompanhado o ensino regular em sua completude, sempre que estava em contato com os estudos, se mostrava uma aluna, por demais, atenciosa. Lia e escrevia divinamente bem; na juventude gostava de ler romances clássicos como *A Escola de Mulheres*, de Molière; o romance epistolar *As Relações Perigosas*, de Choderlos de Laclos; *A Mulher de Trinta Anos*, de Balzac entre outros. Costumava sempre obedecer aos pais, e lutava muito para ser um exemplo para os irmãos mais novos.

Nas horas vagas, brincava com as irmãs, mas também estava sempre disposta a ajudar a mãe nos afazeres de casa. Fazia um pouco de tudo. O que tinha de dá conta, assim o fazia sem pestanejar: cozinhar, varrer, cuidar dos irmãos mais novos... Entretanto, o seu maior talento era quando ela se dedicava a costura. Fazia reparos nas roupas, crochê, bordados com uma beleza que cativava a todos, inclusive os mais velhos. “*Oh, meu Deus como essa menina é prendada na costura*”, diziam algumas amigas e vizinhas de sua mãe.

Quando moça, não cogitava pela sua cabeça, passar das 20h na rua fora de casa. Era da igreja para casa, não caía nos gracejos dos desocupados rapazolas mais afobados. Não costumava frequentar bailes, salões de festas, apesar dos reiterados convites das amigas. Sua cabeça era outra. Sonhava somente em casar com um homem bom, honesto e trabalhador; ter seu lar *rigidamente* alicerçado e moldado nos ditames propostos por Deus. E parece que, tempos depois, suas preces foram atendidas e seu pedido foi mesmo acatado por Santo Antônio casamenteiro.

Os caprichos do destino em ajuntar aqueles dois especiais jovens foi realmente mágico. Era um amor arrebatador! Ele, um moço sonhador, buscando ter uma vida melhor; já ela, pensava em um homem de caráter para constituir família e criar seus filhos de acordo com os *ensinamentos* cristãos.

Quando se encontravam, apesar da longa caminhada que teriam pela frente, sabiam que aquele era um carinho mútuo, que

apesar de árduo, teriam de dividi-lo um para com o outro, quem sabe na intenção de dividir as dores. Sabia que era rapazola ainda sem muitas posses, mas ela não ligava para isso; sabia que aquele homem tinha muito mais a oferecer do que uma bela *fortuna* – o seu caráter.

Pouco se têm informações sobre a pregressa vida amorosa do Sr. Chagas Barreto, o primeiro beijo, namorada, etc... Se namorou “firme” antes, se tentou um primeiro casamento... Talvez isso não tenha chegado a acontecer, pois a juventude naquela época, preservava ainda valores diferentes se comparados aos de hoje. E isso, a meu ver, nem é tão *relevante* assim. Mas se sabe, porém, que depois de um tempo, ele passou a ser um dos homens mais cobiçados da região norte.

Para Barreto, a moça Sinhá foi amor à primeira vista, quando a viu pela primeira vez, foi tomado por um sentimento arrebatador. Fazia juras de amor a nova amada, cortejava a senhorita nos passeios e quando dava lhe presenteava com *alguns* mimos: ramo de flores, chocolates, cartinhas apaixonadas. Já estava sacramentado em seu coração, ele queria mesmo aquela mulher justa, direita e recatada para *criar* seus filhos. *Por isso*, teve de lutar muito por esse amor. Ela via nele, um homem de caráter, um pretenso chefe de família, trabalhador, de futuro promissor e além de um “bom partido” que mulher sábia nenhuma desprezaria.

Uma mulher sábia edifica sua casa. Cada vez mais a *modernidade* exige que elas sejam mais cautelosas e virtuosas em suas atitudes e ações. Chagas só tinha olhos para a sua mulher e ela para ele. Passeavam pelas praças, frequentavam as missas juntos e quando foram morar no velho casarão, sempre costumavam recolherem-se aos seus *cantinhos* para conversar.

Tempos depois ele se fez um homem temente a Deus capaz de sustentar a família, e principalmente, deixando para sua descendência valores que não de persistir, sem sombra de dúvidas, por gerações e gerações. O jovem Chagas Barreto ainda teve de

lutar muito para chegar a pegar na mão da recatada Sinhá, bem como também passar por todo o processo de conquista como levar para passear, o primeiro beijo até chegar ao pedido de casamento; pois cabia a ela sempre refrear o *instinto* masculino do amado, com receio de queimarem importantes etapas para um relacionamento duradouro.

Diz um de seus netos César Barreto:

A jovem escolhida era órfã de pai e residia com a mãe, já contribuindo no sustento da família com seus dotes de corte e costura, desde muito novinha. (...) Embora tivesse a aparência frágil, Dona Cesarina Lopes Barreto Lima era uma mulher de fibra, transformando-se numa fera ferida, numa leoa no cio, quando alguma coisa ameaçava a tranquilidade sagrada do seu lar.<sup>1</sup>

E desse modo, oficialmente casados como marido e mulher juntos, um ajudando o outro, com fé em Deus, foram transpondo barreiras, vencendo batalhas, as crises, todos sob os olhares atentos dos céus. Era tanta luta, tanta provação; mas nunca eles pensavam em desistir. Encararam de frente todos os obstáculos, pois sabiam que depois de noites de choro, a vitória e alegria viriam pela manhã.

“*Quem casa quer casa*”, já dizia o adágio popular. E um dos primeiros desafios de ambos foi conseguir encontrar um cantinho para que eles montassem seu lar, com o mínimo para suas subsistências. Sinhá, ao invés de confrontar, desafiar, exigir e pôr em xeque a capacidade do marido em propor soluções mágicas, vendo todo seu esforço, decidiu também arregaçar as mangas:

Para ajudar o seu esposo Maria Cesarina, utilizou de dotes aprendidos com a mãe, que era modista fina e começou a costurar. Com muito trabalho, conseguiram comprar uma casa de biribica. Quando superou o aperto financeiro, compraram uma casa melhor e montou uma sapataria. Com muita força e determinação conseguiu formar um grande patrimônio.

Esse relacionamento de responsabilidades divididas era a verdadeira prova de amor de um para com o outro. Não poderia ter outro gesto que atestasse mais esse amor genuíno e puro. Um confiou no outro e juntos construíram suas vidas. Essa mulher da qual tratamos aqui era *carinhosamente* conhecida como dona Sinhá. Quanto ao seu casamento e o nascimento dos filhos, costumava dizer que eles eram os seus maiores presentes de Deus.

O apaixonado casal teve 08 (oito) filhos. A primogênita Margarida Barreto, Porcina Barreto, Flamarion Barreto Lima, Luciano Thebano Barreto Lima, Cesário Barreto Lima, Socorro Barreto Lima, Maria Alice Barreto Lima e o caçula José Maximino Barreto Lima. Além disso adotaram como filhos Joaquim Barreto Lima e Maximino Barreto, órfãos do irmão e sócio Maximino Barreto.

O filho General Flamarion Barreto Lima registrou para História o singelo matrimônio dos pais:

Um dia, numa encruzilhada da vida, distinguiu num sorriso, num olhar, num gesto, sabe-se lá o que, o coração gêmeo do seu, a alma irmã da sua. Reuniu-se a ela. **Foi numa madrugada, 5 horas da manhã, daquele longínquo 12 de janeiro de 1912.** Lá estavam eles, juntos do altar, prometendo a Deus viverem uma vida cristã, uma vida em comum. E se largaram então pela larga estrada do bem viver, apoiando-se, perdoando-se, conjugando esforços, reunindo energias, repartindo lágrimas dividindo sofrimentos...

Depois da solenidade jurídico-religiosa do casamento, que tem, a bem da verdade, somente a intenção de tornar o evento num chamariz social, ou seja, demonstrar a sociedade que houve mais um matrimônio na cidade, eles, já bem remediados na vida, sabiam que os dias posteriores não teriam nada de contos de fadas. A responsabilidade agora *recaíam* por sobre os ombros de ambos.

Além das obrigações materiais, teriam de cumprir agora com todas as obrigações maritais e familiares, o que deveras sempre será muito penoso a qualquer mortal. E essa responsabilidade não se esvai nunca, pelo contrário ela vai aumentando a cada filho nascido, e olha que eles tiveram 9 (nove), sem falar de *tantos* outros netos, sobrinhos e amigos que tiveram de amparar.

O filho Flamarion registrou bem essa labuta constante:

Veio-lhes o primeiro filho, numa casa modesta, da Rua Menino Deus. A situação era inda precária, mas, as pompas que marcaram a entrada desse primogênito no seio da igreja de Deus, ombravam em paridade, com galas os lares abastados. Mas, Deus sabe como eles estavam glorificados, como eles estavam engrandecidos, por renúncias consentidas e sacrifícios voluntários. Vieram depois outros filhos, vieram outras lutas, vieram outras canseiras. Não era possível que tanta tenacidade, que tanta dedicação, que tanta renúncia e tanta abnegação passassem despercebidas a Deus. E as recompensas vieram; a princípio, escassas, tímidas, hesitantes, como se temessem errar o caminho. Mais tarde, largas, amplas, generosas, opulentas... Mas, eles não as recolheram para si só e começaram a reparti-las com os outros, sem exageros, é certo, mas, como grande sentimento do bem. Aqui, era um amigo que carecia de um favor, ele o fazia; acolá, era um moço que não precisava de estímulo, ele o dava; aqui, era o filho irmão que o havia ajudado a construir sua firma, ele o colocou no lugar condigno, no lugar conveniente; ali, era uma filha que desfazia seu lar, e lá, estavam a sua preocupação e o seu cuidado, para que um lar cristão se reconstruísse. E foi assim que eles viveram esse 50 anos de vida, profundamente, humana!

E assim, com muitos sacrifícios, foram levando as suas vidas conjugais. No decorrer dessa longínqua convivência (meio século) sempre se mostrava uma senhora recatada, do lar, sem ensaiar muitas intromissões nos negócios do marido muito menos na política dos filhos. Mas uma coisa era certa, ela na qualidade de *mentora* da casa, sempre era quem dava a última palavra em

aconselhava os filhos e o marido nas decisões mais assisadas a serem tomadas diante das montanhas e gigantes que costumam se arvorar diante dos cristãos.

Em relação a esse tempo ainda o mesmo filho militar Flamarion faz a ressalva:

E hoje, decorridos 50 anos daquele feliz consórcio, decorridos 50 anos de vida em comum, param no tempo neste memorável instante de suas vidas, os dois heróis desta jornada... Longe vai o soldado frustrado, longe do ferreiro humilde, longe vai o comerciante modesto...

E assim encerrando seu discurso em homenagem aos pais em ocasião da sua Bodas de Ouro:

Amigos de meus pais e conseqüentemente meus amigos. O que inunda a alma, neste momento, de intenso júbilo, o que nos rebenta o coração da felicidade é a presença confortadora de tantos amigos, de tantos velhos amigos, que aqui vieram dar calor humano e solidariedade a esta festa.

A comemoração das Bodas de Ouro foi um capítulo à parte na vida do casal. Afinal, uma trajetória como essa - a dois - não poderia ser equiparada a outra qualquer. Talvez fora essa a única vez que ambos se apartaram do *anonimato* com vistas a alardear para a sociedade a história dessa grande família que haviam construído, *a duras penas*.

Afinal, nunca foi do feitio da família, se prestar a encetar ostentações e oferecer banquetes ao léu para quem quer que fosse. Isso é tão verdade que tal evento, foi *propositalmente* realizado juntamente com a outra parte dessa história, que tinha como mais um capítulo, a inauguração da nova sede das empresas do casal. Por isso que toda essa ocasião, contou com a reunião de toda a família.

Para tanto, houve inclusive uma publicação - talvez um simples livreto feito único e exclusivamente para distribuição

aos presentes que participaram da ocasião. Tinha como título ***“Francisco das Chagas Barreto Lima-Maria Cesarina Lopes Barreto: Ligeiros Traços Biográficos e Suas Bodas de Ouro (1912-1962)”***. Infelizmente, não se há registro sobre o paradeiro da referida publicação, o que é uma pena, por se tratar de um *importante* material de pesquisa sobre a vida de ambos. O clã, salvo raras exceções, estava finalmente reunido.

Ressalta César Barreto e um dos presentes na solenidade:

O dia 12 de janeiro de 1962 foi uma data memorável para a família Barreto.

Com a presença dos filhos, genros, noras, netos, sobrinhos e demais membros da família, comemorou-se as Bodas de Ouro do ilustre casal Chagas Barreto e Dona Cesarina Barreto.

A comemoração teve início às 17 horas, com a inauguração da nova e moderna sede da Firma F. Chagas Barreto Ltda. O ponto culminante da solenidade foi o corte da fita simbólica, pelo Coronel Chagas Barreto e a viúva do saudoso irmão, Maximino Barreto, um dos sócios fundadores da conceituada empresa.

Falou, na ocasião, o seu atual Presidente do Grupo empresarial, Cesário Barreto Lima, que agradeceu, em nome da família, o comparecimento dos amigos, ali presentes.

Depois da inauguração, às 18 horas, foi celebrada uma missa na Catedral da Sé, pelo Bispo Dom João José Mota.

Toda a família presente compareceu à mesa da comunidade, inclusive, os netos e sobrinhos menores, que escolheram aquele dia para fazerem a primeira comunhão.

Depois da santa missa, a família recebeu os familiares e demais convidados em sua residência na praça São João. A sociedade sobralense compareceu em peso! Na ocasião, falaram saudando o ilustre casal os senhores José Gerardo Parente, Clodoveu Arruda e o Padre José Gerardo Ferreira Gomes.

Ainda em nome da família, falou, agradecendo, o filho primogênito do casal, o General Flamarion Barreto Lima.

Apesar de todos esses anos de convivência, sempre preocupado com o bem estar da esposa, Chagas Barreto sofre outro duro golpe da vida em relação a sua amada. É que é muito comum, por vários aspectos, o esposo “ir embora” (pleonasma para falecer) antes da esposa. Esse é o mais aceitável. Pois bem, acontece que dona Sinhá, para surpresa de todos, acabou falecendo antes mesmo do marido, deixando um vácuo familiar *enorme* na sua casa parentes todos seus filhos, netos e bisnetos.

Foi realmente um baque muito duro. Uma provação difícil de aceitar. Com os filhos já todos criados como se diz, e matriarca estando falecida a solidão foi uma constante no final de sua vida. Quando sobreveio o fato, eu Chagas não se conteve, caiu em lágrimas, perdia ali sua maior referência, seu único amor. No velório, aquele homenzarrão sério, agora mais parecia um menino choroso com o coração em *frangalhos*. As filhas, também, choravam copiosamente, umas soltando berros de desespero.

Mas a vida tinha de continuar, ele era referência de toda a família. Sabia que sua recomposição emocional era necessária para *restabelecer* o moral de toda a família. Depois do sepultamento, voltou para casa disposto a enfrentar a realidade nua e crua trazendo a reboque uma companheira que a humanidade toda execra, *sobretudo* na última fase da vida – a solidão.

O Coronel Francisco das Chagas Barreto Lima, conhecido e estimado comerciante de Sobral, ficou viúvo com quase oitenta anos de idade, passando a morar sozinho, no seu antigo casarão, na Praça São João. Para acabar com a “ladainha” diária dos filhos, da necessidade de uma companhia, convidou um velho vigia, de sua empresa comercial, para dormir na sua casa, tranquilizando, assim, os filhos, quanto ao fato de não mais permanecer durante as noites, sozinho, no velho casarão.

Quem ficou na incumbência de lhe fazer companhia nesse momento tão delicado foi o amigo o senhor Gil Ferreira, um antigo funcionário das Casas Chagas Barreto, também viúvo.

Nessa época, se tornaram *verdadeiros* irmãos. Um ajudava o outro em tudo que faziam, embora Seu Chagas tenha se portado autônomo e *independente* para tudo até o último segundo de sua vida. Foi-se embora a sua única sua confidente, aquela que ainda era capaz de lhe fazer exprimir os sentimentos, tal como um sorriso ou um desabafo.

O casal costumava conversar sobre tudo: sobre as cheias (não entendendo eles as enchentes numa época conhecida como seca), a vida política da cidade, os negócios da família, as querelas familiares, enfim. Uma dessas enchentes, inclusive, veio a vitimar o seu mui amigo e genro Adonias Alves, sentido na pele de como as mudanças climáticas afetam o dia a dia do cidadão. Enfim, com o passamento do único amor de sua vida, foi-se embora para a glória uma parte dele *também*.

Contudo, antes de encerrar este importante capítulo, não deixa de ser crível expor uma, digamos assim, “patuscada” que tinha como protagonista a própria personagem dessa capítulo. Como nada nem ninguém é perfeito, era sabido de toda a sociedade que dona Sinhá tinha uma irremediável e inexplicável queda pelo jogo do Bicho.

Era até conhecida como a “rainha dos cambistas” em Sobral. Até hoje não se tem a mínima ideia de onde realmente ela tenha tirado essa mania. Ao que se sabe seus pais não jogavam, nenhum irmão ou irmã sua também não faziam uso das apostas. O marido, tão pouco. No curto tempo que passou como delegado, *inclusive* baixou portaria *proibindo* o famigerado tal jogo do bicho e aqui tendo como motivação principal partido de dentro de casa.

A matriarca dos Barreto, Dona Sinhá, tinha, além da família, outra grande paixão na vida, o jogo do bicho. Jogava diariamente, para aflição do marido, Chagas Barreto, e, preocupação dos filhos. Conseguia sempre tirar uns trocados dos tostões economizados para pequenas despesas do lar, alimentando, assim, o vício delicioso e incontrollável do jogo do bicho. Esse era o único motivo de discordância entre o casal,

e sempre que acontecia isso, Dona Sinhá, prometia parar de jogar. Conseguia cumprir o prometido só até o dia seguinte, pela manhã, quando postava-se na varanda da casa, em busca de palpites, ouvindo todo tipo de sonhos e fazendo as próprias interpretações. Dormia e sonhava com a “milhar” cheia, com a sorte grande.

Entretanto, para glória de Deus e pelo boa reputação de sua família, nada de mais grave lhe ocorreu por conta disso. No máximo deve ter perdido alguns trocados. Talvez fosse esse, o seu único escape diante de uma vida repleta de renúncias de diversas ordens e a prova de como todo bom ser humano, ela também não era perfeita.

O marido e os filhos eram veementemente contra essa prática, mas diante da insistência dela sabiam que não tinham muito o que fazer. Respeitavam sua decisão e não batiam de frente com ela. Como sabia que sua peraltice não era bem vista por parte da sociedade sobralense, nem muito menos pela família, chegou a fazer muitas de suas *apostas* às escondidas, sempre imaginando que a sorte um dia finalmente ganharia uma boa bolada.

Todavia, ela era aquele tipo de pessoa que nem mesmo uma pequena mácula dessas poderia ser capaz de manchar toda uma linda trajetória de vida. Dona Sinhá foi uma verdadeira rainha, uma mulher que foi colocada no lugar certo. Soube sempre, com muita destreza, passar pelos *aperreios* com o marido se valendo da arma mais poderosa do cristão a fé na Palavra. Jamais se desesperou diante das dificuldades e das turbulências da vida, sempre se mantendo *altiva* diante dos problemas, não deixando jamais que o mau dominasse seu ambiente familiar.

Com os filhos foi o maior exemplo de mãe dedicada e norteadora dos caminhos que eles teriam de seguir. Para o marido, foi ela o fator principal para que o mesmo obtivesse o sucesso que teve. Numa época onde as mulheres não tinham vez nem voz, ela provou que poderia fazer muito mais. Em meio a sociedade, era um exemplo vivo de ser seguidos pelas mais moças e pelas

gerações vindouras. Encerro com as palavras de seu neto César Barreto, que ao falar do avô se remeteu também a avó dizendo: *“A vida do nosso Varão de Plutarco, Chagas Barreto Lima, foi repleta de sucessos, porque ao seu lado, ele tinha a presença fiel e marcante encorajadora companheira.”*<sup>1</sup> Mais à frente diz mais: *“A Sinhá é meu lado bom! É a bateria onde recarrego minhas forças no dia a dia.”*

## CAPÍTULO 9

---

### A MORTE DE UM LÍDER

No dia 9 de novembro de 1977, por volta das 12:25 horas, o velho Jequitibá tombou, deixou de existir o Coronel Francisco das Chagas Barreto Lima.

O cardiologista sobralense, Dr. Jefferson Borges narrou no relatório médico os últimos momentos do Patriarca da família Barreto Lima:

“Três dias após a chegada à Sobral, o Cel. Chagas foi levado ao Hospital de Messejana do INPS, em Fortaleza, incluído entre os cinco melhores do país no tratamento de afecções cardiotorácicas, onde foi implantado um marcapasso temporário.

Após dois dias deste procedimento, foi implantado um marcapasso definitivo.

Tudo então, parecia estar resolvido, contudo uma terrível pneumonia havia se instalado no resistente Cel. Chagas Barreto Lima.

A equipe médica se debatia a todo custo para vencer esta moléstia que desafiava tudo e a todos e aos poucos ia consumindo a vida do estimado Chagas Barreto.

Em face de a equipe médica tê-lo desenganado, foi transferido de volta para Sobral, onde deveria permanecer na UTI da Santa Casa de Misericórdia, que tem o nome do seu filho Cel. Luciano Thebano Barreto Lima. Retornou em coma e em estado geral precaríssimo.

Novamente assumiu a direção do barco, totalmente combatido. Apesar de tudo, vinte e quatro horas após seu retorno, ele saiu do coma profundo e passou a reconhecer e conversar com as pessoas e familiares queridos. Tinha apresentado uma nítida melhora do quadro clínico, mas não se podia garantir sua

progressão. Como dizem as crendices, aquilo podia representar apenas uma visita da saúde, como que se despedindo dos noventa anos completos e bem vividos pelo velho guerreiro. E realmente foi no dia 09 de novembro de 1977, por volta das 12:25 horas deixou de existir entre nós o queridíssimo Cel. Francisco das Chagas Barreto Lima”.

No Becco do Cotovelo em Sobral, numa tarde quente daquela quarta-feira do dia 09 de novembro de 1977, o farmacêutico e intelectual João Ribeiro Ramos recebeu a morte do amigo, Cel. Chagas Barreto Lima.

Ficou um momento em silêncio e enxergou, discretamente, uma lágrima fugidia. O cronista e poeta Ribeiro Ramos fez, daquele momento, uma volta ao passado não tão distante, que foi quando ele fez o primeiro contato com o velho Coronel, no ano de 1938, quando chegou à cidade de Sobral.

João Ribeiro Ramos ali, no Becco, mesmo no momento de dor pela perda do amigo querido, rememorou a história de vida de um timoneiro:

“Uma vida rica de amor ao trabalho, de devotamento a terra que o acolheu menino, de afeição à família, de sinceridade nas relações de amizade, de bom senso e critério, e que começou a própria vida, como operário, a fim de sustentar a mãe viúva e os cinco irmãos menores, terminando dono de um império comercial.

Lembrou com tristeza, do dia em que a Fábrica Ernesto Deocleciano, há 35 anos passados, festejava seu cinquentenário de fundação. Uma grande festa comandada pelo juiz de Direito José Sabóia de Albuquerque então, na chefia da empresa.

A cidade de Sobral compareceu em peso ao acontecimento.

Terminando a solenidade, o Coronel Chagas Barreto, que estava sentado ao meu lado, pegou no meu braço e levando-me para outra dependência da Usina, bem perto, ali, contemplando a forja apagada falou com a voz rouca de emoção:

– Você está vendo esse fole aí? Foi onde trabalhei muitos

anos como ferreiro para o Coronel Ernesto. Foi ai que aprendi a trabalhar!”

O sacerdote, educador e provedor da Santa Casa de Misericórdia de Sobral, Padre José Linhares Ponte, assim expressou seu sentimento:

“Vem de desaparecer de nosso convívio temporal um homem que marcou e marcará a história de Sobral.

A convivência diurturma com o homem Chagas Barreto, permitiu-nos conhecer seus hábitos, atitudes e comportamentos.

Hábitos firmes, vazados na austeridade e na perseverança. Soube buscar na honestidade a posição que alcançou como comerciante que se firmou entre seus pares pelo amor ao trabalho. Quem dos sobralenses não recorda, como símbolo, a figura daquele nonagenário, que durante anos a fio era visto ao amanhecer à porta de sua Casa Comercial? Quando os anos alquebraram-lhe as forças, quando não mais comandava o seu grande complexo comercial, continuava diariamente presente, a aconselhar, a inspirar e a iluminar”.

O vereador João Abdelmeumen de Melo no plenário do legislativo municipal na sessão de 14 de novembro de 1977, assim expressou o respeito dos seus pares:

“Sobral consternada nos impõe vir à Tribuna desta casa, para reverenciarmos a memória e falar da grandeza de uma das mais eminentes e respeitáveis figuras humanas desta terra, Sr. Francisco das Chagas Barreto Lima.

Com o coração dilacerado pela saudade dos seus entes queridos e toda comunidade sobralense reconhecem a grandeza do seu legado espiritual e moral, que marcou indelevelmente o exemplo não só para uma geração mas, para a posteridade.

O coronel Chagas Barreto Lima foi como uma árvore gigantesca, um Jequitibá, que fincou suas raízes neste solo agreste, buscando no subsolo a seiva para a sobrevivência.

Brotou firme, esgalhou-se, erguei-se altaneiro oferecendo a todos os cidadãos desta gleba o exemplo de um pai de família

consciente, a honestidade de um comerciante vitorioso, a prudência de um homem sensato, que ofereceu a terra que o acolheu como filho, a dedicação decidida de quem soube se impor perante os homens e se submeter humilde perante Deus”.

O Deputado Federal Marcelo Caracas Linhares deixou registrado nos anais da Câmara dos Deputados em Brasília seu discurso de saudade, de gratidão e de respeito.

“Sr. Presidente

Srs. Deputados:

Somente hoje, por motivos alheios a minha vontade, estou podendo registrar o falecimento, no Ceará de Francisco das Chagas Barreto Lima.

Nascido em Crateús, no dia 18 de maio de 1887, filho de Joaquim de Souza Lima e Porcina Augusto Barreto Lima, pertencentes à tradicional família Correia Lima, ali radicada deste o tempo do Primeiro Império.

Para Sobral, veio aos 7 anos de idade, em companhia de sua avó Mariana, e aos 9 anos de idade empregou-se como aprendiz de ferreiro na fábrica de tecidos Ernesto Deocleciano para ajudar no sustento da mãe doente e de 5 irmãos menores.

Foi um autêntico Varão de Plutarco. Um Vencedor. Soube corresponder à confiança que Sobral nele depositou. Seu trabalho honesto granjeou-lhe a simpatia de todos comerciantes sobralenses Vi-lhe no seu leito de dor na Casa de Saúde São Raimundo em Fortaleza, quando dizia querer voltar á sua Sobral.

Não pude acompanhar seus familiares, quando o levaram ao túmulo e ver a consagração que o povo sobralense lhe prestou.

O velho Jequitibá tombou!

Na sua vida – disse-me certa vez que a aspereza sempre foi uma constante. Tal coisa, entretanto, não lhe difamou o caráter.

Ao contrário, marcou-lhe a personalidade que sempre foi forte, notável e inimitável.

Registrando com pesar, o seu falecimento, nos Anais da Câmara dos Deputados, renovo o abraço aos seus familiares.

Com as minhas lágrimas, com a saudade.

A irmã Manoela Barreto Lima, única sobrevivente de uma geração de 6 irmãos assim expressou sua dor:

“Não tive a felicidade de ter convivido com meu pai, nem por isso fui privada da proteção paterna, porque Deus, dentro de sua infinita bondade, me deu a afeição sincera de um irmão que o substituiu durante toda a minha vida.

Esse irmão, Chagas Barreto, portador de um coração generoso e amigo, soube dispensar-me um carinho todo especial, acompanhando-me durante toda minha vida, nas horas difíceis, e alegrando-se comigo nas horas agradáveis.

Sempre contei com a ajuda de Chagas Barreto, tanto material quanto espiritual, porque a compreensão e o carinho eram características fundamentais de tão grande alma”.

O Advogado e Membro da Academia Sobralense de Letras, José Cordeiro Damasceno deixou para eternidade não um simples escrito mas um Poema Imortal:

“...E a gente pensava que ele jamais partisse.

Pensava porque ele era altaneiro, correto, sem complicações, espirituoso a todo instante, prático por excelência e, sobretudo, desafiador e vencedor do tempo.

Soube, como ninguém, demonstrar que o exemplo vale mais que o conselho.

Recebia as glórias com naturalidade e enfrentava as adversidades com grandeza e elegância.

Aceitou as mutações sociais, sem desrespeitar o passado ilustre e enxergando um futuro de sucesso.

Nunca envelheceu.

E foi eterno, enquanto permaneceu entre nós.

Nosso avô, Chagas Barreto Lima, sempre dizia que a morte era um reencontro com DEUS um hino de amor iniciado no nascimento.

Não temia a morte mas adorava viver. Viveu cada segundo como um verdadeiro Varão de Plutarco.

A lenda Chagas Barreto Lima edificou sua engenharia de vida nos alicerces do trinômio, Trabalho, Família e Fé.

Ave Chagas!

Ave Coronel Francisco das Chagas Barreto Lima!

Seu túmulo com sua grandeza de alma será a eternidade. Seu exemplo atravessará gerações e seu legado de Trabalho, Amor ao Próximo e Fé a História preservará por séculos e séculos.

Os mortos, segundo os idealistas helênicos, continuam a viver, não somente pela fama, mas ainda por seus descendentes.

O filho saudoso sentimento familiar, Professor José Maximino Barreto Lima deixou registrado o sentimento familiar:

“Morreu sem deixar ressentimentos apenas lágrimas inconsoláveis entre seus inúmeros descendentes e amigos.

Inaceitável para nós, chegamos a admitir que o velho líder não morreu, porque se deixou ficar nas qualidades e defeitos de seus filhos, genros, noras, sobrinhos e netos, cujo mosaico de características pessoais vão resultar na personalidade inolvidável de Chagas Barreto”.

# PARTE II

---

BARRETADAS  
(CAUSOS DO VARÃO)

# 1. Coração de Criança

**Seu Chagas Barreto**

*Por Wilson Fernandes Belchior*

Por trás dessa feição forte e sisuda, desses cabelos e bigode brancos e óculos escuros, escondia-se o coração de um menino.

Seu Chagas Barreto, como era conhecido em Sobral, morava do lado esquerdo do Cine São João e tinha comércio na Rua Senador Paulo, quase esquina com a Rua da Aurora.

Nos anos de 1952 a 1954, eu ia ao menos uma vez por semana lá, comprar mercadorias para serem revendidas no armazém do meu pai, Otávio Belchior e o encontrava sentado em uma cadeira, a prostrar com os fregueses, pois quem atendia no balcão era o Kinca e outros.

Ele me conhecia e ao me ver falava assim: Menino danado, as 11:00 horas passarei por lá, afirmando que nesse horário em seu Jeep cruzaria a Rua Santo Antônio, para acabar com nosso jogo de futebol, que ocorria no meio da rua, com traves frente a casa da Dona Nazaré Hardy e a do Pe. Gerardo.

Em pleno jogo nós avistávamos o Jeep descendo a ladeira existente na rua e ao passar frente a casa do seu Pipiu, ele “acionava a banguela”, para o Jeep ganhar ainda mais velocidade ao cruzar parte do nosso campo.

Por não saber buzinar, como afirmávamos, ele aos gritos exclamava: saiam do meio seus meninos filhos de umas éguas, saiam do meio seus filhos de umas éguas, senão eu passarei por cima de todos vocês.

A meninada ficava mais alegre ainda, por tratar-se do nosso velho e bom amigo, Chagas Barreto.

Parava invariavelmente frente a casa de suas irmãs, Maria e Leonor Barreto, com elas conversava, comia goiabas, tirava algumas do pé e repartia conosco, pedia a um dos meninos para dar partida em seu Jeep, já que as vezes não conseguia, e depois saía em direção da casa de seu filho Cesário Barreto...

O tempo passou, hoje pensando no comportamento do seu Chagas Barreto para conosco, me faz concluir que: “ele daria tudo que tivesse, para voltar à seus tempos de criança”, como diz a lindíssima música do Ataulfo Alves, e para ser um daqueles pobres e felizes meninos, da alegre Rua Santo Antônio, que em sua essência, ele os amava.

## 2. O Delegado Substituto

O momento era delicado! O comerciante Francisco das Chagas Barreto Lima, delegado substituto da cidade Sobral, tinha que tomar uma corajosa atitude, que seria, a de desarmar o valente chefe político, Francisco de Almeida Monte ou Coronel Chico Monte, que por prevenção, valentia e hábito, portava um punhal com cabo de madreperla, e, um colt cavalinho, na cintura. Era o ano de 1923.

O Delegado, Chagas Barreto, sabia dos riscos inerentes à sua decisão. Na cidade, os adeptos de Chico Monte tinham espalhado aos quatro ventos, que o chefe político não ia entregar sua arma.

Apenas um ano antes, em 1922, o episódio ocorrido em pleno Mercado Público, ainda estava bem vivido na mente dos moradores de Sobral, e especialmente, na memória de Seu Chagas. Na atual função de Delegado, sabia das implicações do ato que deveria, em nome da lei, tomar em relação a Chico Monte. Ambos eram senhores respeitáveis, dotados de personalidades fortes e sabedores da coragem que tinham. Em 1922, o Tenente Castelo Branco cumprindo Ordem Judicial, foi até o Vereador Chico Monte, e para prendê-lo e, um duelo entre os dois acabou terminando com a morte do Tenente Castelo Branco.

Seu Chagas, após esse acontecimento trágico, resolveu baixar duas portarias, com jurisdição em todo o município de Sobral:

- 1º – A proibição do USO da ARMA DE FOGO;
- 2º – A proibição do JOGO do BICHO.

Na época, a venda de armas de fogo era liberada. Um revólver na cintura era apenas uma indumentária de alguns cidadãos poderosos. O jogo do bicho era paixão nacional,

invenção do genial Barão João Batista Viana Drumond (1892) como forma de atrair visitantes para manter o zoológico do Rio de Janeiro, do qual foi fundador. A polícia “fechava os olhos” para a contravenção. Eles mesmos jogavam, todos jogavam!

Toda a cidade de Sobral tinha conhecimento de que a respeitável esposa do Delegado, Chagas Barreto, era apaixonada pelo jogo do bicho. Dona Sinhá jogava todos os dias, para desespero do marido. Mas, para impor ordens, agora baixava a portaria de proibição de jogo. Não demorou muito para Seu Chagas Barreto observar e compreender, que a proibição só aumentou as apostas com a clandestinidade da deliciosa loteria. A própria esposa do comerciante jogava diariamente, escondida, e, era considerada a madrinha dos cambistas de Sobral.

O Varão de Plutarco Chagas Barreto, sabia que estava sozinho no desafio desarmar Chico Monte. O destacamento da delegacia, composto por cinco soldados, inesperadamente, faltou ao trabalho, naquele fatídico dia. O delegado estava ciente da campanha corajosa que o Jornal A LUCTA, de propriedade de seu irmão, Deolindo Barreto Lima, movia, sem tréguas, contra o político Francisco de Almeida Monte. O jornalista já tinha sido alvo de uma tentativa de assassinato, orquestrada pelo vereador. Chico Monte, em plena Praça da Matriz, durante uma novena de São Francisco.

O comerciante Chagas Barreto aceitou o honroso cargo de Delegado Substituto, depois de uma longa conversa que teve com o aristocrata juiz e político sobralense, José Sabóia, que através do seu poder de convencimento influenciou a tomada de decisão de Chagas Barreto para aceitar o cargo.

O ilustre sobralense foi nomeado Juiz Substituto de Sobral, em 02.05.1892, após exercer interinamente a promotoria da cidade. Tornou-se Juiz de Direito da Comarca por Ato Governamental de 14.08.1899, permanecendo até 26.09.1935, quando foi, compulsivamente, aposentado. O político José

Sabóia havia sido convidado pelo Governador do Estado, José Moreira da Rocha, para ocupar o cargo de Desembargador, e, não aceitou, por não querer afastar-se de Sobral.

A nota de nomeação de Delegado Substituto do comerciante Chagas Barreto Lima foi publicada no Jornal A LUCTA, no dia 27 de agosto de 1919.

retrocedendo um pouco no passado, é bom que saibamos, que em 1916, João Tomé de Sabóia e Silva, assumiu a Presidência do Ceará, apoiado pela união de seu partido democrata com o partido conservador, chefiado na Zona Norte do Estado, por Francisco de Almeida Monte. Quando a composição de seu secretariado, nomeou, como Secretário de Interior e Justiça, o Juiz de Direito da Comarca de Sobral, seu primo, José Sabóia de Albuquerque. Nos últimos dias do ano de 1918, nomeou, Prefeito de Fortaleza, o engenheiro militar, sobralense, Capitão (bem mais tarde), General Rubens Monte. Este fato determinou a renúncia, em carácter irrevogável, do Dr. José Sabóia e a cisão dos dois partidos. Para ocupar a titularidade vacante da pasta, o Presidente do Estado nomeou, em 2 de janeiro de 1919, o desembargador Moreira da Rocha. No ano de 1920, assumiu a Presidência do Estado, Justiniano de Serpa (12 de julho de 1920 a 12 de julho de 1923).

voltemos ao caso, propriamente dito.

A esposa do nosso Varão, Chagas Barreto, não conseguia tirar da cabeça maluca do marido a ideia fixa do desarmamento do destemido Chico Monte. Convidou algumas amigas para uma tarde de oração, acendendo velas para São Francisco de Assis, o santo da devoção do impetuoso e cabeçudo marido. Ela já estava às turras com o marido por conta da insensata proibição ao jogo do bicho, medida totalmente infeliz e boba, já que o jogo continuava correndo solto, começando pela própria casa de Delegado. Dona Sinhá esperava que o respeitável marido saísse de casa para o trabalho, para que o cambista pudesse vir fazer o

seu jogo. O próprio Juiz, José Sabóia, tinha tentado convencer ao Delegado da revogação da impopular portaria.

O comerciante Chagas Barreto Lima detestava armas de fogo! Durante toda sua vida, nunca tinha andado armado. Não sabia atirar! Nunca tinha feito uso nem de arma de caça. Nomeado Delegado, recusou a condição de andar armado.

Chico Monte já tinha um crime de morte nas costas, e, envolvimento em vários episódios de brigas e tiroteios, como era do conhecimento público, não ia querer com boa vontade e seu punhal (o mesmo que apunhalou o Tenente Castelo Branco) e o famoso colt cavalinho. O Vereador já havia espalhado na cidade que não iria cumprir a ordem do Delegado e se fosse preciso, o receberia, à bala.

O clima era tenso na aristocrática cidade de Sobral, naquele 27 de agosto de 1919.

O comerciante parecia determinado a executar sua missão” Era uma questão de honra. Recuar, seria assinar um atestado de covardia, seria a desmoralização pública. O irmão, Deolindo, tentou demovê-lo, sem sucesso, da louca e fixa ideia.

Quando o Delegado Chagas Barreto preparava-se para, em praça pública, cumprir sua tarefa, junto ao destemido Chico Monte, foi surpreendido pela chegada abrupta de um funcionário dos correios que trazia em mãos, um carbograma, onde se lia: URGENTE.

Sem demora, pegou o papel, rasgou o lacre e leu:

– Demissão pelo Presidente da Província ao comerciante Francisco das Chagas Barreto Lima, do cargo de Delegado Substituto.

Dizem as más línguas que a cidade entrou em festa. Era um pipocar de fogos e tiros de revólveres, comemorando o tão inesperado ato governamental. A Portaria de proibição do jogo do bicho tinha transformado o pacato e respeitável comerciante

numa figura antipática, principalmente, nas camadas mais pobres da sociedade sobralense.

Dona Sinhá, a dedicada esposa, chorava de emoção e de gratidão aos santos de sua devoção. Foi uma grande graça alcançada! Viu o marido voltar pra casa são e salvo e pode ter certeza que, a partir daquele momento, voltaria a fazer o seu joguinho, abertamente, sem esconder de seu marido, o quanto adorava o jogo do bicho!

### 3. Um Mágico Sapateiro

Estávamos na segunda década do século XX.

A cidade de Sobral, mesmo com ares provincianos, era a capital geopolítica da Zona Norte do Estado do Ceará.

A força da pecuária com a criação de gado bovino de corte para a fabricação do charque, a construção do ramal ferroviário ligando a cidade ao Porto de Camocim e a fábrica de tecidos do Ernesto Deocleciano, funcionando a todo vapor, tornaram o comércio sobralense numa crescente geração de emprego e fonte de rendas.

Todo o comércio de exportação e importação do Estado do Ceará era realizando através do Porto da cidade praiana de Camocim.

Os produtos que exportávamos eram o algodão e a carne de charque, e importávamos quase tudo, como maquinários para o setor industrial, remédios, bebidas, tecidos, vestimentas e etc.

Neste cenário favorável ao empreendedorismo, com a aceleração de novos negócios, o nosso Varão, Chagas Barreto Lima, tomou uma decisão arriscada, para a época, mas acertada para o futuro que ele visionava bem próximo. Pediu demissão no ano de 1910, do emprego de ferreiro, da Fábrica de Tecidos de Sobral, e montou seu próprio negócio, uma loja para vendas e consertos de calçados, com atendimento à adultos e crianças.

Em sociedade com o sapateiro Gentil e com o amigo José Lins Capelão, alugou um prédio na rua do mercado, contratou 10 operários e comprou nas lojas do Sul do país uma variedade de sapatos que atendia a todos os gostos.

No ano de 1918, para a divulgação da inauguração da Sapataria Ideal, lançou anúncios no jornal local, A LUCTA, onde se lia:

**SAPATARIA IDEAL**  
de  
**Francisco das Chagas Barreto Lima**  
**Diplomado pelo Congresso Agrícola de Maranguape**  
**TELEG – CHABARRETO**  
**Rua Senador Paula, 49**

Este importante estabelecimento dispõe de um permanente depósito de artigos para sapateiros, bem como, de grande stock de calçados para homens, senhoras e crianças.

Dispondo de uma bem montada officina de sapateiros, onde 10 operários, dos melhores da zona norte, está apta a despachar com máxima pontualidade qualquer encomenda de calçados sob medida ou de carregação. A officina, para a qual são esperadas duas machinas modernas, pedidas de Nova York, está dividida em duas secções: uma destinada a serviços de carregação, dirigida pelo artista, João Sobral e, a outra, sob a direção do conhecido e hábil artista, Francisco Sapateiro, destinada para serviços finos, capaz de satisfazer o mais exigente gosto.

Possui grande variedade de formas japonesas, podendo fabricar a última palavra em calçados. Encarrega-se, também, de todo e qualquer serviço concernente á arte, como cintos, polainas, etc.

Para que o público desta cidade, bem como o interior, se convença de que nem tudo isto que ali fica é reclame, convida-se a fazer uma visita à SAPATARIA IDELA, onde poderão constatar a grande redução de preço e o perfeito acabamento dos calçados.

**Ceará – Sobral**

A sapataria do nosso Varão de Plutarco, Francisco das Chagas Barreto Lima, o conhecido Chagas Barreto, era um sucesso de vendas na Região Norte do Estado. Duplicou o número de empregos e lançou um sistema de vendas “fiado”, com um crediário próprio. Instituiu a distribuição de brindes, e um sorteio mensal e um par de calçado importado. Os cliente adoraram a novidade!

Seu Chagas Barreto tinha nascido, realmente, com o tino para as lides do comércio. Nenhum comprador saía insatisfeito ou de mãos abanando de sua sapataria. “Fazia qualquer negócio!”. Quando não tinha o produto, sempre dava um jeitinho.

Certa feita, um especial cliente, que sempre comprava á vista, levou a esposa para comprar um par de sapatos social, de festa. O número solicitado pela cliente não tinha no estoque da loja. Seu Chagas, para não perder a venda e contrariar a freguesa, pensou rapidinho e encontrou uma sábia solução: vendeu um número acima do pé da cliente, colocando algodão no bico do sapato, convencendo o cliente e à sua digníssima esposa, que era a última moda adotada, em Paris, e que em breve estaria chegando ao Rio de Janeiro. Segundo a tática de convencimento do Seu Chagas Barreto, as pessoas estariam dando preferência ao número maior, primeiro, por não aperta e maltratar os pés, depois, pelo fato do calçado poder ser cedido para uma pessoa da família, proporcionando aumento e redução, dependendo da situação, e por ser tão facilmente adaptável, com apenas pequenos e práticos chumaços de algodão. Os clientes saíram muito satisfeitos da Sapataria Ideal, principalmente, pelo atendimento sempre gentil do proprietário.

O respeitável comerciante, Chagas Barreto Lima, era também conhecido como sendo um homem extremamente voltado e dedicado à família. Procurava, mesmo nos tempos de difícil situação financeira, realizar os desejos da sua numerosa prole.

Um certo dia, quando ainda não podia se dar ao luxo de doar, como foi seu hábito durante toda a sua vida, e por não se achar plenamente estabelecido comercialmente falando, sua filha do meio, Margarida Barreto Lima, então com 16 primaveras, havia sido convidada para participar de um evento social, em tradicional clube de Sobral, frequentado pela fina sociedade local. Já de posse de um lindo vestido de festa, seminovo, de sua irmã mais velha, Porcina, faltava-lhe porém, os sapatos adequados para o importante evento. O bondoso pai, diante do dilema de sua filha adolescente, não pensou duas vezes, e, retirou da prateleira da Sapataria Ideal, um lindo par de sapatos, importado, diretamente de Paris. Em sua cabeça de pai amoroso, só via sua filha rodopiando no salão de baile, feito Cinderela, vestida e bem calçada para a ocasião.

Sua filha brilhou de encantamento! A festa havia sido um sucesso.

Bom, o sonho da filha foi realizado, mas, agora batia a realidade da situação, propriamente dita, nua e crua. Terminada a suntuosa festa, o nosso Varão, Chagas Barreto, recolheu o solado e após tirar as pequenas manchas, marcas de poeira, colocou, novamente, na vitrine da loja, o produto para ser vendido dito como novo. O fato, além de mostrar a esperteza no tino comercial do nosso Varão, mostra, principalmente, o imenso amor familiar que procura sempre suprir as necessidades dos amados filhos.

Assim foi Chagas Barreto Lima! De menino pobre, retirante da seca dos sertões do Crateús, ao maior revendedor de produtos da Cervejaria Brahma Chopp, no interior do Estado do Ceará, nas décadas de 1950 a 1970.

Um Homem probo, um servidor da pátria e sem dúvida, um Varão de Plutarco!

## 4. O Pagador de Promessa

No final dos anos 1930, o comerciante Chagas Barreto Lima estava a um passo de transformar, pelo trabalho e dedicação, a sua firma F. Chagas Barreto & Cia., em sólida e progressista empresa comercial, na Região Norte do Estado do Ceará. As grandes indústrias do Nordeste e do Sul do país resolveram investir no dinâmico empresário sobralense, autorizando a representação de seus produtos, na cidade de Sobral, na Região Norte do Estado e no vizinho município do Estado do Piauí.

As firmas, todas de grande porte, de muito prestígio à nível nacional, mantinham com a F. Chagas Barreto, contrato de exclusividade, na distribuição de famosos produtos, tais como: farinha de trigo, do Moinho Cearense; açúcar cristal, de Alagoas; cimento Poty, de Recife; cigarros BB e Astoria, da Araken e os produtos Brahma Chopp, do Rio de Janeiro.

A famosa Cervejaria Brahma, na época, a maior do Brasil, tinha por norma, premiar os seus melhores revendedores, de todo país, durante a convenção que fazia anualmente, nos suntuosos salões do inesquecível, Hotel Glória, localizado na orla marítima de Copacabana, na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro.

Na oportunidade, eram entregues, diplomas aos vendedores, e também, um prêmio simbólico em dinheiro aos melhores revendedores. A premiação era apelidada de “O OSCAR da Brahma”, tamanha era a repercussão que a imprensa dava ao evento.

Depois de muita luta e muito trabalho para aumentar o volume de venda dos produtos Brahma, o comerciante, Francisco das Chagas Barreto Lima, recebeu uma carta da direção geral da cervejaria Brahma, comunicando a inclusão da revendedora sobralense, como a campeã de vendas, no interior cearense e,

convidando o Varão, a se fazer presente à convenção nacional dos revendedores Brahma, que teria sua realização no Hotel Glória. A empresa, ainda informava, que a viagem seria uma cortesia, num navio, que zarparia dentro de 15 dias, do porto de Fortaleza.

Após as emoções dos primeiros momentos, o comerciante sobralense foi aos correios e enviou à direção geral da Brahma um telegrama, confirmando sua presença, no solene evento: “confirmando presença convenção Hotel Glória cujo recebimento desta honraria me deixa feliz e revigorado para trabalhar com mais dedicação com à nossa marca Brahma”.

O dono da F. Chagas Barreto embarcou no vapor, em Fortaleza, e depois de fazer escalas em Natal, Recife e Salvador, finalmente, chegou ao seu destino, o Rio de Janeiro.

Abrindo um parêntese nessa história, devo dizer ao senhores, que o comerciante Chagas Barreto sofria horrores, vítima de joanetes (calos que se desenvolvem na altura da articulação do dedão dos pés), tornando o simples ato de calçar sapatos numa penosa e dolorosa ação. Nosso Varão, raramente, usou um par de sapatos, dando preferência, no dia a dia, a uma confortável sandália de couro.

No dia marcado para a entrega dos prêmios, Seu Chagas calçou um elegante par de sapatos, implorando aos céus, misericórdia para seus pés. Passou 8 horas calçado! Uma missão para um super-herói. A cerimônia demorou muito! Muitos elogios, muitos agradecimentos, amostra de gráficos de vendas e revendas, etc, etc..

O senhor Chagas Barreto quase não acreditou quando deram por encerrada a solenidade. Saiu de fininho, e logo que se viu longe das vistas de todos, retirou os sapatos que o estavam matando. Segurando-os pelos cadarços, jogou-os nos ombros, como um jogador de futebol, e partiu em direção ao merecido descanso.

Descalço, pisando com muito prazer no piso acarpetado do hotel, caminhando em direção ao seu dormitório, já quase no final do rol, ouviu, às suas costas, alguém chamá-lo pelo nome. Sem mesmo acreditar na pouca sorte, virou-se, e deu de cara com o revendedor da Brahma, das cidades de Teresina e Parnaíba, cujo nome era Poncion Rodrigues, conhecido de todos, por ser um emérito gozador.

– Seu Chagas, ainda não o parabenizei. Vamos tomar umas cervejas com outros amigos e brindar a escolha do colega sobralense.

O agraciado Francisco das Chagas Barreto, sabedor da fama do colega, de gostar de uma boa presepada, foi logo preparando seu esperto senso crítico.

– Diga, amigo, Poncion, o que você manda....

– Amigo, Chagas, você é um representante da Brahma, um campeão de vendas, o escolhido para receber o “abridor de ouro”, um homem importante da Zona Norte do Estado do Ceará, não pega bem andar descalço, com os sapatos nos ombros, no luxuoso hotel Glória...Se algum diretor da Brahma, lhe encontrar assim, o que vai pensar do amigo?

O sagaz coronel, pensou um pouco e respondeu:

– Amigo Pacion, eu explico! Esse troféu era tão importante pra mim, que fiz uma promessa para Nossa Senhora da Conceição, padroeira do meu Sobral, e você sabe, amigo, promessa feita pra Santo, é coisa séria!

O colega do Piauí, curioso, indagou:

– E afinal, Chagas, que raio de promessa doida fizeste?

O nosso Varão, com um sorriso de vencedor nos lábios, respondeu:

– A que você está vendo, Pacion Rodrigues. Andar descalço pelos corredores do Hotel Glória, afundando meus pés nos caríssimos tapetes persas.

Dito isso, saiu com os sapatos nos ombros, para seus aposentos.

Os amigos do galhofeiro Poción caíram de pau, rindo do revendedor, aconselhando-o a fazer uma promessa para o santo de Teresina, para conquistar o mesmo prêmio do sobralense, Chagas Barreto Lima.

## 5. A Bondade de Chagas Barreto

A Segunda Guerra Mundial teve seu início em setembro de 1939, quando o Chanceler alemão, Adolf Hitler, invadiu a Polônia.

A Inglaterra e a França, comprometidas com a defesa da Polônia em caso de agressão, entrou na Guerra contra a Alemanha. Em Junho de 1940, a Itália aliou-se à Alemanha, dezembro de 1941, os japoneses atacaram a base americana de Pearl Harbor, no Havaí, levando os Estados Unidos a declararem guerra às Nações do Eixo, alastrando o conflito pelos quatro cantos do mundo.

Os países envolvidos disputavam o apoio da América Latina. O Brasil, pela extensão do seu território, era um ponto estratégico para o domínio do Atlântico Sul, incluindo a importante passagem entre Natal e Dakar (Noroeste da África).

Em 15 de agosto de 1942, entre o Sergipe e a Bahia, o navio brasileiro Baependy foi torpedeado por um suposto submarino alemão. O país inteiro mobilizou-se com o afundamento do navio de passageiros. Todos os 270 passageiros desapareceram nas águas profundas do Oceano Atlântico.

O Presidente do Brasil, na época, Getúlio Vargas, muito pressionado, acabou declarando guerra aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, representou um duplo significado no tratamento aos estrangeiros do Eixo, ou seja, a aliança com os aliados e a posição antifascista assumida pelo Brasil, passaram a ser os elementos justificados da repressão aos imigrantes, pois, a partir desse momento, a vigilância e o controle se estendiam sobre os alemães, italianos e japoneses.

A polícia política empreendeu uma severa perseguição aos membros dos partidos nazistas e fascistas no Brasil, desbaratando redes de espionagem espalhadas pelos principais centros urbanos do país (Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), impedindo a produção e panfletagem de qualquer propaganda nazi-fascista, e, colocou em prática um aparato repressivo sobre estrangeiros. Dessa forma, de 1942 a 1945, alemães, japoneses e italianos foram retirados de circulação e do convívio social, através da prisão, confinamento ou concentração em diferente “súditos do Eixo”, na época, denominados de campos de concentração. De Norte a Sul do país, podíamos encontrá-los nos mais diferentes tipos de cárceres. Mesmo signatário da convenção de Genebra de 1929, o Brasil, como tantos outros países, não levou a cabo as normas de tratamento estabelecidas, e, muitos estrangeiros ainda que considerados prisioneiros de guerra, foram internados em delegacias de polícia, casas de detenção ou nas rodoviárias.

Os campos de concentração eram regulamentados pelas leis estaduais, normalmente, voltados para trabalhos agrícolas ou pecuários, com o uso do trabalho pelos internos. Apesar das diferenças de cada estabelecimento, os alojamentos, em geral, precários, eram satisfatoriamente parecidos. A alimentação era completada pelas encomendas da família, embora houvesse vigilância, usava-se de uma certa liberdade de locação dentro dos limites onde encontravam-se os prisioneiros. Os internos recebiam correspondências e encomendas, sempre vasculhadas. Mas, em agosto de 1945, os prisioneiros começaram a ser liberados.

O nosso Varão, Chagas Barreto, naquele ano de 1942, na pacata cidade de Sobral, vivia apreensivo, e não era pra menos, com dois filhos servindo à Pátria como Oficiais do Exército Brasileiro. O seu filho mais velho, Flamarion Barreto, era Tenente na Academia Militar e o terceiro na escala de descendência, Luciano Thebano Barreto Lima era aspirante do glorioso Exército Nacional. O filho, Cesário, seu braço direito na administração do comércio, estava com a ideia fixa de alistar-se, também, como pracinha.

O ex-ferreiro da fábrica de tecidos e ex-sapateiro, parecia um velho jequitibá, de tão forte, tão bem-sucedido, naqueles dias, sofrendo calado, com a ausência dos filhos. A santa esposa, Dona Cesarina, ou Dona Sinhá, chorava diariamente.

As comunicações eram precárias. O telégrafo era o principal meio de notícias. As transmissões radiofônicas eram censuradas. Era mais fácil se ouvir a BBC de Londres, que as emissoras do Sul do país.

Os soldados brasileiros, os chamados pracinhas, estavam sendo treinados para serem enviados para o conflito, na velha Europa, nos campos italianos. Os estrangeiros e seus descendentes, em todos os recantos da nação, eram encarados com desconfiança. A maioria era confinada como prisioneiros de guerra.

No cenário de um conflito de proporções mundial, o patriarca dos Barreto Lima, sentado num saco de farinha de trigo, à porta de seu estabelecimento comercial no centro da cidade de Sobral, que recebeu a visita do nervoso morador de sua fazenda Alagoinha. O vaqueiro de nome Manoel Caetano, de estatura baixa, pele bem negra e olhos bem vivos, mal conseguia falar:

– Padrinho, Seu Chagas, Seu Chagaaagas, descobri dois homens escondidos no galpão da ração da fazendinha. Eles são brancos como a neve e têm voz enrolada. Não entendo nada que eles tão falando. Acho que são gringos!

O velho Coronel arregalou os olhos e indagou:

– E o que tu fez, Manoel Caetano? Deixou os homens sozinhos? Alguém sabe?

O fiel encarregado da propriedade de Seu Chagas, respondeu:

– Coronel, não se preocupe, junto com o Carolino e o Zé Lins, amarramos os cabras com cordas bem apertados os nós, até o senhor chegar lá mais eu.

O velho Varão pegou a camioneta Ford, acompanhado do sobrinho, Édson Barreto, e do vaqueiro Manoel, e rumou pra Alagoinha.

Ao chegar, foi direto ao galpão, onde encontrou dois homens, bastante apreensivos, com o pavor estampado nos olhos e suando em bicas. Com a aparência desnutrida e mal vestidos, eram cidadãos italianos. Estavam fugindo da Polícia Política de Getúlio Vargas. Seu Chagas sentiu logo muita pena deles. Pensou em seus próprios filhos que estavam de malas prontas para enfrentar a batalha, também envolvidos na Guerra. Pensou nos pais daqueles dois jovens soldados, em seus irmãos, enfim, sentiu arder na pele. E se fosse seus filhos em terras estranhas?...Haviam fugido da polícia, na cidade praiana de Camocim, após desembarcarem de um navio cargueiro italiano. Seu Chagas logo ficou afeiçoado aos dois rapazes da região de Nápoles, O mais velho era torneiro mecânico, de nome Arturo com 27 anos, e, no mais novo, era eletricitista, Paolo Aldobrando, com 25 anos de idade.

O bondoso Chagas Barreto escondeu e cuidou dos dois italianos como se fossem filhos. Resolveu, na surdina, levar os dois fugitivos para uma outra propriedade, localizada em Taperoaba, distante 70 km de Sobral.

Durante quase todo o conflito, Seu Chagas protegeu os italianos. Ensinou a falar português e não deixou que faltasse nada para os estrangeiros.

Terminara a Segunda Guerra Mundial, com a rendição dos países do Eixo, em setembro de 1945, os dois italianos, Arturo e Paolo embarcaram para voltar à terra natal.

O Coronel organizou uma festa de despedida, presenteando os italianos com duas medalhas de São Francisco das Chagas de Canindé.

No retorno, já próximo da costa da Sardenha, na Itália, o navio naufragou e os dois rapazes pereceram, nas águas escuras do Mediterrâneo.

## 6. Lei das Sociedades Anônimas

A conceituada empresa sobrelense F. Chagas Barreto & Cia., experimentou, nas décadas dos anos 1950, 1960 e 1970, um considerável crescimento na área comercial e patrimonial.

Empresa de cunho familiar, comandada por mão de ferro de um ex-ferreiro, seu fundador, Francisco das Chagas Barreto Lima. O empresário centralizava o poder decisório, tendo como escudeiro e substituto eventual, o filho, também comerciante, Cesário Barreto Lima.

No início dos anos 1960, Cesário Barreto, resolveu pedir afastamento das empresas, para dedica-se inteiramente às atividades de natureza política partidária, candidatando-se, nas eleições municipais do ano de 1963, ao honroso cargo de Prefeito de Sobral.

Seu Pai, Chagas, embora bastante contrariado com o seu afastamento das empresas, chamou seu filho adotivo, Joaquim Barreto Lima, para ocupar a vaga do filho Cesário, como seu lugar tenente, na condução dos negócios da família Barreto.

O jovem diretor, com um trabalho sério e inovador, acabou logo, logo, caindo nas graças do poderoso tio, Chagas Barreto.

O professor da Escola de Comércio de Sobral, Joaquim Barreto, com anuência do Diretor Presidente, partiu para assinatura do contrato de distribuidor exclusivo dos produtos da Cervejaria Brahma, e, com o grupo empresarial cearense J. Macedo, sócio acionário da famosa empresa de fabricação de bebidas, com sede na cidade do Rio de Janeiro.

Em pouco tempo a F. Chagas, sob o comando do jovem diretor comercial, transformou-se em um poderoso grupo regional, representando em 5 Estados os famosos produtos já mencionados.

O sobrinho e filho adotivo do Cel. Chagas, diariamente, introduzia métodos modernos na estrutura do grupo comercial.

Além de Joaquim Barreto, a firma contava ainda como sócios, com os genros do proprietário, Chagas Barreto, com Antônio Amâncio (casado com a filha de Margarida), José Valeniano Dias (casado com Porcina), Maximino Barreto (sobrinho-neto) e José Maximino Barreto Lima (filho caçula).

O céu era o limite para o jovem executivo sobralense. Participando ativamente de congressos e seminários, patrocinados pelos dois grupos dos quais era representante, Cervejaria Brahma e Grupo J. Macedo. Joaquim Barreto tornou-se um defensor ardoroso da S/A (Sociedade Anônima).

O grupo J.Macedo, por exemplo, já havia colocado na sua estrutura familiar a Sociedade Anônima, estrutura comercial que diluía o capital em ações ou quotas, dando posição de comando a quem mais ações possuísse. Era a novidade da administração dos Estados Unidos da América, nos anos 1950.

O jovem executivo, empolgado com as novidades, tentou convencer ao centralizador e poderoso padrinho, da importância da novidade para o crescimento futuro do grupo empresarial sobralense.

Foi marcada uma reunião no palacete, assim era chamada a residência do Cel. Chagas, ao lado do Teatro São João. Todos os sócios foram convidados para debater a proposta de mudança e tomar conhecimento da palavra final do comandante Chagas Barreto. O filho, Cesário, na época exercendo o cargo de Prefeito Municipal de Sobral, também foi convidado para o evento familiar.

O Diretor Comercial, tomou a palavra e fez uma longa explanação dos benefícios que a empresa iria auferir, atuando como S/A, atraindo novos sócios e investidores, diversificando ainda mais os ramos de atividades e expandindo suas fronteiras comerciais para além das já conquistadas.

Muitas perguntas foram feitas na ocasião. Questões foram levantadas. Um representante do Grupo J. Macedo foi convidado para apresentar aos presentes os sucessos da introdução da S/A na estrutura comercial da J. Macedo. Os fortes argumentos relativos ao sucesso da novidade acabaram se tornando uma unanimidade entre os participantes da reunião.

O jovem executivo, Joaquim Barreto, empolgado, resolveu finalmente escutar a palavra final do Presidente da F. Chagas Barreto.

– E o Senhor, tio Chagas, qual a sua decisão?

O velho Coronel coçou a cabeça, e com a sua voz tão característica, forte e rouca, respondeu:

– Joaquim, escutei atentamente! Sou testemunha do grande trabalho e amor que você tem dispensando aos negócios da nossa empresa. Você é merecedor de toda a minha confiança, mas, infelizmente, sou contra! Não concordo!

Todos ficaram calados, apenas o genro, Antônio Amâncio, com sua maneira fidalga de tratar as pessoas e merecedor do respeito de todos, perguntou:

– Seu Chagas, nós estamos curiosos e sem entender o motivo de sua recusa.

– Muito simples, Antônio Amâncio, sendo Imperador, eu seria burro se eu proclamasse a República.

Dito isso, levantou e saiu da reunião, deixando a todos perplexos.

– O Coronel enxerga a vida de binóculos. Em time que está ganhando, não se mexe.

Todos caíram na risada e nunca mais se falou em S/A, na família Barreto Lima.

## 7. A Buzina

Nos dias de hoje, em determinadas cidades do interior, o cotidiano ainda pode ser abalado por motivo de curiosidade, de alvoroço e de disse me disse. A simples chegada de alguém na cidade gera na mente das pessoas especulações e desconfiança.

Agora, imaginemos a chegada de um automóvel de passeio, importado, da marca FORD, chegando em Sobral no final dos anos 1940, vindo do Rio de Janeiro, tendo sido adquirido por um dos mais conhecidos e bem-sucedidos comerciantes local, o senhor Francisco das Chagas Barreto Lima. Foi uma grande novidade! Na época, só existia em Sobral uma frota de não mais que dez veículos, sendo seus proprietários os senhores de mais posses da cidade.

A chegada do carro à cidade foi aguardada com muita euforia e expectativa. O automóvel, fabricado nos Estados Unidos, no ano de 1946, de cor preta, era seminovo, bastante conservado, com bancos de couro e tinha quatro portas. Seu Chagas não sabia dirigir e por este motivo, contratou como instrutor o jovem motorista sobralense, conhecido na cidade pelo apelido de ESPIRRO, em razão do corpo franzino e de sua baixa estatura.

O Seu Chagas Barreto, homem conceituado e próspero sobralense, era um cidadão muito bem relacionado na conservadora sociedade da Princesa do Norte. Era um tipo de homenzarrão, alto e bastante forte. Ele e seu instrutor formavam uma curiosa e engraçada dupla, rodando pelas ruas de Sobral, naquele carrão. Pelo seu corpanzil, o Seu Chagas sé faltava encostar a cabeça no teto do carro, enquanto e que seu instrutor, praticamente desaparecia ao seu lado, no banco do veículo.

Ao começarem as aulas de direção, Sobral, ficou em polvorosa! Ninguém estava mais seguro nas ruas, calçadas e praças, durante aquele horário, em que o aprendiz de “Juan Manuel Fangio” (célebre piloto argentino, pentecampeão mundial de automobilismo), estava à direção do seu carro. Seu Chagas Barreto, durante as suas aulas, já havia atropelado dois pedestres, dois ciclistas, uma vaca e dois jumentos. As mães chegavam a proibir os filhos de brincar fora de casa, enquanto o professor e seu aluno estivessem pelas ruas de Sobral. Finalmente, para a felicidade geral do povo sobralense, graças à valiosa ajuda do professor Espirro, o respeitável senhor foi habilitado na prática da arte de dirigir:

Durante o período em que durou todo o processo da ascensão do Seu Chagas Barreto a motorista amador, ele adquiriu o hábito que tornou-se uma marca registrada, uma particularidade marcante do velho comerciante. Mesmo sendo seu carro equipado com uma potente buzina, Seu Chagas, quando alguém atravessava-se na frente do carro, ele colocava a cabeça pra fora da janela e gritava:

– Sai do meio, filho de uma égua! - esta frase pronunciada com toda a força, veio a ser a buzina oficial do Seu Chagas Barreto, virando patrimônio incorporado ao cotidiano da vida social de Sobral.

Seu Chagas era ainda proprietário de outros bens móveis e resolveu desfazer-se de uma camioneta Rural Willys. Colocou um anúncio no jornal de circulação local, o Correio da Semana, com o número do telefone de sua residência para contrato. Algumas pessoas desocupadas, lendo aquele anúncio, começaram a ligar em tom de brincadeira para a casa do comerciante, perguntando se quem, comprasse a camioneta, levaria a “buzina” de brinde. Do outro lado da linha, o engraçadinho escutava um tremendo NÃO, acompanhado, evidentemente, de um FDP, dito com todo vigor.

O “sai do meio, filho de uma égua”, ficou patenteado como a buzina do Seu Chagaas Barreto. Ele parou de dirigir aos 83 anos de idade, por estar com problemas de visão.

O carismático Chagas Barreto gostava de gabar-se, de que, graças à sua fantástica “buzina”, nunca havia batido num outro carro, enquanto guiou pelas ruas e estradas do município de Sobral, nos seus 43 anos de direção.

## 8. O Noivado de Damião

Os fatos que originaram essa narrativa aconteceram em meados dos anos 1950, tendo como cenário a aprazível fazenda Alagoinha, de propriedade do senhor Francisco das Chagas Barreto Lima.

A estrutura da vivenda situada a 5km do centro da cidade de Sobral, era composta da casa sede, estábulos para o gado leiteiro e de corte, cocheiras e, quatro casas, para as famílias que trabalhavam na propriedade do Coronel Chagas Barreto.

Completava a infraestrutura do local um açude, de médio porte, usado para o lazer e criação de pescado, com uma capacidade de armazenamento de 900 mil m<sup>3</sup> de água.

O dono da Alagoinha contava com os trabalhadores José Lins, Manuel Paula, Antônio Carolino e uma representante do sexo feminino, de nome Ana, encarregada dos serviços domésticos da casa-grande, da valorizada fazendinha.

A caseinha, Dona Ana, era viúva e mãe de três filhos. Era uma mulher de fibra, que gozava da confiança integral dos patrões. Era a responsável pelos deliciosos queijos produzidos na fazenda, sendo considerada uma queijeira de mãos de ouro. Seu Chagas a chamava de xerife da Alagoinha. Criava galinhas, ovos e capote, que lhe rendiam um bom dinheirinho extra.

Dos filhos da governanta, destacava-se uma adolescente, conhecida, carinhosamente, de Nenê. Uma moça prendada na arte de corte e costura, e era dotada de rara beleza. Sabia ler e escrever, sendo a organizadora do livro-caixa da fazenda. Era, como se dizia, perfeita para o casamento!

Seu Chagas sempre vendia o gado de corte e os novinhos, crias do seu gado leiteiro, pra um comerciante de carnes de Sobral. O marchante, cujo nome era Damião Cavalcante, proprietário

de um pequeno ponto no Mercado Público da Princesa do Norte. Trabalhador e um jovem homem sério nos negócios, logo conquistou a irrestrita confiança do poderoso comerciante, Chagas Barreto Lima.

Damião, que era solteiro, numa das vezes em que foi avaliar o gado do Seu Chagas, conheceu a filha da caseira, Dona Ana. “Foi amor à primeira vista”!

Seu Chagas reconheceu a paixão que sentia Damião por Nenê, e, favoreceu a conquista, como padrinho, dando o seu total apoio, no sentido de convencer a braba Dona Ana dos bons sentimentos de Damião em relação à sua filha, passando assim, a frequentar da casa da encantadora Nenê.

Antigamente, era um procedimento normal pedir permissão para namorar. E, como mandava o figurino, após as garantias do patrão, sobre o caráter do pretendente, Dona Ana permitiu o namoro, aos domingos, do pretense futuro genro.

O tempo foi passando, a confiança foi estabelecida, a sogra foi conquistada e o amor foi aumentando.

Quase todos os domingos (antes) e por que não dizer, todos os domingos (depois), o namorado aproveitava para almoçar na casa da Nenê, onde podia apreciar os dotes culinários de Dona Ana, comendo a famosa galinha caipira ao molho pardo, para deleite do paladar do futuro genro, que apenas no espaço de seis meses, chegou a engordar nove quilos.

O Varão, Chagas Barreto, também apreciador de uma boa cabidela de galinha pé-duro, começou a sentir dificuldade de comprar as penosas de Dona Ana, como era de hábito, sempre que voltava à cidade de Sobral, levava já mortas para Dona Sinhá fazer ao modo dela, o delicioso prato, de sabor inigualável. Resolveu, então, investigar. Chamou o morador, Zé Lins, espécie de capataz-mor, da fazendinha, e perguntou:

– Zé Lins, será que estão roubando as galinhas de Dona Ana? Ela nunca mais ofereceu uns ovinhos de pé-duro e nem uns

franguinhos pra eu levar pra Sinhá....Tem raposa no galinheiro?  
O capataz não titubeou:

– Num tem roubo e nem raposa, não senhor, Seu Chagas. É o Damião Cavalcante, comendo as caipiras, todo domingo. É ele o raposão! O pior, Seu Chagas, é que agora, só resta o galo!

No dia seguinte, Seu Chagas mandou um recado para o marchante, Damião, solicitando que ele, à noitinha, fosse até sua casa, na Praça São João.

Como todas as famílias interioranas, principalmente em tempos passados, era muito comum as cadeiras na calçada, e o bate-papo entre compadres e vizinhos Muito bem instalado em sua cadeira de balanço, Seu Chagas avistou, ainda ao longe, a afilhado, Damião, que vinha atender ao chamado do padrinho. Cordialidades foram trocadas, amenidades foram ditas, até o momento que o dono da casa puxou o assunto a ser esclarecido.

– Damião, o papo sobre o próximo inverno tá muito bom, mas me responda olhando nos meus olhos...Seja macho! Quais são suas verdadeiras intenções para com a Nenê, a filha da comadre Ana e minha protegida?

Como era de se esperar, diante de tão grande impresado, Damião, engasgou, tossiu e suando frio, gaguejou:

– Co co cocoronel Chagas, são as melhores possíveis!

O velho Coronel apertou o braço do aflito Damião e disparou:

– Esse namoro tá demorando demais! Acho melhor o amigo ir logo marcando a data do casório, porque resta somente um galo no terreiro da tua futura sogra, e esse, é para o almoço do próximo domingo.

O pretenso noivo, quase sem voz, argumentou:

– Co co cocoronel, esto esperando firmar o inverno para noivar e casar em fins d’aguas. O dono da Alagoinha deu uma gostosa gargalhada e comentou:

– Damião, Damião, vamos antecipar “as alianças”, pois depois do galo, só vai restar o papagaio Rafael, da Dona Ana. Ô bicho de carne dura é papagaio! O amigo vai encarar?

Damião, com cara de nojo, levantou-se e saiu em disparada rumo à sua casa.

No dia seguinte, ao passar pelo Mercado Público, Seu Chagas Barreto foi abordado por um conhecido:

– Coronel Chagas, o Damião Cavalcante já disse que vai casar no próximo mês, para não ser obrigado a comer o papagaio da sogra!

Seu Chagas narrou para o ouvinte toda a inusitada história. A gargalhada foi coletiva! O caso se espalhou rapidamente, pelo Mercado Público de Sobral, provocando acesso de risos nas pessoas, para desespero do zangado Damião Cavalcante.

No mês seguinte, o Vigário da Igreja da Sé, Monsenhor Domingos Araújo, realizou a cerimônia de casamento de Damião e Nenê, sendo o alpendre da casa-grande da Alagoinha, o cenário que abrigou o momento tão esperado e festivo. Órfã de pai, foi conduzida ao altar, improvisado, pelas mãos do seu padrinho, o Coronel Chagas Barreto Lima.

Enquanto a festa acontecia, no poleiro da cozinha de Dona Ana, o papagaio Rafael, repetia, sem parar:

– Damião...Damião...Damião como Rafael não, come não, come não...

## 9. A Filosofia do Seu Gil

O Coronel Francisco das Chagas Barreto Lima, conhecido e estimado comerciante de Sobral, ficou viúvo com quase oitenta anos de idade, passando a morar sozinho, no seu antigo casarão, na Praça São João.

Para acabar com a “ladainha” diária dos filhos, da necessidade de uma companhia, convidou um velho vigia, de sua empresa comercial, para dormir na sua casa, tranquilizando, assim, os filhos, quanto ao fato de não mais permanecer durante as noites, sozinho, no velho casarão.

O vigia, de nome Gil Ferreira, já beirando os setenta anos, caladão, servidor ao extremo, aceitou, de bom grado, o convite do protetor e antigo chefe. Além de ganhar um dinheiro extra para ajudar na aposentadoria, a comida, na casa do Seu Chagas era farta e muito variada. Todos os familiares do Seu Chagas o tratavam com muita consideração e carinho.

A residência do patriarca vivia cheia de gente. O “velho” continuava como bússola orientadora de toda a gente família Barreto. Era a sombra do Juazeiro, onde os grandes problemas familiares eram debatidos.

Os filhos, genros, noras, netos, sobrinhos, além da legião de amigos, procuravam a orientação nos seus sábios conselhos de vida.

Este fato, aqui narrado, aconteceu no final dos anos 1960: Joaquim Barreto Lima, sobrinho e filho adotivo de Chagas Barreto, na época, era o Prefeito Municipal de Sobral. Órfão, ainda pequeno, foi criado pelo tio, onde aprendeu as artes do comércio, tornando-se seu braço direito no estabelecimento comercial da família.

Kinkão, como era conhecido entre os eleitores sobralenses, era uma figura humana extraordinária, ao ponto de ser alcunhado

pela população pobre de o “oceano de bondade”. Seu único defeito, segundo, um primo-irmão, era ser bom demais.

Mas, como ninguém é perfeito, e todo grande homem também tem seus senões, Joaquim, o Kinkão, era um namorador inveterado, para o sofrimento e tristeza da inconsolável e apaixonada esposa.

Naquela fatídica manhã de setembro de 1970, a dedicada companheira, num ato de extremo desespero, tentou o suicídio, tomando todo um vidro de um forte analgésico para dores de cabeça, ao tomar conhecimento de mais um caso amoroso do marido. Graças ao rápido atendimento, e, ação eficaz de uma lavagem estomacal, conseguiu salvar-se.

Logo foi marcado um conselho da família, na casa do patriarca, Seu Chagas, para debater o grave problema, envolvendo o sobrinho querido, o então prefeito de Sobral. Foram convocados os filhos, genros e as noras, para o concílio inquisitório do Kinkão.

No dia marcado, a grande sala, da casa do velho comerciante, estava lotada. Era gente saindo pelo ladrão”. Ninguém queria perder o julgamento familiar. As mulheres cochichavam baixinho, condenando o pobre Joaquim, sentado à direita, do pai adotivo. As mais exaltadas estavam sugerindo chamar, o Monsenhor Domingos Araújo, para ouvir em confissão, e, benzer, o adúltero. Os homens, solidários na “dor”, procuravam levantar o moral do kinkão, embora, intimamente, muitos se divertiam com a cômica e vexatória situação do ilustre parente, o Prefeito Municipal de Sobral.

Silêncio total, o dono da casa começou a falar, com seu vozeirão rouco e estridente, fazendo trepidar os cristais da cristaleira, da falecida esposa.

O “pito” está sendo passado. O pobre do prefeito apenas coçava a cabeça, fechando os olhos. Seu Chagas falava do valor familiar, da importância da união, da paz, do respeito entre os casais. Finalmente, como veredito final, determinava que o

Kinkão tinha que abandonar a “rapariga”, pedir perdão, e, voltar para os braços da santa esposa.

Seu Gil, encolhido num canto da cozinha, escutava a conversa e de vez em quando, era chamado. Entrava na sala, para servir guaraná para as damas, água e café para os senhores. Quando tudo parecia acertado, e a paz voltaria a reinar no seio familiar, Seu Gil, repentinamente, pediu a palavra:

– Posso falar, Seu Chagas? O dono da casa fechou a cara e respondeu de mau humor:

– O que é, caboclo? Tá se metendo em conversa de branco?

Um filho de Seu Chagas, que estava sentado ao lado do pai, argumentou:

– Deixa pai, deixa o Gil falar:

O velho vigia, olhou bem para os presentes, e comentou:

– Seu Chagas, só quero dizer uma coisa. Se mulher fosse tomar veneno por causa de “chifre” de marido, nesta sala, só tinha viúvo!

Silêncio total!

## 10. Golpe de Mestre

Em 1965, o Presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco, estava visitando a cidade de Sobral, a convite, do então prefeito, Cesário Barreto Lima.

O Marechal Presidente veio especialmente para a inauguração do Hotel Municipal, construindo com recursos municipais, sendo considerado o mais moderno e mais confortável do interior cearense. A obra era um antigo sonho da sociedade sobralense.

O chefe Maior da Nação era amigo pessoal do General Flamarion Barreto, irmão do prefeito da Princesa do Norte.

Em 1951, o Presidente Castelo Branco tinha visitado a cidade de Sobral, como comandante da 10ª Região Militar, acompanhado do Major Flamarion, e tinha pernoitado na residência do Sr. Chagas Barreto, genitor do amigo oficial e do atual prefeito do município.

O presidente Castelo Branco, durante a visita à cidade de Sobral, fez questão de quebrar o rígido protocolo e fazer uma visita de cortesia à casa do patriarca dos Barretos, acompanhado de toda a sua comitiva. O Marechal tomou água de coco e recordou, alegremente, com a mãe do Prefeito, Dona Sinhá, a rede de varandas brancas, com cheiro de baú, em que tinha dormido no andar de cima, e, do sabor da tapioca com cuscuz, no café da manhã.

Seu Chagas aproveitou a oportunidade para convidar o ilustre convidado e toda comitiva, para jantar na sua residência. O Presidente e sua comitiva participariam de um jantar e pernoitariam na residência da família Moreira, os proprietários da fábrica CIDAO, tradicional indústria de beneficiamento de algodão.

O presidente Castelo Branco, diante do delicado e insistente convite, resolveu aceitar, para o olhar espantado de Dona Sinhá. Os filhos, Flamarion e Cesário, ao tomarem conhecimento do fato, quase morreram de susto, pois tinham conhecimento que na cozinha da casa dos pais, só tinha o trivial para o jantar do dia a dia, ou seja, pão, leite, cuscuz...Dona Sinhá chamou os filhos para uma conversa no canto da sala e comentou:

– O Chagas tá doido! Louco varrido. Convidou para jantar o Presidente da República e sua Comitiva de mais de 15 pessoas sem ter nada o que comer.

O Prefeito, Cesário Barreto e o irmão primogênito, General Flamarion, com as mãos nas cabeças, não sabiam o que fazer, enquanto o Dono da Casa, despreocupado, convidava mais e mais pessoas, além do Presidente e sua comitiva.

Antes de jantar, o Mandatário Maior da Nação tinha programado uma visita ao Bispo Diocesano para juntos irem até a Instituição Filantrópica Abrigo Coração de Jesus, de pessoas idosas. O General Castelo era conhecido pela pontualidade. Todos que o acompanhavam tinham conhecimento deste rigoroso capricho do velho comandante: era o mais inglês dos ingleses em questão de horário.

Na hora combinada para o jantar, o Presidente da República e sua comitiva chegaram à residência do comerciante Chagas Barreto Lima. Os filhos, Cesário e Flamarion, quando entraram na casa dos pais, quase perderam a fala, tamanho foi o susto, não acreditando no que estavam vendo. Tudo extremamente limpo, o chão atapetado, a casa toda decorada com flores naturais, garçons a postos, em linho impecável, a mesa do jantar com uma linda toalha bordada, louça inglesa e talheres de prata. Dona Sinhá, de vestido novo, largo sorriso nos lábios, recebia a todos os ilustres convidados, na porta de entrada, ao lado do marido.

O jantar, em homenagem ao Presidente, foi servido pontualmente no horário previsto: lagosta ao molho de camarão

e filé ao molho madeira eram as opções, com acompanhamento de batata souté, arroz à grega e salada de maionese. Como sobremesa, doces e sorvetes regionais.

Castelo Branco adorou o jantar! Sentado ao lado de Dona Sinhá, divertindo-se com as histórias do anfitrião.

Os dois ilustres filhos do dono da casa, ainda de boca aberta, não acreditavam no misterioso milagre das “Bodas de Caná”.

No dia seguinte, após o embarque do Presidente da República, o Prefeito Cesário Barreto Lima foi até a casa dos seus pais, para desvendar o mistério da noite anterior e matar a inquietante curiosidade.

Seu Chagas com um irônico e largo sorriso nos lábios, balançou a cabeça e comentou:

– Fui até a casa dos Moreiras, onde um fausto jantar aguardava o Presidente e a sua comitiva, e trouxe tudo pra cá, do garçom à sobremesa.

PARTE III

---

ICONOGRAFIA  
E BIBLIOGRAFIA

## Iconografia



Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano em Sobral – meados dos anos de 1915.



Dona Cesarina Lopes Barreto (Sinhá Barreto), esposa do comerciante Chagas Barreto Lima, Sobral – ano de 1920.

# SAPATARIA IDEAL

*F. Chagas Barreto*

PREMIADA COM MEDALHA DE BRONZE NA EXPOSIÇÃO  
INTERNACIONAL DO CENENÁRIO, NO RIO DE JANEIRO.

DIPLOMADA NA EXPOSIÇÃO DE MARANGUAPE DE 1917

MENÇÃO HONROSA NA EXPOSIÇÃO DE SOBRAL DE 1918

Fabricantes de calçados e malas, especialista em aviaamentos para  
sapateiros, sarteiros e corretores.

Vendas por atacado. Vendas a varejo exclusivamente a dinheiro.  
Unica casa nesta zona que compra directamente nas melhores fabricas  
do sul do Pa'z, a unica tambem que vende um par de perneiras  
de sola resistente por 12\$000, garantindo a durabilidade de 3  
anos, unica, ainda, que nesses tempos de dificuldades,  
vende por 8\$000 um par de sapatos para senhoras.

## Escriptorio e Deposito

49 — RUA SENADOR PAULA — 49

## -- Oficinas --

56 — RUA DO MENINO DEUS — 56

## Sobral — Ceará

Panfleto da Sapataria Ideal em Sobral — meados dos anos de  
1920.



Os irmãos Barreto Lima em Sobral meados dos anos de 1940. Esquerda para Direita em pé, Luciano Barreto, Cesário Barreto e sentado Major Flamarion Barreto Lima.



Sede da Casa Chagas Barreto – meados dos anos de 1960, em Sobral.



Bodas de Ouro do casal Chagas Barreto Lima e Dona Cesarina Lopes Barreto em Sobral, ano de 1962.



Família Barreto Lima ano de 1962 – Sobral/Ce. Da esquerda para Direita: Martônio Barreto (neto), Adonias Alves (genro), Cesário Barreto Lima (filho), Coronel Chagas Barreto Lima, Coronel Luciano Thebano Barreto (filho), Flamarion Barreto (filho) e genros Antônio Amâncio e Valeriano Dias.



A família do Coronel Chagas Barreto Lima. Bodas de Ouro ano de 1962, em Sobral.



Visita do Presidente da República em Sobral, no ano de 1965.  
Em frente, Marechal Castelo Branco e Prefeito Municipal Cesário Barreto Lima



Visita do Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco em Sobral – ano de 1965.



Várão Chagas Barreto Lima e sua irmã Manoela Barreto. Sobral, início de 1970.



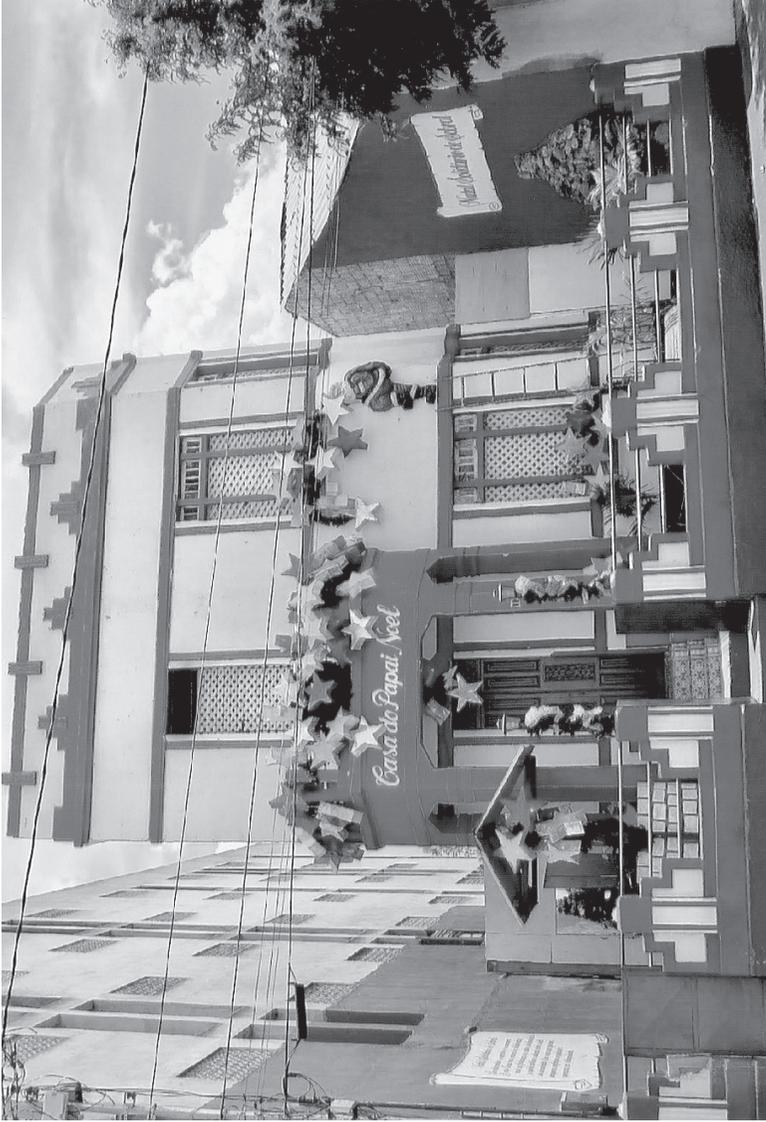
Sede da Casa Chagas Barreto. Grande cheia do Rio Acaraú – ano de 1974, Sobral/CE.



Missa na Catedral de Sobral em homenagem ao Coronel Luciano Thebano Barreto no ano de 1979. Esquerda para direita, Dr. Plínio Pompeu e Luciano Barreto.



Lançamento do Guaraná na Cervejaria Brahma início dos anos de 1980 em Sobral. Esquerda para direita: Coronel Nicodemos, Deputado Chico Figueiredo, Maximino Barreto, José Maximino, Governador Virgílio Távora e Prefeito de Sobral Dr. José Euclides Ferreira Gomes Jr.



Antiga residência do Coronel Francisco das Chagas Barreto Lima – meados dos anos 2000 em Sobral.



Lançamento do Livro dos escritores Marcelo Barreto Alves e César Barreto Lima, no Náutico, em Fortaleza – ano de 2014.



Autor do Prefácio, Juiz de Direito Dr. Chagas Barreto Alves e escritor César Barreto Lima, em Fortaleza, no ano de 2015.



Os autores César Barreto Lima e Saulo Barreto Fernandes, em Fortaleza, no ano de 2016.

## Bibliografia

FROTA, D. José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995.

BARROS, Suely Barreto. **Minha doce Margarida**. Natal: Edição da Autora, (S/D).

BRASIL, Jocelyn. **Andanças e lembranças**. Pará: Edições Aleutianas, 1990.

CRATEÚS, Academia de Letras. **Crateús: 100 anos**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE. 1995.

LIMA, César Barreto. **Um Verão de Plutarco: a saga de Chagas Barreto. Essa é do Cesário**. 2ª Edição. Fortaleza: Premius Editora, 2009.

\_\_\_\_\_, **O homem é o Quinca**. Fortaleza: Premius Editora, 2010

\_\_\_\_\_, **Estórias e Histórias de Sobral**. Sobral: IOM – Imprensa Oficial do Município, 2005.

SANTOS, Chislene Carvalho dos. **Sentimentos no sertão republicando, empresa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908-1924)**. Campinas, SP: (s.n), 2005

SILVA, Flávio Machado e. **Crateús: lembranças que aquecem o coração**. Fortaleza. Premius Editora, 2012.



Este livro foi composto  
na fonte Calixto MT e impresso  
em papel Pólen 80 grs.,  
em março de 2018, na  
RDS Gráfica e Editora Ltda.,  
em Fortaleza - Ceará - Brasil.